

# IHU

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 402 - Ano XII - 10/09/2012 - ISSN 1981-8769



## Edgar Morin e o pensamento complexo

**Jean Louis Le Moigne**

Um apelo ao eterno perguntar

**Edgard de Assis Carvalho**

A revogação do antropocentrismo e a aquisição de saberes transversais

**Mario Novello**

Um pensamento que não recebe ordens

**EMAI**

**Pedro Trigo:**

Teólogos enclausurados na academia. Um desafio

**James Alison:**

“O perdão antecede o pecado”. A superação de uma visão moralista e chantagista

# Edgar Morin e o pensamento complexo

O pensamento complexo seguindo as rotas abertas por Edgar Morin é o tema da revista **IHU On-Line** desta semana. Pesquisadores e pesquisadoras de várias áreas do conhecimento contribuem no debate.

A fragmentação dos saberes obstaculiza a consolidação do humanismo, atesta Edgard de Assis Carvalho, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. A ciência se tornaria menos arrogante e prepotente caso assumisse a unidade indissolúvel entre o sapiens e o demens dos seres humanos, assinala.

Jean Louis Le Moigne, professor emérito da Universidade Aix-Marseille (França), analisa a importância das obras de Morin em conexão com as ciências dos sistemas, a engenharia e a inteligência artificial. Todos somos responsáveis pela aventura do conhecimento humano e de suas sociedades, avalia.

Unir conhecimentos, ciências exatas e humanas é o objetivo da transdisciplinaridade hoje, afirma o físico romeno Basarab Nicolescu. Saberes entrelaçados são esperança de “uma

vida mais humana”, além de reencontrarmos o sentido em nosso mundo.

A autonomia dos saberes acontece na “relação criativa com outras partes”, e não através do isolamento, que atesta miopia e morte, assinala Laércio Pilz, professor na Unisinos. A abertura ao Outro e aos diferentes saberes é o que “alimenta o nosso viver e o desejo pelo saber”.

Gerson Egas Severo, professor da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, examina o legado de Morin para compreendermos a miopia dos saberes que não dialogam, o delírio arrogante de tudo conhecermos, e a falta de sentido num ensino compartimentalizado.

“Pode parecer dramático, mas é realista: a necessidade da transdisciplinaridade aparece mesmo no interior de uma ciência como a Física”, constata o físico Mario Novello.

Na visão de Angelita Maders, Defensora Pública do Estado do Rio Grande do Sul, o pensamento aberto à transdisciplinaridade e o pensamento complexo auxiliam a compreensão do sujeito e o diálogo com outros saberes para encontrar uma solução,

mesmo que provisória, aos problemas da humanidade.

Um artigo e mais duas entrevistas completam a presente edição.

Dênis de Moraes, professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense, recorda a trajetória e o testemunho de Valério Brittos, recentemente falecido, descrevendo-o como um missionário da ética e da solidariedade.

James Alison reflete sobre a doutrina do pecado original à luz da Ressurreição de Jesus Cristo, seguindo as trilhas de Paulo de Tarso e René Girard. O teólogo inglês busca superar uma visão moralista e chantagista do pecado original.

Apostando numa teologia capaz de ler os ‘sinais dos tempos’ sendo profética, o teólogo jesuíta venezuelano Pedro Trigo, refletindo sobre a caminhada da reflexão teológica latino-americana, aponta os riscos de teólogos enclausurados na academia.

A todas e a todos uma ótima semana e uma excelente leitura!



**Instituto Humanitas  
Unisinos**

Endereço: Av.  
Unisinos, 950,  
São Leopoldo/RS.  
CEP.: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 - ramal 4128.

E-mail: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.  
Gerente Administrativo: Jacinto  
Schneider ([jacintos@unisinos.br](mailto:jacintos@unisinos.br)).

## IHU

**IHU On-Line** é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU  
ISSN 1981-8769.  
IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos.  
Apoio: Comunidade dos Jesuítas – Residência Conceição.

### REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio Neutzling ([inacio@unisinos.br](mailto:inacio@unisinos.br)).  
Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 ([grazielaw@unisinos.br](mailto:grazielaw@unisinos.br)).  
Redação: Márcia Junges MTB 9447 ([mjunges@unisinos.br](mailto:mjunges@unisinos.br)), Patrícia Fachin MTB 13062 ([prfachin@unisinos.br](mailto:prfachin@unisinos.br)) e Thamiris Magalhães MTB 0669451 ([thamirism@unisinos.br](mailto:thamirism@unisinos.br)).  
Revisão: Isaque Correa ([icorrea@unisinos.br](mailto:icorrea@unisinos.br)).

Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.

Projeto gráfico: Agência Experimental de Comunicação da Unisinos - Agexcom.

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Patrícia Fachin, Luana Nyland, Natália Scholz, Wagner Altés e Mariana Staudt

# LEIA NESTA EDIÇÃO

## TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Quem é Edgar Morin?**
- 5 **Baú da IHU On-Line**
- 6 **Edgard de Assis Carvalho:** A revogação do antropocentrismo e a aquisição de saberes transversais
- 11 **Jean Louis Le Moigne:** Um apelo ao eterno perguntar
- 17 **Mario Novello:** Um pensamento que não recebe ordens
- 21 **Angelita Maria Maders:** Morin e a compreensão do Direito como um sistema
- 25 **Laércio Pilz:** Complexidade e pensamento vivo
- 29 **Gerson Egas Severo:** A professora imaginária e o descentramento da humanidade
- 34 **Basarab Nicolescu:** A incompatibilidade entre transdisciplinaridade e pensamento único

## DESTAQUES DA SEMANA

- 36 **LIVRO DA SEMANA:** James Alison: “O perdão antecede o pecado”. A superação de uma visão moralista e chantagista
- 40 **TEOLOGIA PÚBLICA:** Pedro Trigo: Teólogos enclausurados na academia. Um desafio
- 44 **COLUNA DO CEPOS:** Dênis de Moraes: Valério Brittos, missionário da ética e da solidariedade
- 46 **DESTAQUES ON-LINE**

## IHU EM REVISTA

- 48 **Agenda da Semana**
- 50 **IHU Repórter:** Sérgio Trombetta



[twitter.com/ihu](https://twitter.com/ihu)



[bit.ly/ihufacebook](https://bit.ly/ihufacebook)



[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

# Tema de Capa

Destques  
da Semana

IHU em  
Revista

# Quem é Edgar Morin?

Edgar Morin nasceu em Paris, no dia 8 de julho de 1921. É um antropólogo, sociólogo e filósofo francês, judeu de origem sefardita. Pesquisador emérito do Centre National de la Recherche Scientifique. Formado em Direito, História e Geografia, realizou estudos em filosofia, sociologia e epistemologia. É autor de mais de trinta livros, entre eles: O método (6 volumes), Introdução ao pensamento complexo, Ciência com consciência e Os sete saberes necessários para a educação do futuro. Durante a Segunda Guerra Mundial, participou da Resistência Francesa. É considerado um dos principais pensadores contemporâneos e um dos principais teóricos da complexidade.

Filho único, seu pai, Vidal Nahoum, era um comerciante originário de Salônica. Sua mãe, Luna Beressi, faleceu quando ele tinha 10 anos. Ateu declarado, descreve-se como um neomarrano.

A principal obra de Edgar Morin é a constituída por seis volumes, “La méthode” (em português, O Método). Foi escrita durante três décadas e meia. Trata-se de uma das maiores obras de epistemologia disponível. Morin inicia os primeiros escritos de da obra em 1973, com a publicação do livro O paradigma perdido: a natureza humana, uma transformação epistemológica por questionar o fechamento ideológico e paradigmático das ciências, além de apresentar uma

alternativa à concepção de paradigma encontrada em Thomas Kuhn. Seu primeiro livro traduzido para o português é O cinema ou o homem imaginário, em 1958.

Morin afirma que diante dos problemas complexos que as sociedades contemporâneas hoje enfrentam, apenas estudos de caráter inter e politransdisciplinar poderiam resultar em análises satisfatórias de tais complexidades. “Afinal – escreve –, de que serviriam todos os saberes parciais senão para formar uma configuração que responda a nossas expectativas, nossos desejos, nossas interrogações cognitivas?”

Disponível em: <http://migre.me/aBgaN>.

## O Método em português

*O Método 1 – A Natureza da Natureza* (Europa América: Portugal 1987. Porto Alegre: Sulina, 2003)

*O Método 2 – A vida da vida* (Europa América, 1999. Sulina, 2001)

*O Método 3 – O Conhecimento do Conhecimento* (Europa América, 1996. Sulina, 2002)

*O Método 4 – As ideias: habitat, vida, costumes, organização* (Sulina, 2002. Europa América, 2002)

*O Método 5 – A humanidade da humanidade: a identidade humana* (Sulina, 2003. Europa América, 2003)

*O Método 6 – A Ética* (Europa América, 2005. Sulina, 2005)

## Baú da IHU On-Line

Confira a edição da **IHU On-Line** que trata sobre tema congêneres aos de Edgar Morin:

- *O ser humano como sujeito social na Teoria dos sistemas, auto-organização e caos*. Edição 142, de 23-05-2005, disponível em <http://bit.ly/jkCb6>

# A revogação do antropocentrismo e a aquisição de saberes transversais

Fragmentação dos saberes obstaculiza a consolidação do humanismo, frisa Edgard de Assis Carvalho. A ciência se tornaria menos arrogante e prepotente caso assumisse a unidade indissolúvel entre o *sapiens* e o *demens* dos seres humanos

POR MÁRCIA JUNGES

“O antropocentrismo colocou os humanos em nível superior a todas as espécies vivas. Pulsões incontidas o levam a destruir o que tem e vê pela frente. De nada adiantou sabermos que a Terra não era o centro do universo, que a evolução é um processo descontínuo, que somos irremediavelmente regidos pelo inconsciente. Achamos, também, que somos únicos seres de cultura”. A ponderação é de Edgard de Assis Carvalho, em entrevista exclusiva concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Em seu ponto de vista, revogar o antropocentrismo é “crucial para a concretização da política de civilização proposta por Edgar Morin”. E acrescenta: “a aquisição de saberes transversais é a base que deve reger a reforma do ensino e da educação. A religação, portanto, não é solução para nada, mas desafio constante a ser posto em prática nas escolas do ensino fundamental, médio e superior. A fragmentação que hoje domina os campos do saber impede a consolidação do humanismo”.

Edgard de Assis Carvalho é graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo – USP, doutor em Antropologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, pós-doutor pela Ecole des Hautes Études e Sciences Sociales (EHESS), na França, e livre docente pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp. É professor titular de Antropologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, coordenador do comitê de ética em pesquisa e coordenador do Núcleo de Estudos da Complexidade – Complexus – da PUC-SP e representante brasileiro da Cátedra Itinerante Unesco Edgar Morin – Ciuem. É um dos autores de *Cultura e pensamento complexo* (Natal: EDUFRN, 2009). De suas obras, destacamos: *Ética, solidariedade e complexidade* (São Paulo: Palas Athena, 1998) e *Edgar Morin: em busca dos fundamentos perdidos. Textos sobre o marxismo* (Porto Alegre: Editora Sulina, 2002).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Qual a maior intuição de Edgar Morin em seu pensamento? Em que aspectos reside sua atualidade?**

**Edgard de Assis Carvalho** – Não se trata apenas de intuição, mas de um trabalho sistemático de pesquisa, interpretação, criatividade. Com mais de 60 livros publicados, aos 91 anos, Edgar Morin é hoje um dos maiores pensadores vivos. Judeu sefardita, membro da resistência francesa, teve

seu primeiro livro publicado em 1946. Em *O ano zero da Alemanha*<sup>1</sup>, sob os escombros do final da Segunda Guerra Mundial, ele imagina que a Alemanha poderia vir a ser um exemplo para o mundo. Dividida entre as potências que saíram vencedoras da Guerra, a Alemanha socialista poderia represen-

tar um avanço nas conquistas sociais. O ano de 1989 – que sinalizou para Eric Hobsbawm<sup>2</sup> o final do século XX –

1 *L'An zéro de l'Allemagne* (La Cité Universelle, Paris, 1946). (Nota da IHU On-Line)

2 **Eric Hobsbawm**: historiador marxista do século XX. Autor de inúmeros livros, entre os quais *A era dos extremos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995), *A era do capital* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982), *A era das revoluções* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982), *A era dos impérios* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988), *Bandidos* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976) e sua autobiografia,



incumbiu-se de demonstrar que essa bipartição ficara inviável no contexto político-econômico da modernidade que varreu os socialismos da face da Terra. Importante frisar, porém, que a semente da complexidade já estava lá, mesmo que ele fosse muito jovem e não tivesse ainda passado pelas três reorganizações genético-cognitivas que iriam marcar sua trajetória acadêmica.

**IHU On-Line – Nesse contexto, qual a importância dos seis volumes de *O método*?**

**Edgard de Assis Carvalho** – A importância de Edgar Morin não pode ser resumida aos seis volumes de *O método*, publicados de modo não sequencial no período 1977-2004. Sua obra é dividida em macrotemas: método, pensamento complexo, trindade humana, tetralogia pedagógica, era planetária, tempo presente, pensamento político, caminho, voz, diários, colóquios. Há também um site oficial do Centre Edgar Morin na internet: [www.iac.cnrs.fr](http://www.iac.cnrs.fr), em que a bibliografia completa é encontrada. Esses temas se entrecruzam a todo tempo. Há, porém, algo que deve ser enfatizado. Sem a leitura dos seis volumes, qualquer leitor não conseguirá estabelecer as conexões necessárias para a compreensão das bases, dos fundamentos, das propostas que cercam o pensamento do autor. Se você lê, por exemplo, *Meu caminho*, livro de entrevistas concedidas a Djénane Karih Tager, o próprio Morin se incumbem de revelar que a totalidade da obra constitui um mosaico de interligações e interconexões entre várias áreas do saber, e não apenas do ocidental. Daí resultam as críticas, incompreensões e ressentimentos que os intelectuais – e não só os brasileiros – dirigem ao conjunto de suas ideias.

**IHU On-Line – O que destacaria em cada um deles como fundamento para compreendermos sua obra?**

**Edgard de Assis Carvalho** – A resposta demandaria uma análise mais aprofundada que excede os limites de uma entrevista. É possível, porém,

## “A importância de Edgar Morin não pode ser resumida aos seis volumes de *O método*, publicados de modo não sequencial no período 1977-2004”

destacar algumas ideias nucleares dessa fascinante hexalogia. O volume um – *A natureza da natureza* (Europa América: Portugal 1987. Porto Alegre: Sulina, 2003) – estabelece a dialogia entre ordem e desordem que marca a passagem das leis da natureza à natureza das leis. A unidade complexa da natureza contém relações entre todo e partes, emergências e reorganizações de padrões organizatórios aleatórios. A natureza não é regida unicamente por relações de causa e efeito e, em si mesma, não é portadora de uma finalidade estabelecida *a priori*.

O volume dois – *A vida da vida* (Europa América, 1999. Sulina, 2001) – penetra a fundo na ecologia, pelo simples fato de que os ecossistemas são sistemas vivos que, a todo tempo, integram a organização biológica na ordem cósmica. O volume três – *O Conhecimento do Conhecimento* (Europa América, 1996. Sulina, 2002) – abrange o processo do conhecimento e a abertura bioantropossociológica e é o ponto de partida para a análise do incabamento humano. Conhecer é computar, e essa computação é tecida pelo entrelaçamento dos itinerários racional-lógico-dedutivo e simbólico-mítico-imaginário. O volume quatro – *As ideias: habitat, vida, costumes, organização* (Sulina, 2002. Europa América, 2002) – incursiona pelas noosferas e

noologias, ou seja, esses circuitos de ideias que organizam as percepções do sujeito. Os sistemas de ideias que conformam as teorias e conceitos devem ser abertos, biodegradáveis, jamais eternos e fixos. Funcionam como operadores de organização do mundo da vida.

O volume cinco – *A humanidade da humanidade: a identidade humana* (Sulina, 2003. Europa América, 2003) – estabelece uma relação crítica com o conceito de identidade e adverte contra os sentidos do relativismo que não consegue enxergar além das fronteiras de raça, sexo, religião. A identidade nunca é pura, pelo simples fato de que ordens individuais, sociais e cósmicas estão em constante interação, e nem sempre de modo harmônico. Por vezes são antagonicas e contraditórias. Finalmente o volume seis – *A Ética* (Europa América, 2005. Sulina, 2005) – ilustra as contradições contemporâneas que cercam a ética individual e a ética da *polis*. É preciso redefinir o pensamento da ética e a ética do pensamento. Qualquer ato ético é uma religação com o mesmo e o outro, com a comunidade, a humanidade, o cosmo.

**IHU On-Line – Para Edgar Morin, somos *sapiens* e *demens* concomitantemente. Como conviver com esse lado oculto (e inegável) da nossa existência como apontara Nietzsche ao formular o conceito de tragédia?**

**Edgard de Assis Carvalho** – Não considero uma concomitância, mas uma convivência. Como toda convivência, a do *sapiens* e a do *demens* é simultaneamente oposta e complementar. De um lado, temos o lado sistemático das regulações cotidianas e dos padrões culturais que prescrevem nossa vida cotidiana; de outro o descomedimento, a loucura, a *híbris* que costumam ser recalcados para os subterrâneos da mente e do corpo. Assumir a dialogia necessária entre oposição e complementaridade implica reconhecer que somos sempre seres da falta e que, por isso, aprendemos a priorizar um lado em detrimento do outro. Conviver simultaneamente com essas duas facetas requer o abandono do antropocentrismo e o reconhecimento de que somos, como afirmou Michel Cassé, filhos do Céu, seres da impermanên-

*Tempos Interessantes: uma vida no século XX* (São Paulo: Companhia das Letras, 2002). (Nota da IHU On-Line)

cia, insignificantes diante do mistério e da incerteza da vida. Nietzsche é um dos interlocutores de Edgar Morin e, certamente, *O nascimento da tragédia* (São Paulo: Companhia das Letras, 1992), de 1872, mesmo que não o cite constantemente, faz parte de suas bases interpretativas. Nesse ensaio perturbador Nietzsche expõe a relação entre o apolíneo e o dionisíaco. E não faz isso para ser aplicado ao teatro ou a música, mas a todas as expressões do humano. O que ele mostra é como duas noções aparentemente opostas podem ser complementares. A rigor, todos somos, ao mesmo tempo, apolíneos e dionisíacos. E aqui reside nossa tragédia contemporânea. Sob a luz da razão, da técnica, existem sombras que precisam ser identificadas.

**IHU On-Line – Tomando em consideração o pensamento de Edgar Morin, como se manifestam o *homo sapiens* e o *demens*?**

**Edgard de Assis Carvalho** – Não se trata de uma manifestação, mas de uma condição imanente dos homens em geral. Está presente em humanos de todos os tempos e lugares. O *sapiens* é apolíneo, o *demens* dionisíaco. Nos tempos líquidos de hoje, o *sapiens* é o legitimador da razão contemporânea, comandada pelo quadrimotor ciência/técnica/indústria/estado que conduz os processos da globalização. Sabemos que, de um lado, eles pregam a uniformização e, de outro, geram processos crescentes de exclusão, intolerâncias, racismos. O *demens* considera que a via racional não é a única forma de acesso à realidade. Por vezes, a via “imaginal” acessa essa mesma realidade com certo despudor e liberdade. Por isso as artes em geral são elementos fundamentais de compreensão do mundo. Para Edgar Morin, o cinema, a literatura, as artes são desdobramentos da representação e, como tal, devem ser necessariamente incluídas nas interpretações que fazemos a nosso próprio respeito. A ciência ficaria menos arrogante e prepotente se admitisse esse fato e percebesse que o *sapiens* e o *demens* constituem uma unidade indissolúvel.

**IHU On-Line – A partir do cenário de devastação da natureza, é correto concluir que o ser humano tem para-**

“Nietzsche é um dos interlocutores de Edgar Morin e, certamente, *O nascimento da tragédia*, de 1872, mesmo que não o cite constantemente, faz parte de suas bases interpretativas”

**sitado a Terra, em vez de viver simbioticamente com ela?**

**Edgard de Assis Carvalho** – A preservação e a sustentabilidade da Terra são metas prioritárias diante da idade de ferro planetária em que nos encontramos. Sustentabilidade implica garantir para as gerações futuras uma destinação democrática digna que acabe de vez com as desigualdades e isso é contraditório com políticas desenvolvimentistas baseadas numa suposta superioridade da tecnociência. A perspectiva estadocêntrica precisa ser reequacionada em prol de relações sociais equitativas e equânimes. A destruição sistemática dos ecossistemas tem a ver com a suposta superioridade do homem que acredita na dominação da natureza como fonte de progresso. Desde Heidegger<sup>3</sup>, sabe-

<sup>3</sup> **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*,

mos que, em si mesma, a técnica não é boa nem má. Seus efeitos dependem de ecopolíticas postas em prática pelo conjunto da sociedade civil. A revogação do antropocentrismo é, portanto, crucial para a concretização da política de civilização proposta por Edgar Morin. Em *Rumo ao abismo* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007), por exemplo, publicado em 2007, encontramos explicitados os fundamentos da crise da mundialização. Se as mídias produziram e difundiram produtos culturais os mais diferenciados, o acesso à cultura permanece elitizado. A cultura dita de massa não se democratizou. Pelo contrário, criou ilusões, fantasmas, desejos miméticos que nunca se realizam. Seria preciso perceber que a humanidade é, ao mesmo tempo, una e múltipla. Diversidades culturais deveriam dialogar entre si, pois todas elas se inserem na mesma identidade terrena. A sociedade-mundo tem diante de si o desafio de enfrentar o terror-mundo que se dissemina por toda parte.

**IHU On-Line – Podemos pensar esse comportamento antropocêntrico a partir da ecologia da ação? Como seria essa análise?**

**Edgard de Assis Carvalho** – A ecologia da ação é um dos deflagradores desse processo. Em primeiro lugar, seria necessário desfazer a separação entre homem e natureza, introduzida no pensamento moderno, pelo menos desde Descartes<sup>4</sup>. O antropocentrismo

disponível para download em <http://migre.me/uNtv>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU Em Formação* intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do *Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso



colocou os humanos em nível superior a todas as espécies vivas. Pulsões incontidas o levam a destruir o que tem e vê pela frente. De nada adiantou sabermos que a terra não era o centro do universo, que a evolução é um processo descontínuo, que somos irremediavelmente regidos pelo inconsciente. Achamos, também, que somos únicos seres de cultura. Morin refere-se várias vezes ao conceito de cultura, considerando-o um conceito-armadilha. Contaminado pelo cartesianismo, esfacelou-se em dualidades: cultura erudita/cultura popular, cultura científica/cultura das humanidades, essas últimas responsáveis pela consolidação da fragmentação universitária. Patrimônio universal, a cultura tem padrões, prescrições, normas, mas também resistências, zonas obscuras difíceis de serem decifradas. A cultura não é apenas uma fábrica da ordem. É igualmente desordem, interação, reorganização. A moderna etologia demonstra que primatas não humanos conseguem estabelecer políticas do bem-viver baseadas em estratégias de paz e ética. A cultura não é mais nosso privilégio. Trata-se, talvez, de uma quarta ferida narcísica que seria acrescentada à formulação de Freud<sup>5</sup>. Se

por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

5 **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*,

## “A ciência ficaria menos arrogante e prepotente se admitisse esse fato e percebesse que o sapiens e o demens constituem uma unidade indissolúvel”

admitíssemos esse fato, nossa suposta arrogância poderia ser minimizada. Passaríamos a ser coparticipantes de nossa aventura hominescente.

**IHU On-Line – Diz-se que no umbral da academia de Platão<sup>6</sup> havia um conselho de que só entrasse ali quem soubesse geometria. Esse “conselho” tem sua versão moderna na teoria geral dos sistemas de Bertalanffy<sup>7</sup> e**

disponível para consulta no link <http://migre.me/s8jc>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível para download em <http://migre.me/s8jf>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível para download em <http://migre.me/s8jU>. (Nota da IHU On-Line)

6 **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e *o Fédon*. Sobre Platão, confira e entrevista “*As implicações éticas da cosmologia de Platão*”, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da IHU On-Line)

7 **Karl Ludwig von Bertalanffy** (1901-1972): biólogo criador da Teoria geral dos sistemas. Cidadão austríaco, desenvolveu a maior parte do seu trabalho científico nos Estados Unidos da América. É autor de *Teoria Geral dos Sistemas* (Petrópolis: Vozes, 1968). (Nota da IHU On-Line)

na teoria da complexidade de Morin. Acredita que a religião dos saberes pode tornar mais pacífica e ressignificar a existência das pessoas?

**Edgard de Assis Carvalho** – A Teoria Geral dos Sistemas e o pensamento complexo são complementares. Não podem ser igualados. A existência humana pacífica, tão proclamada desde Kant<sup>8</sup> a respeito da paz perpétua, requer um trabalho sistemático no nível das ideias. As noosferas e as noologias estão aí para serem retrabalhadas a todo tempo. A religião dos saberes é uma base cognitiva e afetiva a ser aplicada em todos os níveis da formação escolares. A aquisição de saberes transversais é a base que deve reger a reforma do ensino e da educação. A religião, portanto, não é solução para nada, mas desafio constante a ser posto em prática nas escolas do ensino fundamental, médio e superior. A fragmentação que hoje domina os campos do saber impede a consolidação do humanismo. É uma reserva de poder de áreas disciplinares que se contentam com avaliações quantitativas e produtivismos classificatórios. A pergunta que deveria ser dirigida aos avaliadores nomeados pelo aparato de Estado é quem irá avaliá-los. Essas comissões consagram a fragmentação e, com isso, são empelidos à construção do conheci-

8 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://migre.me/uNRH>. Também sobre Kant foi publicado este ano o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNRU>. (Nota da IHU On-Line)

mento pertinente, aliás um dos saberes propostos por Edgar Morin.

**IHU On-Line – Como os sete saberes podem se fazer presentes para as pessoas nos dias de hoje? Qual é a grande esperança que nasce a partir de uma nova concepção de vida e relacionalidade?**

**Edgard de Assis Carvalho** – A proposta dos sete saberes – *as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão, o conhecimento pertinente, a condição humana, a identidade terrena, as incertezas, a compreensão, ética do gênero humano* – tem a ver com algo mais profundo. Foi um desafio proposto a Edgar Morin pelo ministro da educação nacional da França, em 1999, no final segundo mandato de François Mitterand. A proposta visava prioritariamente o ensino médio. Em sucessivas reuniões preparatórias e entrevistas à imprensa, Edgar Morin sempre enfatizava que os saberes não deveriam ser concebidos como disciplinas. Eles são deflagradores de uma cosmovisão capaz de religar definitivamente a cultura científica e a cultura das humanidades. Essa necessidade já havia sido explicitada por Charles Snow<sup>9</sup> em 1957. Em *As duas culturas*<sup>10</sup>, Snow é enfático ao afirmar que qualquer sistema social que pensasse a si mesmo com sabedoria deveria empenhar-se na busca dessa junção, não por justaposição, mas por transversalidade. Talvez por isso o projeto da reforma do ensino médio não tenha dado certo. Foram grandes os protestos sindicais. Restou uma reserva de memória para ser redefinida nas escolas empenhadas numa educação planetária. No Brasil, em 2010, ocorreu em Fortaleza uma conferência internacional presidida por Morin. Os saberes foram reiterados como prioritários e o congresso lançou um manifesto que foi institucionalmente divulgado. É preciso, porém, ter em mente que reforma da educação só ocorrerá a partir da reforma dos educadores. Essa a formulação de Marx<sup>11</sup>

9 Charles Percy Snow (1905-1980): físico e romancista inglês. (Nota da IHU On-Line)

10 *The Two Cultures* (London: Cambridge University Press, 1959). (Nota da IHU On-Line)

11 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista,

## “A preservação e a sustentabilidade da Terra são metas prioritárias diante da idade de ferro planetária em que nos encontramos”

na IX tese sobre Feuerbach<sup>12</sup>, aliás sempre referida por Morin, deve ser o fio condutor de qualquer iniciativa reformadora. O pensamento complexo não pensa contra Marx, mas com Marx. É necessário retomar os fundamentos perdidos, saturar a noção de homem genérico com emoção e descomedimento.

Somos seres dotados de razão, mas não podemos nos deixar dominar pelos atratores do racionalismo

historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A edição número 41 dos Cadernos IHU Ideias, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti) filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://migre.me/s7lq>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://migre.me/s7lF>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da revista IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível para download em <http://migre.me/Dt7Q>. (Nota da IHU On-Line)

12 Ludwig Feuerbach (1804-1872): filósofo alemão, reconhecido pela influência que seu pensamento exerce sobre Karl Marx. Abandona os estudos de Teologia para tornar-se aluno de Hegel, durante dois anos, em Berlim. De acordo com sua filosofia, a religião é uma forma de alienação que projeta os conceitos do ideal humano em um ser supremo. É autor de *A essência do cristianismo* (2ª. ed. São Paulo: Papyrus, 1997). (Nota da IHU On-Line)

e da racionalização. A desrazão está diante de nós e integrá-la ao nível dos saberes sistematizados é algo prioritário e inadiável. Uma nova concepção de mundo exige que a esperança se converta em meta prioritária. Sem ela, instalam-se o conformismo e a adesão às práticas convencionais. Com ela podem-se construir vias para o futuro da humanidade desencadeadas por amplas reformas do pensamento, da educação, da sociedade, da vida. Esse é o propósito do último livro de Edgar Morin – *A via para o futuro da humanidade*.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar alguns aspectos não questionados?**

**Edgard de Assis Carvalho** – Como explicitiei anteriormente, a complexidade não deve ser vista como solução para os males do mundo, mas como desafio constante a ser posto em prática na vida social em seu conjunto em prol de um mundo mais justo, equitativo e ético, e isso no nível do indivíduo, da sociedade e da espécie. Recentemente, Morin publicou um pequeno livro – *O Caminho da esperança* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012), escrito com Stéphane Hessel<sup>13</sup>. Único representante vivo dentre os signatários da Declaração Universal do Direitos do Homem, Hessel, hoje com 93 anos, notabilizou-se em 2011 pela publicação de um pequeno livro – *Indignai-vos* – no qual conclama as novas gerações a se revoltarem contra o desmando generalizado instalado no mundo. Em *O caminho da esperança*, ambos reiteram que o objetivo que pregam implica a denúncia do curso perverso da política insensata atual. Se ela permanecer intocada, que desastres irreversíveis advirão. A salvação pública de que necessitamos requer revolta, esperança, determinação em prol de uma política de civilização que abarque todos os domínios da vida.

13 Stéphane Frédéric Hessel (1917): diplomata, embaixador, combatente da resistência francesa e agente da Bureau Central de Renseignements et d'Action (o serviço de inteligência da França). Nascido como alemão, Stéphane obteve a nacionalidade francesa em 1937. Ele participou da elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. (Nota da IHU On-Line)

# “Um apelo ao eterno perguntar”

Jean Louis Le Moigne analisa a importância das obras de Edgar Morin em conexão com as ciências dos sistemas, a engenharia e a inteligência artificial. Todos somos responsáveis pela aventura do conhecimento humano e de suas sociedades, avalia

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO: VANISE DRESCH

**D**e acordo com o engenheiro francês Jean Louis Le Moigne, “a complexidade está vinculada tanto ao global como ao local. Não devemos reduzi-la à globalidade. Na mecânica celeste, já se considera o problema da gravitação atrativa de três corpos (três somente!) como muito complexo, no sentido de potencialmente imprevisível na prática. Ele discute, também, a auto-organização e a Teoria Geral dos Sistemas, de Bertalanffy: “para adquirir autonomia e, portanto, auto-organizar-se, um sistema deve ser aberto, estar em interação efetiva com seus ambientes, que ele transforma e que o transformam”. Analisando o legado de Morin, Le Moigne pontua que as disciplinas científicas não podem mais definir-se por um único “objeto de conhecimento”, estritamente delimitado e tido como um dado da Natureza: “elas devem ser entendidas também e primeiramente por seu ‘projeto de conhecimento’, conscientemente formulado pelo espírito humano, através do qual interligam-se a experiência do corpo e a compreensão do mundo”. E ressalta: “a contribuição mais decisiva da obra de Edgar Morin nesse sentido foi o apelo permanente dirigido a todos os cientistas para que nunca deixassem de fazer essas perguntas e praticassem esse trabalho

epistemológico exigente. Fazendo isso, Morin esforçou-se, junto com outros obviamente, para documentar, argumentar e ilustrar essas questões”.

Jean Louis Le Moigne nasceu em 1931, em Casablanca, formou-se em Engenharia na Universidade de Harvard (EUA), trabalhou entre 1956 e 1971, no grupo Shell francês e lecciona, desde 1971, na Universidade Aix-Marseille (França) onde é atualmente professor emérito. É presidente do Programa Europeu de Modelização da Complexidade e vice-presidente da Associação Para o Pensamento Complexo – APC. Publicou mais de uma centena de artigos e cerca de duas dezenas de livros, alguns dos quais, escritos em colaboração com autores tão importantes como Edgar Morin ou Herbert Simon, entre os quais *Les systèmes d’information dans les organisations* (1973), *Les systèmes de décision dans les organisations*, (1973) *La théorie du système général, théorie de la modélisation* (1977); *La modélisation des systèmes complexes* (1990), *Sciences de l’intelligence, sciences de l’artificiel* (1986) – com Edgar Morin; *Science et conscience de la complexité* (1984); *L’intelligence de la complexité* (1999).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – A partir da teoria da complexidade de Edgar Morin, qual é o nexó que une as ciências dos sistemas, a engenharia e a inteligência artificial?**

**Jean Louis Le Moigne** – Em primeiro lugar, precisamos estar atentos à escolha das palavras: a complexidade não é uma teoria no sentido da teoria da gravitação ou da evolução.

Edgar Morin fala mais precisamente do paradigma da complexidade: “O paradigma não explica, ele permite a compreensão”. Do mesmo modo, a expressão “ciência de sistemas” é inadequada, no sentido de que todas as disciplinas científicas podem também ser consideradas ciências dos sistemas, de modo que a expressão não designa nenhuma delas. Por cer-

to, a expressão ciência dos sistemas complexos surge, em nossas universidades, a partir de 1985, reunindo subdisciplinas da ciência da regulação (cibernética de primeira ordem), da informática, da inteligência artificial e da matemática dos sistemas dinâmicos lineares e não lineares. porém, como ciência autônoma, “ela se esqueceu de alicerçar – ou arrai-

gar – seus próprios fundamentos... O trabalho preliminar ainda está por ser feito: conceber os objetos como sistemas”.

Foi a esta empreitada que se dedicou Edgar Morin a partir de 1970, a partir de sua experiência como sociólogo e antropólogo, mas principalmente desde o seu encontro com a obra de H. Von Foerster<sup>1</sup> e, em particular, o artigo seminal deste autor, de 1959, intitulado “Os sistemas auto-organizadores e seu ambiente”. Para adquirir autonomia e, portanto, auto-organizar-se, um sistema deve ser aberto, estar em interação efetiva com seus ambientes, que ele transforma e que o transformam.

A partir desse apelo a um pensamento aberto (e não mais fechado, como implicavam os quatro preceitos fundadores do *Discurso do método*, de René Descartes, 1637), Morin mobiliza todos os recursos oferecidos pelas novas disciplinas que se desenvolveram desde a institucionalização da cibernética (ciência da regulação interativa e da comunicação entre ordem desejada e desordem percebida), das ciências da informação, da computação, da cognição etc. O conceito rígido de estrutura não permitia considerar nem dar conta da miríade de interações entre ordem e desordem que cada um de nós observa nas atividades humanas. Fazia-se necessário restaurar o conceito de organização, entendendo-o em sua complexidade: *Unitas multiplex*.

### **Crítica epistemológica interna**

A partir dessa base paradigmática, a complexidade de base, o conceito de sistema, ou unidade complexa organizada, surge como um conceito-piloto resultante das interações entre um observador/conceptor e o universo fenomenal; ele permite represen-

tar e conceber unidades complexas, constituídas por inter-relações organizacionais entre elementos, ações ou outras unidades complexas. A ciência dos sistemas torna-se, por assim dizer, a ciência da modelização e da concepção sistêmica (como e por um sistema em geral). Antes organizado e fechado, o conceito de sistema passa então a organizar e a organizar-se. Em vez de ser a palavra-mestra da totalidade (holismo), ele se torna a raiz da complexidade.

Assim sendo, as novas ciências da engenharia, ciências de concepção ou do artificial, como dirá H. Simon (1969), podem ser entendidas como ciências fundamentais, e não mais como disciplinas de aplicação, servas das ciências de análise, ditas exatas (reducionistas, causalistas, fechadas em torno de um objeto passivo). Tornam-se também, sobretudo elas, responsáveis por sua própria crítica epistemológica interna.

A inteligência artificial torna-se uma dessas novas ciências da engenharia, fontes de heurísticas exploratórias nos campos das ciências da computação, que se revelarão muitas vezes poderosas para orientar inferências nas ciências da cognição, da biologia computacional, da linguística computacional, etc.

**IHU On-Line – O desenvolvimento da inteligência artificial foi notável nos últimos anos. De que modo esta área do conhecimento humano pode contribuir para o avanço da compreensão interligada do conhecimento, da própria vida e de suas possibilidades?**

**Jean Louis Le Moigne** – Talvez eu possa responder com uma observação de Paul Valéry<sup>2</sup> em seus *Cahiers*, a qual é bem anterior ao surgimento da expressão inteligência artificial (MIT, 1956): “Nós compreendemos melhor os viventes à medida que inventamos e construímos máquinas” (*Cahiers* XIII, 617, 1929).

Foi este argumento que H. Simon enfatizou, já em 1969, para de-

finir a inteligência artificial, a qual ele preferia ter denominado simulação funcional dos processos cognitivos. Uma simulação computacional (por programação de heurísticas que dispõem de sistemas de memorização) pode muitas vezes possibilitar uma interpretação plausível de comportamentos observáveis de um sujeito dotado de um projeto e exposto a variações de seu “ambiente externo”. Nesse sentido, a inteligência artificial torna-se uma ferramenta de exploração de situações possíveis e de elaborações de estratégias de ações próximas concebíveis, sem, contudo, impor a escolha da “decisão certa”. Os possíveis nem sempre são os desejáveis nas decisões de comportamento humano, que, na prática, são muitas vezes multicritérios, critérios raramente hierarquizados de maneira uniforme.

### **Perspectiva transhumanista**

Essas considerações metodológicas requerem, evidentemente, um exercício permanente de crítica epistemológica. Devemos nos interrogar aqui sobre a leviandade desses questionamentos ético-epistêmicos quando se observam desvios cientificistas tais como aqueles desenvolvidos na perspectiva transumanista (ou pós-humanista) de uma humanidade transformada pelas técnicas computacionais, que deveriam permitir melhorar as características físicas e mentais dos seres humanos (a partir de trabalhos contemporâneos sobre as técnicas informáticas da vida artificial, da concepção artificial, da engenharia artificial, trabalhos raramente atentos às questões ideológicas). Será que podemos estabelecer definitivamente os critérios de uma melhora certa e universal da espécie humana?

### **Inteligência artificial**

Resta que as técnicas da inteligência artificial são técnicas de simulação informática. Enquanto tais, elas levam ao exame fenomenológico de comportamentos observáveis, sugerindo hipóteses heurísticas programáveis a fim de propor inferências que autorizam compreensões funcionais plausíveis dos fenômenos considerados. Se algumas dessas simulações pa-

1 **Heinz Von Foerster** (1911-2002): biólogo austríaco e um dos arquitetos da cibernética, chamado por Edgar Morin como “Sócrates cibernético”, fundou a Biocibernética para estudar os fenômenos biológicos a partir dessa nova matriz. Concebeu o processo de vida como sistema fechado para informação e aberto para a energia, destacando o papel da interação e da auto-organização. Na esteira dos estudos de Von Foerster, surgiu a teoria de Maturana & Varela e o conceito de Autopoiesis. (Nota da IHU On-Line)

2 **Ambroise-Paul-Toussaint-Jules Valéry** (1871-1945): filósofo, escritor e poeta francês da escola simbolista cujos escritos incluem interesses em matemática, filosofia e música. (Nota da IHU On-Line)



ramétricas levam a comportamentos tidos como desejáveis em contextos predefinidos, elas permitirão então a realização efetiva de robôs e próteses que podem cumprir essas mesmas funções no mesmo contexto, prestando atenção nos efeitos ditos “pleiotrópicos”. O processador concebido para cumprir essa função pode revelar-se *a posteriori* capaz de exercer outras funções não antecipadas no caso de modificações às vezes mínimas do contexto, sejam elas exógenas ou endógenas, provocadas por efeitos de autoaprendizagem.

Lembremo-nos aqui do princípio de Jean Piaget<sup>3</sup>: “Um sistema inteligente pode e deve construir e memorizar os traços de seu próprio comportamento”. Este princípio nos lembra que a inteligência não é primeiramente um processador, mas um processo que só pode ser compreendido e desenvolvido em interações, que, por sua vez, são auto-eco-organizadoras. Podemos concluir com uma famosa expressão de desse pensador: “A inteligência não inicia nem pelo autoconhecimento, nem pelo conhecimento das coisas como tais, e sim pelo conhecimento de sua interação, e, orientando-se simultaneamente para os dois polos dessa interação, ela organiza o mundo organizando-se a si mesma” (Piaget, 1937). Sem dar atenção a essa recursividade constitutiva da inteligência, será que podemos falar apropriadamente de inteligência artificial?

**IHU On-Line – Nesse sentido, como o desenvolvimento transdisciplinar das ciências pode fornecer outra compreensão sobre a irreduzibilidade dos modelos analíticos, causalistas, deterministas e simples?**

**Jean Louis Le Moigne** – A questão nos convida expressamente a voltar ao enunciado dos quatro preceitos

3 **Jean Piaget** (1896-1980): psicólogo, epistemólogo e educador suíço, professor de psicologia na Universidade de Genebra de 1929 a 1954, conhecido principalmente por organizar o desenvolvimento cognitivo em uma série de estágios. Escreveu inúmeras obras, das quais citamos *Tratado de Psicologia Experimental: A inteligência* (Rio de Janeiro: Forense, v. 7, 1969) e *A construção do real na criança* (Rio de Janeiro: Zahar, 1970). (Nota da IHU On-Line)

## “Vivemos hoje a crise dessa renovação de nossos paradigmas de referência”

cartesianos do *Discurso do método* (1637): independência do objeto e do sujeito, fundamento do postulado fundador de objetividade dita científica; modelização analítica por redução a elementos tidos como simples e evidentes; determinismo universal por cadeias causais lineares; fechamento absoluto dos modelos que implicam contagens exaustivas. Esses preceitos, essencialmente derivados dos três axiomas formais do silogismo perfeito segundo Aristóteles<sup>4</sup>, não apresentam um caráter de evidência universal.

Não é surpreendente que eles não tenham sido considerados a única garantia de todas as verdades científicas nos séculos anteriores. Já em 1708, G. B. Vico<sup>5</sup> publicou, na Universidade de Nápoles, um discurso explicitamente alternativo, *O discurso do método dos estudos de nosso tempo*, destacando as deficiências do reducionismo analítico e insistindo na riqueza dessa faculdade da mente humana de “relacionar, sempre relacionar” em vez de separar primeiro.

4 **Aristóteles de Estagira** (384 a.C. - 322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

5 **Giambattista Vico ou Giovanni Battista Vico** (1668-1744): filósofo italiano. Discerniu a explosiva mistura da razão com a mecânica e ofereceu uma nova ciência que poderia trazer as mais altas percepções da Renascença para dentro da metodologia dos primeiros investigadores modernos. (Nota da IHU On-Line)

Sem dúvida, foi o desenvolvimento do positivismo segundo Auguste Comte<sup>6</sup> que garantiu a longa sobrevivência do paradigma da epistemologia cartesiana que observamos ainda hoje. E. Morin (1991) o nomeia “o grande paradigma do Ocidente” ou o paradigma da ciência clássica. No entanto, devemos lembrar que, já em 1934, G. Bachelard<sup>7</sup> conclui *Le nouvel esprit scientifique*<sup>8</sup> com um apelo a uma “epistemologia não cartesiana”, que ia desenvolver-se e organizar-se nos desenvolvimentos das novas ciências, dentro do paradigma da complexidade que E. Morin nos apresenta nos seis tomos de *O método*.

### Pensamento aberto

Doravante, o desafio deixa de ser defensivo, *contra* um pensamento fechado, o reducionismo e o determinismo integrista. Torna-se construtivo, *a favor* de um pensamento aberto: “O pensamento complexo é um pensamento que interliga”, escreveu E. Morin em 1976: “O único método que adotei foi tentar captar as ligações móveis. Interligar, sempre interligar, era um método mais rico, mesmo no nível teórico, do que as teorias blindadas, sob invólucro epistemológico e lógico, metodologicamente aptas a enfrentar tudo, exceto, é claro, a complexidade do real”.

É assumindo essa relação crítica fundadora da legitimação antropolítica dos conhecimentos a serem ensinados e acionados, que renovam constantemente a ciência, sempre engajada na aventura do conhecimento humano, que uma efetiva inter e transdisciplinaridade pode desenvolver-se. As disciplinas científicas não podem mais definir-se por um único objeto de conhecimento, estritamente delimita-

6 **Augusto Comte** (1798-1857): filósofo e pensador social francês. Fundou a escola filosófica conhecida como positivismo e criou um conceito de ciência social a que deu o nome de sociologia. O positivismo comteano afirma que a verdade da ciência é indiscutível e demonstrável universalmente. (Nota da IHU On-Line)

7 **Gaston Bachelard** (1884-1962): filósofo e poeta francês que estudou sucessivamente as ciências e a filosofia. Seu pensamento está focado principalmente em questões referentes à filosofia da ciência. (Nota da IHU On-Line)

8 *O novo espírito científico* (Lisboa: Editora 70, 1996). (Nota da IHU On-Line)

do e tido como um dado da natureza: elas devem ser entendidas também e primeiramente por seu projeto de conhecimento, conscientemente formulado pelo espírito humano, através do qual interligam-se a experiência do corpo e a compreensão do mundo (cf. *O paradigma corpo, espírito, mundo*, dirá P. Valéry).

Vivemos hoje a crise dessa renovação de nossos paradigmas de referência. Precisamos fazer do “ideal de complexidade da ciência contemporânea aquele da restauração da solidariedade entre todos os fenômenos”, lembrou G. Bachelard. Não mais separar o fazer e o compreender significa também entender que “o cientista torna-se cego sem os óculos do cidadão”. A aventura do conhecimento humano entrelaça-se constantemente com a aventura das sociedades humanas: todos nós somos responsáveis por ela.

**IHU On-Line – O que é a auto-eco-organização dos fenômenos complexos? Em que aspectos o conhecimento dessa complexidade resulta numa outra compreensão tanto da forma como do funcionamento dos sistemas?**

**Jean Louis Le Moigne** – Acredito que a história do conceito de auto-eco-organização inicia em 1959 com a publicação do artigo de H. Von Foerster (que criou um laboratório de bioinformática) intitulado “On self organizing systems and their environment”. Até então, as ciências não conseguiam dar conta dos fenômenos imprevisíveis, de emergência aparentemente endógena, que se observavam principalmente nos sistemas vivos. O determinismo implicado pela teoria da degenerescência neguentrópica dos sistemas físicos tidos como fechados não permitia compreender a gênese dessas emergências que eram, no entanto, tão comuns quanto um broto nascendo de um galho.

Propondo simbolicamente a alternativa *order from disorder* para a tese *order from order*, de E. Schrödinger<sup>9</sup> (*What is life*, 1944), e a argumentando tanto de maneira figurada como

9 Erwin Rudolf Josef Alexander Schrödinger (1887-1961): físico austríaco, um dos pais da teoria quântica. (Nota da IHU On-Line)

formalmente admissível, H. von Foerster introduziu no pensamento científico uma ideia muito renovadora: para que um sistema possa evoluir aumentando sua “riqueza organizacional” (emergência de novos comportamentos não pré-programados), ele precisa ser ativo em seu ambiente, recebendo não só os *inputs* programados ou ordenados, mas também o ruído, *a priori* aleatório, não programado, desordenado, que seguidamente os acompanha. Potencialmente, em certas condições plausíveis (um mínimo de redundâncias na organização inicial), essa desordem imprevista pode, contudo, suscitar a emergência interna de novos comportamentos, imprevistos, que se manifestarão na atividade da organização dentro de seu ambiente. Desenvolve-se assim uma recursão dita morfodinâmica: agindo cinematicamente sobre seu ambiente que então ela transforma, a organização é transformada ela mesma. A regulação cibernética de primeira ordem engendra uma recursão cibernética de segunda ordem.

### Paradigma da complexidade

Assim, para que um sistema seja autônomo (“auto”) e, portanto, capaz de transformar-se ele mesmo, é preciso que seja dependente e solidário (“eco”) de seu ambiente. Todo sistema é ecossistema. O modelizador poderá distingui-los, mas não poderá mais mantê-los separados. E. Morin e H. Atlan tomaram consciência da importância da “mudança de olhar” sobre os processos de dinâmica organizacional por volta de 1968-1970, ao mesmo tempo em que era publicada a obra de I. Prigogine<sup>10</sup> intitulada *Introdução à termodinâmica<sup>11</sup> dos processos irreversíveis*. A insistência no caráter irreversível dos processos de evolução organizacional corroborava aquela que H. von Foerster convidava a reconhecer para os processos de

10 Ilya Prigogine (1917-2003): cientista de origem russa, que recebeu o Prêmio Nobel de Química em 1977. Na 62ª edição, de 2 de junho de 2003, IHU On-Line dedicou-lhe a editoria Memória e, dele, publicou o artigo *A dimensão “narrativa” do universo*, na 64ª edição, em 16 de junho de 2003. (Nota da IHU On-Line)

11 *Introduction to Thermodynamics of Irreversible Processes* (2ª ed. New York: Interscience, 1961). (Nota da IHU On-Line)

emergência autoeco-organizacional, o que levou E. Morin a desenvolver o paradigma da complexidade a partir do esquema de referência de *O método*, aquele da autoeco-reorganização. Tornava-se assim possível renovar a modelização dos sistemas complexos passando da modelização cibernética e holística inicial, fechada (autorregulação do processador caixa-preta), à modelização sistêmica aberta (funcionamento e evolução teleológica e contextualizada).

Caberia aqui completar a interpretação operatória do paradigma da autoeco-reorganização pelos desenvolvimentos importantes introduzidos por Morin acerca da interação recursiva dos processos organizacionais e dos processos informacionais que eles formam e que os transformam recursivamente. A concepção dos sistemas de informação encontra aí um plano diretor que permite evitar que as restrições próprias das tecnologias da informação e da comunicação prejudiquem a qualidade potencial das interações poéticas entre os dois processos, organizacional e informacional.

**IHU On-Line – Em que aspectos a obra de E. Morin pode ser considerada como um contraponto à clausura ideológica e paradigmática das ciências clássicas?**

**Jean Louis Le Moigne** – Considerando as devidas nuances, proponho dois comentários para esclarecer sua pergunta. O primeiro provém da crítica epistemológica, que deveria ser própria de toda e qualquer atividade científica: um dos efeitos mais perversos da pregnância das ideologias positivistas há mais de um século tem sido a ausência de reflexão epistemológica livre do argumento do postulado dito da objetividade científica pura e rigorosa, objetividade que seria garantida pela estrita aplicação de métodos de observação e de raciocínio independentes tanto do contexto como dos observadores-descretores. Esses últimos não teriam de criticar o valor e a pertinência da “verdade científica” que produzem, uma vez que usam métodos impessoais, cientificamente objetivos. Isso os autoriza a ignorar as perguntas banais que Piaget lembrou em 1968 ao definir a epistemologia



como “o estudo da constituição dos conhecimentos válidos”, perguntas que muitas vezes não são feitas: o que é o conhecimento (gnoseologia)? Qual é o critério de apreciação de seu valor (ética)? Como o conhecimento é constituído (metodologias)? Quem poderá então reconsiderar e argumentar as críticas que poderiam ser feitas às suas respostas a essas três perguntas interdependentes?

A contribuição mais decisiva da obra de Edgar Morin neste sentido foi o apelo permanente dirigido a todos os cientistas para que nunca deixassem de fazer essas perguntas e praticassem esse trabalho epistemológico exigente. Fazendo isso, Morin esforçou-se, junto de outros obviamente, para documentar, argumentar e ilustrar essas questões. Basta relermos, por exemplo, *Os sete saberes* e nos perguntarmos: será que me fiz seriamente essas sete perguntas antes? Ou então a reflexão de Bachelard em *Le nouvel esprit scientifique*, que nos convida a substituir a objetividade do objeto pela projetividade (a intencionalidade explícita) do sujeito: “A meditação do objeto pelo sujeito sempre toma a forma do projeto”.

### Paradigma perdido

O segundo comentário diz respeito à compreensão do paradigma da complexidade. Se a ciência clássica ignorou ou rejeitou durante muito tempo a complexidade, isso ocorreu porque ela não conseguia abordá-la a partir do pensamento fechado que a epistemologia cartesiana impunha, tida como a garantia do postulado de objetividade científica. Quando foi progressivamente restaurado nas culturas científicas, a partir do *Nouvel esprit scientifique*, de Bachelard (1934) e, posteriormente, a partir da emergência das novas ciências em 1945-1950, o paradigma perdido (E. Morin, 1973) do pensamento aberto formulado e amplamente desenvolvido e argumentado por Morin em *O método* (que propôs então chamar de pensamento complexo aquilo que se entendia antes por pensamento aberto), os partidários da ciência clássica esforçaram-se para resgatar o conceito de sistema complexo. Pode-se datar simbolicamente a partir da criação do Instituto de Santa Fé (1985)

“A aventura do conhecimento humano entrelaça-se constantemente com a aventura das sociedades humanas: todos nós somos responsáveis por ela”

essa empreitada que, na prática, não visava senão a recuar um pouco as fronteiras do campo apreensível pelo pensamento fechado, sem, contudo, abri-las e principalmente sem abandonar a primazia da modelização matemática formal. Esses partidários, ainda numerosos em 2012, preferem ignorar também a “existência de modelos formais que, embora rigorosos, não se assemelham aos modelos que usam a matemática tradicional” (de acordo com as palavras de H. Simon, em 1967, que já citava muitos exemplos).

Para dar ênfase a essa restrição sensível do alcance epistemológico e metodológico do paradigma da complexidade que sua redução ao simples estudo dos sistemas complexos formalmente fechados implicaria, Edgar Morin propôs identificar essas “ciências dos sistemas complexos” formalizados ou programáveis sob a denominação de complexidade restrita. Poder-se-ia então considerar que o paradigma da complexidade geral integra as contribuições metodológicas da complexidade restrita. Uma ampliação do modo de pensamento que passa da formalização de programas automatizáveis à concepção de estratégias autônomas (cf. seu artigo tradu-

zido em português na obra *Inteligência da complexidade epistemológica e sociedade* (1999).

**IHU On-Line – Sob que aspectos podemos compreender o mundo atual como globalmente complexo?**

**Jean Louis Le Moigne** – “Quanto menor o grão da matéria, mais o descobrimos complexo”, escreveu Bachelard. A complexidade está vinculada tanto ao global quanto ao local. Não devemos reduzi-la à globalidade. Na mecânica celeste, já se considerava o problema da gravitação atrativa de três corpos (três somente!) como muito complexo, no sentido de potencialmente imprevisível na prática (extrema sensibilidade às condições iniciais).

“A complexidade não está *a priori* na natureza das coisas, e sim na mente dos homens”. Associamos ao conceito de complexidade a imagem da imprevisibilidade possível dos comportamentos dos fenômenos que consideramos, a partir do momento em que nos propomos a prestar atenção nas interações internas e externas que relacionam os fenômenos com os contextos em que eles se desenvolvem.

Então, para responder à sua pergunta, digo que é sob todos esses aspectos que podemos entender o mundo atual em e por sua complexidade. Cada vez que tentamos simplificá-lo sob a alegação da eficácia, acabamos em catástrofes humanas e muitas vezes planetárias. Reduzir a política internacional à “luta do eixo do bem contra o eixo do mal”, como quis fazer G. W. Bush para conduzir a guerra do Iraque, é o trágico exemplo dos efeitos perversos dessas simplificações mutiladoras.

**IHU On-Line – Em que consiste uma epistemologia construtivista e quais são suas relações com o paradigma da complexidade?**

**Jean Louis Le Moigne** – Define-se a epistemologia como e pelo “estudo da constituição dos conhecimentos válidos” (Piaget, 1967). Isso implica a conjunção explícita de três grupos de hipóteses gerais e genéricas:

- A hipótese gnoseológica versa sobre a gênese, a forma e a natu-

reza do conhecimento; ela pode concernir:

- À essência atribuível às coisas ou ao Númeno (a hipótese ontológica, presumida independente do sujeito cognoscente que a descreve); ou à experiência gerada pela atividade de fenômenos (ou processos percebidos ou concebidos pelo sujeito cognoscente – “*knowing system*”, como dirá H. von Foerster).
- À origem da determinação das relações internas e externas que relacionam númenos e fenômenos; ela pode ser de tipo causal ou determinante, imposta pelas leis da natureza, independente, portanto, do observador-descritor; ou de tipo teleológico ou reflexivo, dependente, portanto, do ponto de vista do observador-descritor, privilegiando as relações endógenas de tipo “comportamento-finalidade”, em detrimento das relações exógenas de tipo causa-efeito.
- A hipótese metodológica versa sobre os critérios atribuídos à razão humana para deduzir ou inferir conhecimentos a partir de conhecimentos de que se dispõe anteriormente: aqueles da racionalidade silogística, formal, fechada e dedutiva (*substantive rationality*, dirá H. Simon), estabelecida sobre os três axiomas da dedução “perfeita” de Aristóteles; ou aqueles da racionalidade tópico-crítica, funcional e aberta (*procedural rationality*, dirá H. Simon), estabelecida com base nos princípios dialógico, recursivo, transdutivo e de irreversibilidade.
- As opções éticas (pelas quais são valorizados os conhecimentos produzidos) que podem ser tidas como consubstanciais à escolha do método, que, sendo postulado perfeito, deve incorporar uma opção ética subjacente, uma única, sendo, portanto, fechado. É o caso da opção cientificista: o conhecimento tido como cientificamente *verdadeiro* será tido como o único moralmente *bom*, quaisquer que sejam as preferências pessoais dos observadores

(como o lema do positivismo segundo Auguste Comte: ordem e progresso). Ou as opções éticas podem ser consideradas como dependente da responsabilidade dos atores envolvidos (quer as elaborem, quer se refiram a elas para agir), que se obrigam então a explicitar os critérios aos quais se referem (como o lema tríplice da República [francesa]: liberdade, igualdade, fraternidade). Opção que é explicitamente aberta em seu contexto sociocultural.

As epistemologias construtivistas privilegiam as abordagens de constituições dos conhecimentos válidos pelo primado de que apresentam opções ditas “abertas”, como acabamos de apresentar. Desde a origem, o pensamento aberto é a matriz do pensamento complexo segundo as apresentações que faz deste Morin. Pode-se então considerar que o paradigma da complexidade tem seus enraizamentos epistemológicos no terreno fértil das epistemologias construtivistas. Morin, que fala mais em paradigmologia do que em epistemologia – provavelmente, para fugir das querelas bizantinas de vocabulário que os epistemólogos de profissão apreciam –, defende às vezes uma epistemologia construtivista.

**IHU On-Line – Qual é o nexó que une a transdisciplinaridade à complexidade proposta por Morin e à teoria geral dos sistemas, de Bertalanffy?**

**Jean Louis Le Moigne** – Já no primeiro capítulo do Tomo 1 de O método (1977), Edgar Morin assinala: “Embora comporte aspectos radicalmente inovadores, a teoria geral dos sistemas nunca tentou a teoria geral do sistema; ela esqueceu de preparar seu próprio alicerce, de refletir sobre o conceito de sistema. Por isso o trabalho preliminar do sistema ainda está por ser feito, interrogar a ideia de sistema”. Por isso – acrescenta Morin – é preciso “abrir a problemática sistêmica” (Morin, *La Méthode*, t. 1, 1977, p. 101). “Oponho à ideia de teoria geral ou específica dos sistemas a ideia de um paradigma sistêmico (irreduzível à visão muito simplificadora do Todo, do holismo)” (ibid, cap. II-6).

Na verdade, nunca é demais assinalar que a teoria geral dos sistemas, segundo Bertalanffy, é uma teoria holística formada certamente em reação às teorias reducionistas, as quais comprometiam (e continuam comprometendo) a própria ideia de uma organização transdisciplinar da ciência. No entanto, a passagem do reducionismo ao holismo mantém o fechamento no todo (a soma das partes), considerando as partes como frações aritméticas do todo, partes que, por sua vez, são definidas como objetos, e não como sistemas (ou processos) sem dar maior atenção às interações permanentes entre elas.

### Questão epistemológica

O paradigma da complexidade, que se expressa aqui sob o modo projetivo e reflexivo do paradigma da autoecorreorganização ativa em contextos que evoluem, permite desdobrar os conhecimentos entendidos como processos e de forma transversal. A questão é novamente epistemológica: a passagem de uma concepção dos conhecimentos-resultados, que se acumulam sem se relacionarem, a uma concepção dos conhecimentos-processos, que se enraízam no terreno fértil das experiências humanas. Permitam-me concluir com duas citações que esclarecem minha exposição.

“Considera-se cada vez mais atualmente o conhecimento mais como um processo do que como um estado” (Piaget, *Psicologia e epistemologia [...]*, 1970).

“Todo conhecimento adquirido sobre o conhecimento torna-se um meio de conhecimento que esclarece o conhecimento que permitiu adquiri-lo. Podemos então acrescentar uma via de retorno ao sentido único epistemologia-ciência e efetuar passagens de um nível de conhecimento ao outro e vice-versa. Podemos, ao mesmo tempo, conceber um desenvolvimento transformador em que o conhecimento elaborador tente conhecer-se a partir do conhecimento que ele mesmo elabora e que torna assim colaborador” (Morin, *La connaissance de la connaissance*, 1986).

# Um pensamento que não recebe ordens

Compartimentalização da Física em áreas que “não se comunicam” é uma realidade, contudo é imprescindível realizar “encontros entre os saberes”, adverte Mario Novello. “No sistema capitalista de configuração global, a ciência se constrói a reboque da tecnologia”

POR MÁRCIA JUNGES

“**P**roduzir instabilidade no sistema de conhecimento: essa é a função fundamental do cientista. A solução é uma questão da técnica, o que não significa que ela seja menor. É somente diferente. Não se trata de opor ciência e tecnologia, mas sim exibir o diferente status que elas possuem na sociedade e nos diversos meios de comunicação e governamental na sua organização como principal financiadora dessas atividades”. A ponderação é do físico Mario Novello, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ele destaca que uma das maiores revoluções da Física do século XXI “foi a abertura do pensamento para o não-linear, isto é, a utilização de métodos e processos não-lineares na descrição de vários fenômenos”. Sobre o pensamento de Edgar Morin, o cientista aponta suas origens multifacetadas, cuja consequência natural é não receber ordens, mas investigar “incessantemente, produzindo o mais das vezes, a crítica de sua atividade”.

Novello é professor do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), no Rio de Janeiro, onde é coordenador do Laboratório de Cosmologia e Física Experimental de Altas Energias. É graduado em Física pela Universidade

Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Física pelo CBPF e doutor na mesma área pela Université de Genève (Suíça), com a tese *Algebre de l'espace-temps*, pós-doutor pela University of Oxford (Inglaterra) e doutor honoris causa pela Universidade de Lyon (França). Conquistou prêmios internacionais, destacando-se a Menção Honrosa por Teses em Cosmologia e Teoria da Gravitação, concedida pela Gravity Research Foundation (USA). É autor de mais de 150 artigos e de inúmeros livros, dos quais destacamos: *Cosmos e Contexto* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989), *O Círculo do Tempo: Um olhar científico sobre viagens não-convencionais no tempo* (Rio de Janeiro: Campus, 1997), *Os jogos da natureza* (Rio de Janeiro: Campus, 2004), *Máquina do tempo – Um Olhar Científico* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005) e *Do Big Bang ao universo eterno* (Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2010). Foi o responsável pela condução da oficina *A relatividade, a física das partículas e as origens do Universo*, ministrada em 17-05-2006 no **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Qual é a importância do diálogo entre os saberes, chamada de transdisciplinaridade? Quais são os temas que têm sido tratados transdisciplinarmente pela Física e o que esse tipo de abordagem trouxe em termos de avanço do conhecimento?**

**Mario Novello** – Talvez devêssemos fazer aqui uma distinção para que fique claro por onde iremos penetrar nessa nossa conversa. Creio que não deveríamos considerar a Física como um corpo só, único e monolítico. A Física (assim como o modo convencional de organizar os saberes) se

compartimentou, dividiu-se em várias áreas que, no mais das vezes, não se comunicam. Enquanto no começo do século XX nas famosas Conferências Solvay, podíamos identificar um grupo de cientistas que representavam todo o conhecimento daquela época reunidos em um grande anfiteatro, hoje

isso não é de forma alguma possível. Qualquer sub-área da Física produz reuniões científicas que se estendem por vários dias e envolvem centenas de participantes.

Como consequência, embora claro está, existam aspectos em comum e algumas Leis fundamentais que são gerais, a linguagem de cada uma dessas sub-seções que os físicos organizam, é típica, singular e seu “dialeto” dificilmente utilizado por todos. Isso se refere desde aspectos observacionais até aspectos matemáticos que – exceto (repito) por algumas estruturas fundamentais em comum – se distinguem de tal forma que se tornam (quase) incompreensível para outras áreas.

### Compartimentação do saber

O que estou querendo dizer pode parecer dramático, mas é realista: a necessidade da transdisciplinaridade aparece mesmo no interior de uma ciência como a Física. Como isso não deve ser exclusivo dessa ciência, devemos então nos preparar para repensar onde estamos indo nessa compartimentação do saber para evitar (ou pelo menos aliviar essa especialização atomizada) que cada área, cada disciplina, cada grupo de pesquisa ou até mesmo no limite idealizado, cada indivíduo, possua seu próprio discurso, como se houvesse uma necessidade implícita a cada um levando a limitar seu conhecimento a um território topologicamente isolado dos demais. Isso dito, como preâmbulo, podemos então procurar entender a questão que me foi colocada.

### Encontros de saberes

Como exemplo da situação acima, vamos tratar daquilo que é conhecido pelos especialistas, como “Buraco Negro não-gravitacional”. Explico-me. Creio não ser exagero afirmar que a noção de Buraco Negro foi popularizada por diversos meios de comunicação, desde revistas especializadas em divulgação até jornais cotidianos e entrevistas e programas de televisão. Sabemos assim que um Buraco Negro é um estado especial da matéria (associado possivelmente ao resultado do colapso de uma estrela) de processo

“A Física (assim como o modo convencional de organizar os saberes) se compartimentou, dividiu-se em várias áreas que, no mais das vezes, não se comunicam”

gravitacional que é capaz de atrair inexoravelmente tudo que está à sua volta. Isso envolve uma complicada análise que a partir da descrição da Teoria da Relatividade geral foi empreendida.

Assim, seria estranho e quase incompreensível imaginar que um tal Buraco Negro poderia ser construído sem a ação da força gravitacional. Entretanto, foi o que alguns cientistas propuseram com sucesso. Estamos desenvolvendo o que chamaríamos de Buraco Negro não-gravitacional, produzido por outros mecanismos em ação.

O que está por trás disso? Nada mais do que a utilização de uma prática típica de uma área (gravitação) em outra (eletromagnetismo, no caso em questão). Para isso foi necessário realizar uma transposição de saberes ou uma ponte formal capaz de permitir a exibição de um conhecimento escondido em um território no qual, sem a ponte, se tornaria incomunicável. Transportar para a ciência chamada Eletromagnetismo algumas características de métodos usados em outra ciência como a Gravitação resultou nessa produção fantástica de aproximar propriedades incapazes de serem diretamente observadas por situa-

ções que podem ser controladas em laboratório.

Note que não se trata de uma analogia. Trata-se realmente de utilização de métodos formais adquiridos em um território e um dicionário capaz de transportá-lo para outro. Ou seja, mais do que nunca, somos levados a desenvolver esses encontros entre saberes transportando práticas e modos de uns para outros que estão fora de suas rotinas.

**IHU On-Line – Nessa perspectiva, como o estudo dos fractais, como aquele empreendido por Mandelbrot<sup>1</sup>, ajuda a compreendermos fenômenos da natureza e sistemas complexos? Quais são os grandes problemas ainda não resolvidos pela Física e que podem avançar a partir da perspectiva transdisciplinar e da complexidade, como proposto por Edgar Morin?**

**Mario Novello** – Uma das maiores revoluções da Física do século XX foi a abertura do pensamento para o não-linear, isto é, a utilização de métodos e processos não-lineares na descrição de vários fenômenos. Isso foi possível graças a uma série de descobertas, mas talvez se tivéssemos que escolher um nome para simbolizar esse movimento eu citaria o grande matemático francês Henri Poincaré<sup>2</sup>.

1 **Benoît B. Mandelbrot** (1924-2010): matemático francês de origem judaico-polonesa, conhecido pela teoria dos fractais. Sobre seu legado, confira a entrevista realizada pela revista **IHU On-Line** 349, de 01-11-2010, com o físico Paulo Mors, intitulada *O Universo e seus fractais: a contribuição de Mandelbrot*, disponível em <http://bit.ly/bmt6X3>. (Nota da IHU On-Line)

2 **Jules Henri Poincaré** (1854-1912): matemático, físico e astrônomo francês, importante figura no campo da mecânica celeste. Estudioso da matemática pura e aplicada, empregando os recursos da análise ao estudo das equações diferenciais, foi o criador de uma das mais importantes contribuições à matemática: as propriedades das funções automorfas (1880), uma generalização das funções elípticas. Participou ativamente da polêmica sobre a crise dos fundamentos da matemática, surgida logo após a formulação da teoria dos conjuntos de Georg Cantor (1845-1918), e afirmou a impossibilidade de reduzir a matemática à lógica, assim como a necessidade de um princípio não-formal para fundamentar a matemática. (Nota da IHU On-Line)



Foi ele que iniciou de modo sistemático o estudo daquilo que chamamos hoje de sistemas dinâmicos, uma série de equações de natureza não-linear capazes de representar diferentes processos da natureza. Embora seu estudo tenha se iniciado na Mecânica de Fluidos, onde o aspecto não-linear é dominante, cedo seu método de investigação se espalhou para outras áreas da Física e, em seguida, adquiriu universalidade de aplicação como na Química e até mesmo na descrição de processos envolvendo estruturas tão amplas como fenômenos humanos de várias espécies. A lista é enorme. Filósofos como Gilles Deleuze<sup>3</sup>, químicos como Ilya Prigogine, engenheiros, psicólogos, e uma extensa série de pensadores tem usado esses métodos que não são mais do território exclusivo da matemática mas servem para diferentes análises, estendendo cada vez mais o alcance de sua aplicação.

### Bifurcação e sistema

Somente para citar uma propriedade notável dessa análise eu gostaria de me referir a um dos fenômenos mais interessantes que é o da bifurcação. Talvez o território que vou escolher para exemplificar esse processo seja o menos esperado: a Cosmologia. Vejamos.

A análise de processos de bifurcação provém do estudo de sistemas dinâmicos descritos em uma superfície bi-dimensional. Esse é o caso mais simples que posso pensar agora. Assim, o sistema em questão se caracteriza somente por duas variáveis. A evolução do sistema é dada por uma curva nessa superfície. Se necessário, podemos imaginar que as duas variáveis em questão são, por exemplo, a posição e a velocidade de um corpo material; mas essa especificação não é necessária, pois podemos igualmente

“Mais do que nunca, somos levados a desenvolver esses encontros entre saberes transportando práticas e modos de uns para outros que estão fora de suas rotinas”

pensar a descrição de outros sistemas envolvendo, por exemplo, processos químicos relacionados à rapidez da reação entre diferentes substâncias, processos psicológicos ou até mesmo uma questão de tráfego em uma cidade.

Pois bem, uma bifurcação nesse sistema bi-dimensional registra a existência de uma região do sistema onde a previsibilidade deixa de ser parte formal de sua análise. Dito de outro modo, uma curva nessa superfície bi-dimensional caracteriza a evolução de um processo. Cada ponto dessa curva pode servir como ponto de partida para uma determinação futura, ou seja, a caracterização da evolução está inscrita nessa curva. Diferentes curvas são diferentes histórias com condições iniciais distintas e, conseqüentemente, evolução distinta. Entretanto, dentro de cada curva podemos utilizar a noção associada ao determinismo desse processo, ou seja, o conhecimento completo futuro de uma trajetória se faz a partir do conhecimento inicial dessa curva. Exceto se o sistema é tal que em um dado ponto da superfície um ponto de bifurcação ocorre. A partir desse ponto a trajetória do caminho para além desse ponto deixa de ser previsível: o sistema entra em uma

região onde a previsibilidade deixa de ser uma característica do sistema.

### O Universo e a complexidade

Ao examinarmos algumas particularidades das equações de Einstein<sup>4</sup> da Relatividade Geral, mostrou-se que sob certas condições o Universo admite a presença de uma bifurcação. Isto é, o sistema de equações que descreve o Universo neste cenário admite a descrição em termos de um sistema dinâmico que possui bifurcação. Isso significa que no modelo de Universo controlado por aquelas equações a descrição desse Cosmos é imprevisível. Creio que todos nós estaríamos de acordo em afirmar que uma tal propriedade possui conseqüências extraordinárias e certamente conduz a uma visão do Universo distinta da convencional.

O notável é que esse processo que descrevemos usando uma situação particular em nosso conhecimento da Cosmologia pode ocorrer em outras áreas. A utilização desses sistemas ditos complexos, envolvendo sua descrição por meio de funções não-lineares transbordou para outros modos de investigar processos na natureza não-orgânica e orgânica tornando-se um poderoso método de análise desses sistemas complexos.

### IHU On-Line – Em entrevista que o senhor nos concedeu em 2010, afir-

4 **Albert Einstein** (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiado com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas ideias sobre a natureza corpuscular da luz. É, provavelmente, o físico mais conhecido do século XX. Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista **IHU On-Line**, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*, disponível em <http://migre.me/16Mto>. A TV Unisinos produziu, a pedido do IHU, um vídeo de 15 minutos em função do **Simpósio Terra Habitável**, ocorrido de 16 a 19-05-2005, em homenagem ao cientista alemão, do qual o professor Carlos Alberto dos Santos participou, concedendo uma entrevista. Leia, ainda, a edição 130 da **IHU On-Line**, de 28-02-2005, intitulada *Einstein: 100 anos depois do Annus Mirabilis*. **João Paulo II. Balanço e perspectivas**, disponível em <http://migre.me/16Mur> e a edição 141, de 16-05-2005, chamada *Terra habitável: um desafio para a humanidade*, disponível em <http://migre.me/16MuZ>. (Nota da IHU On-Line)

3 **Gilles Deleuze** (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outros. (Nota da IHU On-Line)

**mou que compartimentar os saberes se configura numa “prática de dominação política”. Em que medida avança a técnica e regride o saber a partir dessa concepção fragmentária?**

**Mario Novello** – Em um dos primeiros números da revista eletrônica *Cosmos e Contexto* ([www.cosmosecontexto.org.br](http://www.cosmosecontexto.org.br)) em um artigo do pensador espanhol Ortega y Gasset<sup>5</sup> ele comenta de uma forma brilhante e agradável o mal que a especialização produz sobre as atividades do saber. Todos nós reconhecemos que no sistema capitalista de configuração global, a ciência se constrói a reboque da tecnologia. Parece que a sociedade moderna está derrubando todo vestígio de encantamento que a descoberta científica pode conceder reduzindo a atividade do cientista a uma busca pela técnica, ou como se diz ultimamente, pela inovação. Não é sem consequência que os órgãos de financiamento da pesquisa fundamental, como o CNPq e o Ministério da Ciência e Tecnologia – MCT em geral, estejam mais do que nunca utilizando o termo “pesquisador” ao que antes se conhecia pelo termo “cientista”. Essa mudança de terminologia não é ocasional nem sem consequências. Ela traz em si a ideia de que o pesquisador se lança em uma busca para resolver um problema conhecido. Ou seja, temos *a priori* um problema. Resta então encontrar sua solução.

A orientação do cientista é distinta. Ele procura produzir um problema, mesmo ali onde o conhecimento parece ser estável e seguro. Produzir instabilidade no sistema de conhecimento: essa é a função fundamental do cientista. A solução é uma questão da técnica, o que não significa que ela seja menor. É somente diferente. Não se trata de opor ciência e tecnologia, mas sim exibir o diferente status que elas possuem na sociedade e nos diversos meios de comunicação e governamental na sua organização como principal

5 José Ortega y Gasset (1883-1955): filósofo espanhol, que atuou também como ativista político e jornalista. Sobre o autor, confira a entrevista concedida por José Maurício de Carvalho, *Pampa. Um espaço humano de promessas e realizações*, concedida à IHU On-Line nº 190, de 07-08-2006, disponível em <http://migre.me/16MA9>. (Nota da IHU On-Line)

financiadora dessas atividades. Ou seja, parece que estamos entrando em uma ordem econômica e social na qual o desenvolvimento brasileiro exige o aparecimento de um contingente grande de técnicos e cada vez menos de cientistas.

Se você conversar com os dirigentes, a maioria deles ainda se resguarda de explicitar qualquer forma de dicotomia a nível institucional, e argumentam que o conhecimento deve ser não enciclopédico, mas prático. Leia-se: primado da técnica. Se essa premissa for verdadeira, então entendemos que a fragmentação a que estamos referindo é uma consequência intrínseca de uma diretriz do Estado em detrimento do conhecimento que não possua uma forte componente técnica.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Mario Novello** – Sim. Em seu belo livro *Mes philosophes* (Meaux: Germina, 2011), Edgar Morin termina sua introdução argumentando que ele havia escapado à ditadura do pensamento convencional dominante, e em particular àquilo que estamos chamando de “especialização”, através de uma vertente autodidata e em particular graças à multiplicidade de suas fontes que ele admite ser de diferentes e variadas orientações, chamando de “maîtres” por exemplo Heráclito<sup>6</sup>, Lao-Tsé, Breton, Bataille<sup>7</sup>, Von Foerster, Spinoza<sup>8</sup>, Heidegger e outros.

6 Heráclito de Éfeso (540 a. C. - 470 a. C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problematisa a questão do devir (mudança). Recebeu a alcunha de “Obscuro” principalmente em razão da obra a ele atribuída por Diógenes Laércio, *Sobre a Natureza*, em estilo obscuro, próximo ao das sentenças oraculares. Na vulgata filosófica, Heráclito é o pensador do “tudo flui” (panta rei) e do fogo, que seria o elemento do qual deriva tudo o que nos circunda. De seus escritos restaram poucos fragmentos (encontrados em obras posteriores), os quais geraram grande número de obras explicativas. (Nota da IHU On-Line)

7 Georges Bataille (1897-1962): escritor, antropólogo e filósofo francês. O erotismo, a transgressão e o sagrado são temas abordados em seus escritos. Sua correspondência foi publicada em 1997 pela Gallimard sob o título *Choix de lettres 1917-1962*. Grande parte de sua obra não foi traduzida para o português. (Nota da IHU On-Line)

8 Baruch de Spinoza (1632-1677): filósofo

Ele está, assim, dando seu testemunho de um pensamento de origens multifacetado que, consequência natural, não recebe ordens. Mas investiga, o tempo todo, incessantemente, produzindo o mais das vezes, a crítica de sua atividade. Essa estrada que o humanista constrói – seja ele um cientista ou um pensador de qualquer área – não pode terminar, não pode ter fim. Seguir em frente é sua finalidade. E ela não se mede por resultados concretos, mas sim trata de um outro lugar. Que lugar é esse que o filósofo está apontando?

## Leia mais...

Confira outras entrevistas concedidas por Mario Novello à IHU On-Line.

- *A cosmologia está mudando a forma humana de pensar*. Edição 142 da Revista IHU On-Line, de 23-05-2005, disponível em <http://migre.me/15Ew3>
- *Nobel da Física 2006 auxilia a compreender a formação do Universo*. Entrevista especial com Mario Novello, publicada nas **Notícias do Dia** 11-10-2006, disponível em <http://migre.me/15EyB>
- *José Leite Lopes: um físico que não aceitava trivializar o conhecimento*. Uma entrevista especial com o professor Mario Novello, publicada nas **Notícias do Dia** 15-06-2006, disponível em <http://migre.me/15Ezu>
- *“O Universo estava condenado a existir”*. Edição 340 da revista IHU On-Line, de 23-08-2010, disponível em <http://bit.ly/QCIkD8>

holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna, e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 398 da revista IHU On-Line, de 06-08-2012, intitulada *Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento*, disponível em <http://bit.ly/ITqFx>. (Nota da IHU On-Line)



# Morin e a compreensão do Direito como um sistema

Na visão de Angelita Maders, o pensamento aberto à transdisciplinaridade e o pensamento complexo auxiliam a compreensão do sujeito e o diálogo com outros saberes para encontrar uma solução, mesmo que provisória, aos problemas da humanidade

POR MÁRCIA JUNGES E GRAZIELA WOLFART

A partir do pensamento de Edgar Morin, a professora Angelita Maders defende, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, que todas as ciências “devem estudar e compreender a desordem, reconhecer que são falíveis e que não são detentoras da verdade. Devem ser complexas, críticas e autorreflexivas para viabilizar a emancipação dos seres humanos, e não a sua sujeição, porque é inseparável de seu contexto histórico e social. Sua realidade deve ser multidimensional, sob pena de ser automatizada e esterilizada”. Para Angelita, que é doutora em Direito e defensora pública estadual, “compreender o complexo humano auxilia o Direito na busca de solução aos conflitos também complexos,

mas para isso ele necessita dialogar com as outras áreas do conhecimento”.

Angelita Maria Maders é graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Santo Ângelo-RS, mestre em Desenvolvimento, Gestão e Cidadania pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e doutora em Direito pela Osnabück Universität, Alemanha. É professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí e da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Santo Ângelo e Defensora Pública do Estado do Rio Grande do Sul.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Qual é a pertinência da crítica de Morin à objetividade das ciências, pensando no Direito em específico?**

**Angelita Maders** – É importante, primeiramente, contextualizar as respostas a serem dadas às questões propostas descrevendo, mesmo que brevemente, o autor em cuja teoria elas são fundadas. Edgar Morin é francês. Nasceu em 1921 e formou-se em Direito, História e Geografia. É sociólogo por título e filósofo, antropólogo, historiador por formação, além de um grande pensador dos problemas do ser humano no mundo contemporâneo. Sua obra trabalha de forma transdisciplinar as ciências humanas com as ciências físico-biológicas, sem separar o objeto do conhecimento com a própria vida. Ele é pioneiro e introdutor do pensamento

complexo, que não admite reducionismo ou determinismo. Morin reintroduziu a incerteza no pensamento de diferentes níveis de reflexão transdisciplinar e com seus textos e suas reflexões, ele consegue abalar nossas verdades. A objetividade das ciências é por ele criticada em razão de sua tendência ao reducionismo, que faz com que o conhecimento dela proveniente não seja pertinente, já que não compreende o todo, o conteúdo multidimensional das unidades complexas. Para Morin, tudo que é humano deve ser compreendido a partir de um jogo complexo, pois para conhecer melhor as partes deve-se conhecer o todo e vice-versa, como em um movimento circular ininterrupto. O mesmo deve ocorrer com o Direito, pois o pensamento redutor, com ênfase em elementos isolados, frag-

mentados, constitui um grande erro, porque ele é disjuntivo e não consegue estabelecer a relação entre, por exemplo, sociedade e indivíduo, como se um excluísse o outro. Por isso a crítica do autor é pertinente, já que os cientistas e os juristas devem não somente conhecer por conhecer, mas também entender a ética do conhecimento e a ética da responsabilidade, que devem guiar o seu caminho. Todas as ciências, então, devem estudar e compreender a desordem, reconhecer que são falíveis e que não são detentoras da verdade. Devem ser complexas, críticas e autorreflexivas para viabilizar a emancipação dos seres humanos, e não a sua sujeição, porque é inseparável de seu contexto histórico e social. Sua realidade deve ser multidimensional, sob pena de ser automatizada e esterilizada.

**IHU On-Line – Em que medida a transdisciplinaridade e o pensamento complexo podem auxiliar o Direito a dialogar mais com os outros saberes?**

**Angelita Maders** – Segundo Morin, os complexos da inter e multitransdisciplinaridade realizam e desempenham um fecundo papel nas ciências, pois correspondem à cooperação, à integração ao objeto e ao projeto comuns, às suas relações, inter-relações, implicações mútuas, fenômenos multidimensionais, realidades que são simultaneamente solidárias e conflitivas (a exemplo da democracia), que respeitem a diversidade e a unidade. Compreender o complexo humano auxilia o Direito na busca de solução aos conflitos também complexos, mas, para isso, ele necessita dialogar com as outras áreas do conhecimento. Embora Morin tenha sido criticado por ter pautado seus estudos na inter, na poli, na transdisciplinaridade, sua crítica ao paradigma científico contemporâneo tem sido progressivamente reconhecida mundo afora e em diferentes áreas do conhecimento, inclusive no Direito. Assim sendo, o pensamento aberto à transdisciplinaridade e o pensamento complexo auxiliam a compreensão do sujeito e o diálogo com outros saberes para encontrar uma solução, mesmo que provisória, aos problemas da humanidade. Para manter sua vitalidade, o Direito não pode ser fechado, mas deve manter um amplo relacionamento disciplinar, uma hibridização, já que o ser e a sociedade implicam ordem/desordem, interação/reorganização (que é o tetragrama organizacional que representa a teoria da complexidade, que faz parte da vida). Se o Direito serve o ser humano, e este deve respeito a ele, o Direito também deve compreender que o ser humano não é somente físico e biológico, mas também cultural e espiritual. A fragmentação do estudo jurídico não pode criar especialistas reclusos em um emaranhado de saberes abstratos que não consegue conviver com a cultura humanística. A teoria jurídica formalista, instrumental e individualista necessita de mudanças e a construção de novos paradigmas, direcionados para uma perspectiva pluralista, flexível e interdisciplinar. Nesse sentido, o

jurista não pode limitar-se a ser um positivista. Ele tem necessidade de conhecer um pouco de cada ciência e, mais, de humanidade. O Direito deve compreender que precisa religar os conhecimentos e recusar a cisão entre as ciências e as humanidades; deve conhecer o humano e o complexo tecido real, pois todo ser carrega em si multiplicidades internas que geram conflitos. A influência da transdisciplinaridade e do pensamento complexo auxiliam dando mais humanismo ao positivismo jurídico e, aos juristas, mais humanidade, pois os problemas jurídicos são cada vez mais multidimensionais. Essa inter e multidisciplinaridade entre o Direito e as outras áreas do conhecimento é importante, na medida em que não se pode negar que há um conflito entre o imperativo do conhecimento e os imperativos éticos. Os juízes, por exemplo, devem estar cientes da arbitrariedade de suas decisões, da provisoriidade e da incerteza que elas carregam, bem como que elas servem como uma aposta quanto à verdade. Por tudo isso é que se exige do julgador um conhecimento que extravase o saber jurídico: o conhecimento da realidade social onde aplica a lei, assim como um conhecimento mais aprofundado da complexidade das relações que ensejaram a demanda judicial que lhe cabe julgar, porque ele não poderá retirar-lhes a complexidade, simplificá-las e, se o fizer, estará eliminando seu contexto, sua singularidade, sua localidade, sua temporalidade e, por sua vez, o conhecimento do todo, o que pode ensejar decisões injustas por total desvinculação com a realidade fática das partes envolvidas.

**IHU On-Line – Quais seriam os maiores avanços que surgiriam no Direito a partir desse diálogo?**

**Angelita Maders** – Um avanço que pode ser apontado é o reconhecimento da insuficiência do Direito frente à crise da humanidade e dos problemas humanos cada vez mais complexos que reclamam por uma solução. Entendo isso como um avanço, porque essa é a única certeza que se extrai dos diferentes estudos acerca dos problemas que afetam o sistema jurídico e também porque é um aler-

ta para a necessidade de um convívio maior do Direito com as demais áreas do conhecimento. Nesse sentido, deve-se recordar que o Direito faz parte do sistema social e sua função cinge-se a reduzir a complexidade desestruturada para fazer com que ela alcance uma complexidade mais elevada e estruturada. Então, já se concluiu que ele deve ser um sistema aberto, em constante diálogo não somente com outras ciências, mas também com a complexidade, porque, na atualidade, não se tem mais como se estender ao comportamento humano o racionalismo, o positivismo científico, como pretendia Kelsen<sup>1</sup>, porque o ser é complexo. O problema está em como perfectibilizar essa ideia na prática frente ao positivismo, que não enxerga a realidade como um todo. O avanço é percebido na luta de uma parcela dos profissionais do Direito que passaram a entender que os processos carregam em si não somente procedimentos e fórmulas metodológicas, mas também dinâmicas e tramas sociais que são reais e não conseguem ser compreendidas pela norma abstrata e nas decisões recentes do Supremo Tribunal Federal, que estão considerando a complexidade, a multidimensionalidade ao normatizar expectativas complexas de diferentes setores sociais que ainda se encontram à margem.

Todavia, considerando que o fenômeno social é complexo, faz-se necessário avançar mais, pois à cultura jurídica, à letra fria da lei, deve ser agregada uma cultura humanista, num elo de consciência e responsabilidade com os problemas gerais e globais. Para isso o Direito precisa servir-se dos conhecimentos da filosofia, da antropologia, da medicina, da biologia, da sociologia, economia, psicologia, enfim, das mais variadas áreas do conhecimento, pois todas elas lhe dizem respeito e se interligam, de uma ou de outra forma. Afinal, parafraseando Morin, também a cultura do jurista precisa ser multidimensional, para que possa desenvolver uma policompetência para articular a sua competência a outras competências, que, ligadas em cadeia, formariam um

<sup>1</sup> Hans Kelsen (1881-1973): jurista e filósofo austríaco, um dos mais importantes e influentes do século XX. (Nota da IHU On-Line)

círculo completo e dinâmico, o anel do conhecimento do conhecimento, pois, por meio de sua atuação, pode exercer um papel na transformação social.

**IHU On-Line – Quais são os principais limites do Direito, hoje, pensando em termos de transdisciplinaridade? Por que é tão difícil o debate com outras ciências?**

**Angelita Maders** – Os instrumentos jurídicos existentes, por si só, são incapazes de dar respostas e soluções para o encaixe das diferentes e novas peças que constituem o mosaico de problemas da sociedade. Uma das barreiras enfrentadas pelo Direito é oriunda do ainda vigente pensamento cartesiano e positivista, que precisa ser abolido para que se possa efetivamente falar em religação dos saberes de diferentes áreas para a solução dos conflitos judiciais. Existe uma necessidade premente de conciliar métodos, conceitos e disciplinas que são isolados na ciência jurídica, de modo a fazê-los convergir para um sistema jurídico condizente com a realidade. Isso será possível se ocorrer uma integração de abordagens qualitativas e quantitativas; uma redefinição das relações entre direito público e privado; a introdução de conceitos cosmopolitas e do pensamento complexo, que facilitem o estudo do multiculturalismo. Deve-se pautar a prática jurídica em uma ênfase gnosiológica capaz de coletar e processar dados objetivos e relacioná-los com realidades subjetivas, sempre considerando sua complexidade, bem como a pluralidade da sociedade atual, onde também deve haver uma convergência cultural e respeito às culturas heterogêneas existentes. O Direito já está sendo e deve ser modificado juntamente com o processo de transformação social devido ao aumento da heterogeneidade cultural da população, buscando soluções jurídicas mais elaboradas, de acordo com as demandas e mudanças que surgem, para reforçar o enfrentamento às incertezas. É preciso ainda compreender o Direito como um sistema em que suas partes integram o todo e o todo deve ser conhecido também por suas partes, combatendo o reducionismo do positivismo a partir do conjunto, sem esquecer suas inter-retroações complexas. Em suma, a perspectiva do Di-

reito no Brasil é a crescente demanda da inter, multi e transdisciplinaridade; o grande desafio é como capacitar os juristas para a solução de conflitos de tamanha complexidade.

**IHU On-Line – Quais são os grandes temas de fronteira em nosso tempo nos quais o Direito tem dificuldade em avançar devido à falta de concepções que consideram outras áreas do conhecimento?**

**Angelita Maders** – Talvez sejam muitos os temas de fronteira em nosso tempo nos quais o Direito tem dificuldade em avançar devido ao seu excessivo dogmatismo, como é o caso dos problemas fundamentais, a exemplo da pobreza, da efetivação dos direitos sociais e, em especial, da proteção à diversidade cultural e ao conhecimento tradicional. Além disso, as realizações da tecnologia moderna estão a exigir a reorientação das ciências, inclusive a jurídica, que deve se adaptar aos novos tempos para civilizar suas teorias e fazê-las autocríticas e aptas a se autorreformular, estabelecendo um consenso para respeitar as liberdades e também as regras democráticas. Os fenômenos sociais devem ser considerados como sistemas complexos, cuja complexidade o Direito não poderá reduzir, mas com a qual haverá de conviver. Há necessidade de vencer-se o egocentrismo, aceitar a imprevisibilidade do futuro, identificar falsas racionalidades, superar as antinomias decorrentes do progresso e assumir a condição humana. Isso tudo, porque as mudanças estruturais que estão transformando as sociedades modernas, cada vez mais complexas, estão fragmentando questões de cultura, classe, gênero, sexualidade, raça, ética, genética, dentre outras. Como refere Morin, a sociedade está vivendo um período em que a disjunção entre os problemas éticos e os problemas científicos podem se tornar mortais se perdidas as ideias humanistas de cidadão e de ser humano. Assim, é necessário que o ser humano entenda que as ciências não têm consciência de que lhe falta uma consciência e que elas não podem ocupar o centro da sociedade, mas o ser humano e a complexidade de suas relações, a quem a ciência deve estar a serviço. Para tanto, desenvolver a ética da responsabi-

lidade, da solidariedade e da compreensão também é um grande desafio.

**IHU On-Line – Como o pensamento de Niklas Luhmann e Morin se entrecruzam e contribuem para a construção de um sistema jurídico mais dinâmico e mais adequado à hipercomplexidade da sociedade atual?**

**Angelita Maders** – Os caminhos trilhados por Edgar Morin, de alguma ou outra forma, entrecruzam-se com os trilhados por Niklas Luhmann<sup>2</sup>, na medida em que este autor, já na década de 1970, percebia a complexidade emergente no mundo e voltou seus estudos para a teoria sistêmica aplicada às ciências sociais. Ele teorizou a sociedade como um sistema autopoietico, onde o Direito é um sistema aberto cognitivamente e dinâmico, mas fechado operacionalmente, que tem sua própria linguagem e que se autorreproduz, independentemente do que se passa no sistema político ou nos demais sistemas. As contribuições de Luhmann precedem as contribuições de Morin, mas, as primeiras proposições de uma Teoria Geral dos Sistemas iniciaram no campo da Biologia com Ludwig Von Bertalanffy, na década de 1930, mas foi a partir dos estudos desenvolvidos por Humberto Maturana e Francisco Varela<sup>3</sup> (1997) que surge

<sup>2</sup> **Niklas Luhmann** (1927-1998): Estudou direito em Friburgo, onde se doutorou em 1949. Em 1960 viajou aos EUA e estudou sociologia na Universidade de Harvard em Boston, que exerce uma influência significativa em seu pensamento. Em 1964 publica *Funktionen und Folgen formaler Organisation* (Duncker & Humblot, Berlin, 1964), e ingressa na Universidade de Münster, em Dortmund, onde doutorou-se em sociologia política. Em 1968 se estabelece em Bielefeld, em cuja Universidade permanecerá o resto de sua carreira como catedrático editor da revista acadêmica *Zeitschrift für Soziologie* (Stuttgart). Recebeu o prêmio Hegel em 1988. Em língua portuguesa foram publicadas as suas seguintes obras: *Legitimação pelo procedimento*. Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 1980; *Sociologia do Direito*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985; *A Improbabilidade da Comunicação*. Lisboa: Vega, 1992. Em 15 de março de 2005, no evento *Abrindo o Livro*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, o Prof. Dr. Leonel Severo Rocha, da Unisinos, apresentou *El derecho de la sociedad*, obra de Niklas Luhmann. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> **Humberto Maturana e Francisco Varela**: biólogos chilenos. Entre outros, escreveram *El Arbol Del Conocimiento*. Santiago do Chile: 1994. Editorial

o entendimento de que os sistemas seriam capazes de se autoconstruir e reduzir a complexidade. Nesse contexto que surgiu a proposição de Morin de que a concepção de sistema é a raiz da complexidade, defendendo que se deve fugir de explicações simplistas, lineares, para abarcar as diversas realidades – leia-se a multidimensionalidade – do mundo enquanto sistema, ideia esta que se constitui palavra-chave do pensamento luhmaniano. A ideia trazida por Luhmann é de que o Direito se legitima na medida em que os seus procedimentos garantem esta ilusão, percebendo na legitimação do poder o sentido do procedimento juridicamente organizado, na medida em que o poder gera a decisão e a torna legítima, de sorte que o objetivo do procedimento juridicamente organizado consiste em tornar transmissível a redução da complexidade. Luhmann entende que, nas sociedades complexas, a natureza das decisões deve ceder lugar aos procedimentos, que generalizam o reconhecimento das decisões, tornando os procedimentos a garantia de decisões que terão aceitabilidade. Segundo o autor, os processos ajudam, perante um futuro incerto, a proporcionar uma segurança atual através de uma complexidade imprevisível de possibilidades do direito variável e ajudam a tornar possível um comportamento representativo no presente. Morin, por sua vez, criticou a teoria geral dos sistemas, porque ela estaria fundada no holismo, que abrange também uma visão unidimensional e simplificadora do todo. Para ele, a inteligência do sistema requer um novo princípio que não seria o holismo, porque este acaba reduzindo à totalidade uma ideia à qual se reduzem outras ideias sistêmicas, quando em verdade deveria ser uma ideia

---

Universitária. Santiago do Chile, 1994. Humberto Maturana (1928) é crítico do Realismo Matemático e criador da teoria da autopoiese e da Biologia do Conhecer, junto a Francisco Varela. Faz parte dos propositores do pensamento sistêmico e do construtivismo radical. Francisco J. Varela (1946-2001) escreveu sobre sistemas vivos e cognição: autonomia e modelos lógicos. Ph.D. em Biologia, escreveu *Princípios de Autonomia Biológica*, um dos textos básicos da autopoiese, teoria que desenvolveu com Humberto Maturana. (Nota da IHU On-Line).

confluente. Esse novo paradigma seria aquele já exposto por Blaise Pascal<sup>4</sup>, no sentido da impossibilidade de conhecer as partes sem conhecer o todo, ou de conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes. Isso é possível, segundo Morin, desde que se extraia dessa fórmula uma circularidade construtiva da explicação do todo pelas partes e das partes pelo todo. O sistema para ele não seria a unidade global, mas a unidade *multiplex*, isto é, complexa, aberta às politotalidades e para uma nova organização do pensamento e da ação, ambos complexos, diferente da simplificação holística, que reduz ao todo.

**IHU On-Line – Em que aspectos a Teoria Geral dos Sistemas, de Karl Ludwig von Bertalanffy, pode contribuir em uma renovação do Direito no século XXI?**

**Angelita Maders** – Karl Ludwig von Bertalanffy é considerado um dos fundadores da Teoria Geral dos Sistemas, mas especificamente da ideia de sistema aberto, que pode se alimentar de matéria/energia e de informação. Ele propôs a aplicação dessa teoria não somente à Física e à Biologia, mas também às ciências sociais, comportamentais e à Filosofia, pois entendia que os sistemas estão em toda a parte. Sua teoria ganhou adeptos ao longo dos anos e tem sido adotada por diferentes autores na atualidade, mas restou apriorada, até mesmo por Luhmann, para quem ela deveria ser uma teoria sistêmica autopoietica, onde o Direito deveria ser fechado objetivamente, mas admitir ruídos externos e a convivência com outras áreas do conhecimento, portanto, aberto cognitivamente. O próprio Morin também adotou a teoria dos sistemas, porém com um novo paradigma, o qual se entende adequado para ser empregado ao Direito no século XXI, já que abrange uma visão multi, pluridimensional e complexa. Segundo ela, a complexidade não deve ser afastada pelo Direito, que deve com ela conviver para nela apostar em uma solução para problemas complexos. A complexidade, então, conduziria a um conhecimento mais verdadeiro, onde

---

4 **Blaise Pascal** (1623-1662): físico, matemático, filósofo moralista e teólogo francês. (Nota da IHU On-Line)

as relações todo/parte seriam mediadas por interações e organizações, que não afastam a desordem, a incerteza e antagonismos. Morin define sua teoria como dimensão sistemática organizacional, que deve estar presente em todas as teorias do universo, já que a teoria geral dos sistemas baseada na noção de sistema aberto é insuficiente, porque “o sistema não é uma palavra-chave para a totalidade; é uma palavra-raiz para a complexidade”. A complexidade superaria a perspectiva de micro para macro, propondo formas alternativas de solução dos problemas que não conseguem ser resolvidos na Teoria Geral dos Sistemas, já que nega a existência de única e absoluta verdade, propondo um método de aproximação máxima da verdade superando a compartimentação e especialização pelo uso de meios inter, multi e transdisciplinares. As perspectivas dessa teoria são tentadoras e os ensinamentos de Morin prometem soluções desejadas pela sociedade, mas cujo verdadeiro legado e utilidade somente poderão ser percebidos e definidos no futuro.

**IHU On-Line – No caso da biotecnica e do direito, há um laço que une ambos conhecimentos indiscutivelmente. A partir disso, como analisa a pesquisa biogenética humana no Brasil e na Alemanha?**

**Angelita Maders** – O laço que une esses dois ramos do conhecimento demonstram a interdisciplinaridade necessária para a compreensão e solução dos problemas oriundos dos avanços biotecnológicos, que não prescindem da ética e do Direito, tanto que se fala hoje em uma disciplina chamada Biodireito. A pesquisa biogenética envolvendo seres humanos no Brasil e na Alemanha, onde ela é mais restrita sob determinados aspectos, assim como a ciência em geral, possui um lado positivo e outro negativo, lados que devem conviver dialogicamente. O problema reside na prevalência dos aspectos negativos e na utilização da ciência não mais a serviço do ser humano, mas o inverso. O que deve ocorrer, nessa área, é justamente um controle adequado para garantir que o caminho percorrido pelos cientistas seja efetivamente ético, responsável e, portanto, em benefício da humanidade (solidário).



# Complexidade e pensamento vivo

A autonomia dos saberes acontece na “relação criativa com outras partes”, e não através do isolamento, que atesta miopia e morte, assinala Laércio Pilz. A abertura ao Outro e aos diferentes saberes é o que “alimenta o nosso viver e o desejo pelo saber”

POR MÁRCIA JUNGES

“Edgar Morin é importante porque ele defende a dignidade de criar através da proposição do pensamento complexo, porém, ao mesmo tempo, ele não ignora a realidade das coisas, as ordens que estão aí e diante das quais estamos construindo as possibilidades”. A reflexão é do filósofo Laércio Pilz na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. Em seu ponto de vista, a proposta desse pensador sobre a complexidade “é uma nova maneira de universalizar, não mais em forma de um círculo em que as coisas parecem relacionar-se mecanicamente, mas através de conexões que vão se realizando dinamicamente e criativamente”. E completa: “Sua crítica à ordem e à fragmentação não é de alguém que ignora que existe ordem e que separar as coisas faz parte do procedimento científico. Porém, ele alerta que, para que o pensamento permane-

ça vivo, devemos estar vigilantes para que a ordem e a separação das coisas não ignorem a complexidade”.

Laércio Pilz é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição – Fafimc, em Viamão, especialista em Educação pela Federação de Estabelecimento de Ensino Superior, em Novo Hamburgo, mestre e doutor em Educação pela Unisinos com a tese *A afirmação de uma pedagogia da afirmação: Desconstruindo morais racionalistas a partir do encontro com o desejo, a multiplicidade e o dever*. Leciona na Unisinos, no departamento de Ciências Humanas, e atua como professor autor de diversas disciplinas nos cursos EAD da instituição. É autor de *Antropologia filosófica e ética* (São Leopoldo: Unisinos, 2010) e *Ética e negócios* (São Leopoldo: Unisinos, 2012).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Uma relativização radical de cada olhar, mas sem cair no relativismo, é um dos pilares da transdisciplinaridade. Em que aspectos o diálogo entre os saberes incentiva uma visão mais abrangente sobre a existência, as diversas formas de vida e sua legitimidade ontológica?**

**Laércio Pilz** – O ser humano experimenta diferentes maneiras de conceber a sua relação com a existência. Os mitos, a religião, a ciência, entre outros saberes, são maneiras pelas quais o ser humano deu e dá significado e sentido à sua existência e à vida de um modo geral. Se falarmos em diálogo entre saberes, estamos falando não só entre os saberes modernos, mas entre todas essas formas de manifestações de produção de sentido que o ser humano, em seu trajeto cultural,

desenvolve. Reconhecer antropologicamente, em cada um desses saberes, uma manifestação humana verdadeira não pode deixar que ignoremos que a relativização radical, que tu colocas na questão, aponta para a crítica a uma possível simplificação (redução) da vida por parte do discurso de um desses saberes.

Vamos radicalizar em relação ao final da tua questão: qual é a legitimidade ontológica dos seres vivos em geral? Sua dignidade não está posta a partir de sua própria reflexão e defesa em relação às suas possibilidades de existência. Nós, humanos, seres reflexivos, estamos desafiados a desenvolver a compreensão do que significa a dignidade da vida planetária, presente nos seres vivos e em suas relações e, a partir disso, desenvolvermos práticas

que liberem e potencializem a manifestação plena da vida por parte dos outros seres.

## Relação criativa com o Outro

Só há diálogo entre *os saberes* (os humanos) e do ser humano com os seres/forças do planeta, se experimentamos o de fora, este sair de si, sentindo, assim, uma *rede de potencialização* dos seres entre si. A verdade ontológica de cada ser se compõe pela dinâmica de sua relação com o *de fora*. O ser humano, como ser reflexivo e autogerador de sentido, experimenta sua ontologia na compreensão de sua relação criativa com o Outro, tanto o *outro-eu* como o *outro-humano* e o *outro-ser vivo*.

Por fim, quando propões a ideia de diálogo entre saberes, penso na

compreensão do pertencimento a uma rede dinâmica de relações em que, além do apaziguamento (um certo cruzamento) entre saberes míticos, científicos, religiosos, cotidianos (senso comum), etc., também podemos pensar no diálogo entre os saberes acadêmicos, ou seja, do entendimento de que o ser humano e a sociedade podem ser melhor compreendidos se nosso estudo sobre eles for levado adiante de forma colaborativa entre história, psicologia, sociologia, direito, biologia, etc.

**IHU On-Line – Em que medida a transdisciplinaridade é um contraponto ao pensamento totalitário e único, e qual é seu papel numa sociedade na qual a especialização técnica resulta em fragmentação do conhecimento e “miopia” da ação?**

**Laércio Pilz** – Um pensamento totalitário e único retira o próprio homem de sua liberdade, pois a essência da liberdade é o não determinismo, é a possibilidade de contar a História e a sua história de outras maneiras, subvertendo certos registros padronizados. O que atesta o pensamento totalitário e único, algo que considero impossível de se manter diante da lógica do tempo? É a representação pré-determinada sobre algo ou o uso de um método restrito e simplificado para definir e representar os objetos. Edgar Morin, em *A inteligência cega*<sup>1</sup>, tem uma passagem que me marcou muito em que afirma que quando os mitos e religiões se fixam em seus dogmas, quando a ciência se reduz em seus abstracionismos e empirismos, quando as ideologias se fixam em suas doutrinas, estamos desenvolvendo uma inteligência cega. A abertura, para ele, é o que alimenta o nosso viver e o desejo pelo saber. Aquilo que pretende fechar o conhecimento em uma resposta dada e pronta tem seu limite e, se não for reconhecido como tal, produz cegueira. O problema do tecnicismo e do mecanicismo está, em primeiro lugar, numa visão limitada de pensar a ordem das coisas como algo linear, repetitivo, fixo, sujeito à padro-

1 MORIN, Edgar. *A inteligência cega e epistemologia da complexidade*. In: \_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento complexo*. 2 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. (Nota da IHU On-Line)

“A autonomia dos saberes não se faz pelo seu isolamento, pois assim atestam sua miopia e morte. A autonomia é um movimento de relação criativa com outras partes – contextos”

nização. Em segundo lugar, é acreditar que existe um estudo que nos levará a modelos que devem ser seguidos. Essa é a grande cegueira da ação.

Se existem ações que atestam uma ordem repetitiva em relação aos resultados, não é esse processo que revela a criatividade e a possibilidade humana de elaborar o novo, de fazer da existência um campo de criação estética. O pior problema da fragmentação do conhecimento é a redução da ação a um padrão de sequência, como se houvesse uma regra pré-determinada, a partir de um tipo de saber, para a execução dos processos. Repito com Edgar Morin: a vida segue certos padrões, as espécies têm seus códigos genéticos de reprodução, assim como nós possuímos leis e normas que estabelecem uma organização mínima das estruturas e dos movimentos. Porém, o engessamento nessa ordem nega a vida como força dinâmica e o ser humano como ser para a criatividade em sua relação consigo, com os outros e com o planeta – animado por uma perspectiva ética.

**IHU On-Line – Sob quais aspectos a obra de Morin é um contraponto ao fechamento ideológico e paradigmático das ciências?**

**Laércio Pilz** – Edgar Morin não é um crítico das ciências. Parece-me que

ele teme que a ciência, assim como outras formas de saber, seja mais uma maneira pela qual possamos ignorar a complexidade da vida e das relações. Ele seguidamente enaltece a importância da racionalidade humana para a compreensão e execução de um projeto propositivo em relação à solidariedade terrestre. Conseguimos coisas maravilhosas com o desenvolvimento científico, o que não podemos desprezar como elemento que pode fazer parte de um projeto colaborativo da humanidade em sua evolução com a vida planetária. *Ciência com consciência*<sup>2</sup>, *O método III (Conhecimento do conhecimento)*<sup>3</sup>, entre outras obras, revelam um autor que discursa em favor da teoria científica e da pesquisa, porém, sempre pensando na dinâmica de abertura ao pensamento complexo, ou seja, na capacidade propositiva que esse saber científico desenvolve, dialogando com a história e com a dinâmica dos contextos. A autonomia dos saberes não se faz pelo seu isolamento, pois assim atestam sua miopia e morte. A autonomia é um movimento de relação criativa com outras partes – contextos. Autoeco-organizadores, conceito muitas vezes repetido por Morin, são todos os saberes que estendem seu conhecimento em relação a um projeto dinâmico e que se faz histórico, marca indelével da condição humana. O que deve ser pressuposto básico para se desenvolver ciência em um mundo complexo e dinâmico? A compreensão dos múltiplos fatores que se fazem presentes nos processos de ação e reação das forças da natureza, das forças sociais e de cada ser humano.

**IHU On-Line – Normalmente a arte, a ciência e a tradição são analisadas separadamente, como se não dialogassem ou não fizessem parte do mesmo sistema complexo. Numa perspectiva do *Manifesto da transdisciplinaridade*<sup>4</sup>, o que o entrelaçamento entre esses saberes representa?**

2 MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002). (Nota da IHU On-Line)

3 MORIN, Edgar. *O MÉTODO III. Conhecimento do Conhecimento* (Porto Alegre: Sulinas, 1999). (Nota da IHU On-Line)

4 Basarab Nicolescu. *O Manifesto da Transdisciplinaridade* (2. ed. São Paulo:



**Laércio Pilz** – A arte já foi vista, assim como o mito, com certo desdém. Não seria um saber sério... A tradição, muito próxima do mito, era uma ignorância cultural que submetia a massa. Logo, a ciência seria o campo da libertação, pois ela levaria o ser humano a descobrir o que de fato era importante para a vida a partir do uso experimental e analítico da razão. Uma sociologia positivista nos libertaria da ignorância e nos levaria à produção de uma estrutura social adequada, transferindo a lógica de estudo e estabelecimento de leis de análise e interferência na natureza física e biológica para a natureza das coisas sociais – humanas. Uma sociedade com leis perfeitas (ordem e progresso). Mas esse ser humano, endurecido pela cientificismo, começa a sentir falta da arte. A tradição se descobre pela antropologia (entre outras ciências), não era somente um refúgio, mas também o espaço de rituais de pertencimento, de encontro com o outro e com a história, com o sagrado, com o que religa os humanos entre si e esses com o divino ou com o que se pensa divino (com um projeto de salvação).

### Aliança dinâmica

Na perspectiva transdisciplinar, o encontro entre a arte, a tradição e a ciência é um encontro entre diferentes estéticas humanas, porém, cada uma trazendo elementos que possam colaborar com a expansão do entendimento do humano em relação ao mundo e com a ampliação do universo simbólico do qual ele pode fazer uso para preservar e dignificar sua existência pessoal e social. O verdadeiro cientista é um artista que compreende que está inserido dentro de uma tradição, que vive o seu tempo histórico, porém, se conjuga em seu ser a arte de explicar, reproduzir e recriar mundos. Assim como o verdadeiro artista está no mundo, reconhece seu estado neste mundo, porém deseja propor/desenhar outros mundos. Por fim, o homem da tradição se encontra com a cultura não para se enquadrar num quadro social, mas para atualizar os signos através da aliança dinâmica entre o passado e o futuro, na experiência atualizada da tradição. De maneira

mais simples – não gosto de usar esta expressão que parece querer forçar uma explicação, ignorando a criatividade de interpretação do leitor –, proponho que a bela tradição está aberta ao outro e ao tempo, que a bela ciência explica, reproduz e (re) cria mundos e que a arte fala outras línguas a partir de sua língua.

**IHU On-Line – Em que perspectiva a transdisciplinaridade coloca em xeque a concepção antropocêntrica e etnocêntrica das sociedades? Tem percebido avanços em termos da mudança desse cenário?**

**Laércio Pilz** – Os estudos sobre a vida alimentam a perspectiva transdisciplinar. Edgar Morin, em boa parte de seus escritos, vai revelando como a natureza acontece e evolui através da complexidade. A diversidade dinâmica é característica básica da natureza e a compreensão desse fato revela a ignorância de concepções e posturas etnocêntricas e antropocêntricas. Todo preconceito é, antes de tudo, um atestado de ignorância em relação à compreensão de que a riqueza da vida está no encontro criativo da diversidade.

Acredito que, em certos aspectos, não podemos ignorar avanços em relação ao relaxamento de posturas etnocêntricas. A defesa da liberdade é algo que ressoa dentro de vastos campos da democracia, mesmo que essa ainda seja débil em países emergentes e sujeita a experiências muito restritas às políticas internas em nações desenvolvidas.

No entanto, quando converso esses temas com os estudantes, percebo afetivamente que a maioria deles é tocada e que seu corpo acolhe, em geral, a mensagem. É evidente que há muito ainda a se conquistar em termos de desenvolvimento de linguagem e de maneiras de compreensão para que de fato a perspectiva transdisciplinar seja experimentada. Ainda vivemos, como afirmam Morin e Kern em *Terra-Pátria*<sup>5</sup>, o fim da Era de Ferro Planetária (de visões etnocêntricas, de invasão do espaço do outro) e a Pré-História do espírito humano (o entendimento da solidariedade terrestre). Porém, o

desejo pessoal com que atualmente indivíduos buscam experimentar mais sentido em relação àquilo que fazem, pode ser um espaço a ser alimentado pela perspectiva transdisciplinar, que é um discurso e uma proposta radical em favor do diálogo e da paz, do encontro com o Outro, esse outro que vai do devir pessoal aos devires que cada ser humano e ser vivo representam na geografia da vida.

**IHU On-Line – Morin atingiu um reconhecimento público por seu pensamento. Qual é a importância desse pensador para nosso tempo?**

**Laércio Pilz** – Quando se lê Edgar Morin, a gente se sente provocado, desafiado e animado a produzir conexões entre as coisas e, ao mesmo tempo, a refletir sobre o que aquilo que estamos estudando pode fazer a gente pensar de maneira diferente o que até então nos parecia tão óbvio. Morin não é um filósofo do Universal, mas sua proposta sobre a complexidade é uma nova maneira de *universalizar*, não mais em forma de um círculo em que as coisas parecem relacionar-se mecanicamente, mas através de conexões que vão se realizando dinâmica e criativamente. Ao dar importância ao aleatório, ele nos desafia à intuição e à capacidade criativa, a aprender a perceber a possibilidade de interpretar e pensar as palavras e os fatos de outras maneiras. Somos também o encontro de várias contingências e, diante delas, podemos imaginar outras coisas que podemos combinar produzindo algo novo. Ele é atual em todos os sentidos, desde o campo da criatividade produtiva até, e principalmente, do ponto de vista do compromisso ético para com as possibilidades de potencializar a vida. Quando lemos a maneira como Morin escreve sobre biologia, percebemos que ele está a nos desafiar a pensar sobre o quanto a vida é criativa. Ele reconhece a ordem que está presente na estrutura da vida, mas ao mesmo tempo e, de maneira singular, percebe e estende a vida para a dinâmica das possibilidades.

### Espírito poético

Sua crítica à ordem e à fragmentação não é de alguém que ignora que existe ordem e que separar as coisas faz parte do procedimento científico.

5 MORIN, Edgar. *Terra-Pátria* (Porto Alegre: Sulina, 1995). (Nota da IHU On-Line)

Triom, 2001). (Nota da IHU On-Line)

Porém, ele alerta que, para que o pensamento permaneça vivo, devemos estar vigilantes para que a ordem e a separação das coisas não ignorem a complexidade. Lembro aqui quando ele critica a separação entre prosa e poesia, denunciando que o trabalho acabou tão prosaico, que sobraram somente o fim de semana e as atividades estritamente artísticas para chamarmos de poesia. Mas por que trabalhar não pode ser algo a ser invadido por um estado poético? Por que escrever essas linhas aqui para o IHU não pode ser um exercício prosaico atravessado pelo espírito poético? Esse encontro entre as coisas, essa capacidade de pensar as nossas atividades em sua potência *trans*, em sua relação com um projeto maior, é algo que Morin faz emergir. Digo sempre em minhas falas para professores que o que faz com que uma disciplina seja *trans* é que ela é desafiada a pensar de que forma está colaborando para um projeto maior, ou seja, como a forma e o conteúdo da mesma estão relacionados com um projeto pessoal, social e ético ampliado, em extensão.

**IHU On-Line – A partir de sua pesquisa de doutorado, qual é a contribuição de Morin na desconstrução de morais racionalistas a partir do encontro com o desejo, a multiplicidade e o devir?**

**Laércio Pilz** – Lembro aqui, primeiramente, de minha dissertação de mestrado. Além de professor universitário, na época eu era professor de História no ensino médio e me perguntava como o encontro com os fatos históricos poderia ser criativo ou reprodutivo. Uma razão fechada, explicativa, interpretativa ou ideológica reproduz de tal forma a história, que nada sobra para que os estudantes desenvolvam a sua criatividade no encontro com os fatos. Estudar Edgar Morin me ajudou a pensar, ainda em 1995, de maneira mais crítica este encontro com os fatos históricos, a refletir sobre as narrativas históricas e a desejar pensar outras histórias com os estudantes.

Edgar Morin é importante porque ele defende a dignidade de criar através da proposição do pensamento complexo, porém, ao mesmo tempo, ele não ignora a realidade das coisas, as ordens que estão aí e diante das quais

estamos construindo as possibilidades. O conceito que eu vou trabalhar ou que vai aparecer não está isolado de tudo, ele acontece na relação, nas conexões criativas entre os processos. O desejo que move cada pessoa verdadeira e não capturada, é dar sentido ao que experimenta, porém, não se produz sentido sem o encontro com o Outro, com a multiplicidade que emerge da criatividade com que desenvolvo o encontro com minhas sensibilidades, com a aliança com novas linguagens e com o devir que essas sensibilidades e linguagens experimentam nos processos que experimento. Se eu tiver um projeto de aula a desenvolver, se eu tiver conceitos e imagens que quero apresentar aos alunos, o sentido vai emergir do encontro entre esses e o mundo dos alunos e suas memórias. Um belo cruzamento é possível, um projeto de miscigenação.

Morais racionalistas – tudo o que transforma uma pessoa num trapo de gente, como dizia Deleuze, é muito pobre. Todo discurso ou postura só se justifica eticamente se minha dignidade e a do outro forem consideradas como pressupostos primeiros, por mais que eu me sinta supostamente esclarecido.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Laércio Pilz** – Penso que certos pensadores que venho estudando há algum tempo trazem consigo certos conceitos e propostas que se aproximam. Há diferenças, que bom! Mas também há uma certa generosidade comum: uma defesa radical da dignidade de cada ser e, em especial, a vontade de enriquecer a linguagem de cada pessoa para que possa se encontrar com sua própria potência e ao mesmo tempo colaborar com um mundo de Inteligentes Coletivos (Pierre Lévy<sup>6</sup>). A diferença e a multiplicidade

(Deleuze), a teoria da complexidade (Morin), a formação total (De Masi<sup>7</sup>), a visão sistêmica (Capra<sup>8</sup>), a cabeça mestiça (Michel Serres<sup>9</sup>) são pressupostos teóricos e práticos que abrem perspectivas antropológicas muito importantes para o nosso tempo global, para um encontro solidário entre culturas abertas, entre pessoas livres e criativas e dessas consigo mesmas em seus movimentos de experimentação.

## Leia mais...

>> Laércio Pilz já concedeu uma

entrevista à **IHU On-Line**, sobre sua

trajetória pessoal. Confira:

- **IHU Repórter – Laércio Antônio Pilz.**

Entrevista publicada na edição número 315, de 16-11-2009, disponível em <http://bit.ly/QeOOcc>

Paulo: Editora 34, 1996). (Nota da **IHU On-Line**)

**7 Domenico De Masi** (1938): professor de Sociologia do Trabalho na Universidade La Sapienza, de Roma, e diretor da S3 Studium, escola de especialização em ciências organizacionais que fundou. Escreveu diversos livros, dentre os quais “Desenvolvimento Sem Trabalho”, “A Emoção e a Regra”, “O Ócio Criativo” e “O Futuro do Trabalho”. (Nota da **IHU On-Line**)

**8 Fritjof Capra**: físico austríaco, cientista, ambientalista, educador e ativista. Surgiu para o mundo após lançar O tao da física, no qual discorre sobre os paralelos, a princípio impossíveis, entre a física quântica e o misticismo oriental. Estabeleceu-se no posto de pensador holístico com O ponto de mutação, explorando as mudanças no paradigma social que acompanham as descobertas científicas. Atualmente, vive em Berkeley, na Califórnia. Ele fundou o Center for Ecoliteracy, uma instituição que forma profissionais para ensinar Ecologia nas escolas. É professor do Schumacher College, um centro de estudos ecológicos na Inglaterra. Em português, foram publicados, entre outros, os livros: O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 1982, Sabedoria incomum. São Paulo: Cultrix, 1995, A teia da vida. São Paulo: Cultrix, 1997, O tao da Física. São Paulo: Cultrix, 2000, As conexões ocultas. São Paulo: Cultrix, 2002, Pertencendo ao universo. São Paulo: Cultrix, 2003. (Nota da **IHU On-Line**)

**9 Michel Serres** (1930): filósofo francês. Escreveu entre outras obras “O terceiro instruído” e “O contrato natural”. Atuou como professor visitante na USP. Desde 1990 ele ocupa a poltrona 18 da Academia francesa. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>6</sup> **Pierre Lévy**: filósofo da informação que estuda as interações entre a Internet e a sociedade. Mestre em História da Ciência e doutor em Sociologia e Ciência da Informação e Comunicação, pela Universidade de Sorbonne, França, Lévy é titular da cadeira de pesquisa em inteligência coletiva na Universidade de Ottawa, Canadá. Entre outras obras, escreveu A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial? (São Paulo: Loyola, 1998) e O que é o virtual? (São

# A professora imaginária e o descentramento da humanidade

Gerson Egas Severo examina o legado de Morin para compreendermos a miopia dos saberes que não dialogam, o delírio arrogante de tudo conhecermos, e a falta de sentido num ensino compartimentalizado, sem ligações

POR MÁRCIA JUNGES

“A reposição dos seres humanos no centro de um universo que contempla o mais macro e o mais micro não nos deve, entretanto, deixar enganar: não se trata do homem como medida de todas as coisas de Protágoras e nem do antropocentrismo de corte renascentista-iluminista (...). Trata-se do contrário: o saber-se parte de um Universo, de um planeta, de um passado compartilhado, de uma sociedade presente e futura, implica precisamente um ‘descentramento’ dos seres humanos, um passo para o lado, um deslocamento – um cosmocentrismo? – que promoverá uma visão de si mesmo, bem como do mundo e das coisas do mundo, em uma perspectiva mais adequada porque relativizada”. A ponderação é do historiador Gerson Egas Severo, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Com o auxílio de uma “professora imaginária”, ele percorre aspectos da obra de Edgar Morin com provocações que valem a pena serem ouvidas: “O desafio é o de cultivar vida intelectual realmente orgânica nesta fogueira

das vaidades”, disse referindo-se à universidade. “Convencer este povo de que alimentar o Lattes com artigos-sempre-o-mesmo e comunicações requeitadas, assim como atender às exigências da Capes, por exemplo, com a sujeição humilhante com que o fazemos não é exatamente, digamos, o objetivo final da existência”.

Gerson Egas Severo é graduado, mestre e doutor em História pela Unisinos com a tese *Clio convocada – História, memória e interpretação do Brasil* (Erechim: Edifapes, 2008). Leciona na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, campus Erechim e é autor de *O que somos e o que esperávamos ser: Estado, economia e discurso presidencial na América Latina – O pós-1929 e o pós-1989* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003) e da edição 171 dos Cadernos IHU ideias, intitulada *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes*, disponível em <http://bit.ly/GD6sTY>.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Qual é a importância da religação dos saberes para um outro modo de vida e compreensão da humanidade?**

**Gerson Egas Severo** – Lembremos a última cena do filme de Laurent Cantet “Entre os muros da escola”, aquela em que é apresentada (quem sabe) sua própria tese: estamos no último dia de aula, o professor Marin despede-se dos alunos, deseja-lhes boas férias e prepara-se para deixar a sala de aula mais ou menos satisfeito, quando uma aluna, que havia ficado à margem dos demais e da própria narrativa durante todo o filme, põe-se à sua frente e um pouco diz, um pouco

tenso, hesitante e tímida: “Professor, eu não aprendi nada...”. Marin, que havia passado a última aula inteira indagando aos alunos o que haviam aprendido durante o ano, pergunta se ela está se referindo às aulas de francês, e a menina (negra, certamente imigrante ou filha de imigrantes) responde, seu olhar e gestos abrangendo a escola inteira, talvez o mundo: “Não... Isso tudo... Eu não compreendo...”. Há uma breve troca de olhares e uma despedida constrangida. A impressão com que ficamos é a de que o professor não a entende, e de que a única aluna que havia afirmado não ter aprendido nada é, na verdade, a

única que, afinal, havia aprendido. Ainda que intuitivamente, meio míope como o prisioneiro de que nos fala Platão ao deixar a caverna, ela havia ido além das expectativas de qualquer professor, de qualquer pensador da educação, de qualquer sistema escolar: encontrava-se em condições de interpelar os próprios fundamentos da civilização, da paideia grega – ou de outra paragem antiga qualquer, talvez africana – a Rousseau e Paulo Freire<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo

Agora, ponha-se o leitor no lugar da professora de seu filho em uma escola de São Leopoldo. Ela “congela o tempo”, olha para a barulhenta turma de quinta-série ou de terceiro ano do Ensino Médio à sua frente, e pensa: não está dando certo, está? Não, não está. Se ela estiver ali “de verdade” e for intelectualmente honesta, fará um esforço mental para mover para o lado aqueles poucos casos de sucesso, e de absoluta exceção, que muitas vezes são usados para disfarçar o desastre, a catástrofe, o naufrágio que é a educação brasileira (só a brasileira?) e concluirá que está lutando uma luta perdida. Se for professora de história, verá a si mesma, então, como uma espécie de encarnação pedagógica dos 300 de Esparta, que sabiam que iriam morrer ao final da batalha contra os persas, mas que estavam eticamente impedidos de não lutá-la – pensamento que lhe dará algum ânimo (pelo menos até o próximo contracheque). E se, por fim, nossa professora hipotética for leitora de Edgar Morin, saberá que aquela aluna anônima do professor Marin teria de ter terminado seu ano escolar sabendo, no mínimo, que a razão última (e primeira...), a própria razão de ser da educação é a de ensinar a condição humana, dar sentido (pré-existente? atribuído? decida-se...) à condição humana. Para usar a expressão de Douglas Adams, dar sentido(s) ao Universo, à vida e a tudo o mais...

### Saberes fragmentados

Nesse momento, a professora terá começado a (re) ligar escola e vida, comunidade escolar e humanidade, e a si mesma a Freire, Rousseau e Sócrates<sup>2</sup>. Reconhecida legitimamente

governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). Confira a edição 223 da revista IHU On-Line, de 11-06-2007, intitulada Paulo Freire. Pedagogo da esperança, disponível para download em <http://migre.me/2peDT>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Sócrates (470 a. C. - 399 a. C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das ideias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas. O julgamento e a execução de Sócrates

sua inscrição nessa linhagem, poderá eventualmente, com Morin, desejar iniciar sua pequena revolução a partir de sua própria experiência (Lévi-Strauss<sup>3</sup>: sou eu o lugar onde as coisas acontecem) e no lugar em que ela se encontra (a pedagogia do lugar), propondo (difícil...) a necessidade inadiável, na escola e em sua organização curricular, de um redimensionamento estrutural, radicalizado, da discussão acerca da inter, multi e transdisciplinaridade tal como tradicionalmente formulada, quer dizer: enfrentar o desafio (difícil, difícil...) de “religar os saberes” em torno de um núcleo mínimo comum que – precisamente – (re) ligue indissociavelmente os seres humanos ao Universo que habitam e de que são parte (poeira das estrelas...), à Terra em suas dimensões geológica, geográfica e biológica (dimensão esta em que estão inscritos desde uma perspectiva evolutiva), à história que constitui sua experiência no mundo e a narração/explicação dessa experiência (e aqui a inscrição se dá na ordem do tempo), e, enfim, ao mundo do trabalho e da cidadania – em uma palavra, o mundo dos *outros*. Afinal, ela terá aprendido com Morin que o retalhamento das disciplinas escolares impossibilita que os estudantes assimilem “o que é tecido junto”, isto é, o complexo, e que é preciso justamente vencer a inadequação crescentemente problemática entre saberes fragmentados em dis-

são eventos centrais da obra de Platão (Apologia e Criton). (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Claude Lévi-Strauss (1908-2009): antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na linguística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para o progresso da antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente à tradição humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *Les Structures élémentaires de la parenté* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na USP. Interessado em etnologia realizou um trabalho de pesquisa em aldeias indígenas do Mato Grosso. A experiência foi sistematizada no livro *Tristes Trópicos*, publicado em 1955 e considerado um dos mais importantes livros do século XX. (Nota da IHU On-Line)

ciplinas, de um lado, e esse mundo a que se deve dar sentido, de outro.

**IHU On-Line – Em que aspectos a reposição dos seres humanos no centro de um universo que contempla o mais macro e o mais micro propõe uma nova forma de relação com a existência como um todo?**

**Gerson Egas Severo** – Nossa professora imaginária da escola básica já terá notado que é aí que o bicho multidimensional da ideia da religação dos saberes começa a pegar. Descobrirá em Morin que os seres humanos possuem uma dupla natureza, biológica e cultural – aspectos que se relacionam entre si em uma dinâmica complexíssima, cada um tendo a “mão” do jogo a cada momento histórico dado (dependendo muitas vezes do modismo interpretativo de plantão) –, e devem interrogar o mundo, situar-se no mundo e dar sentido (s) ao mundo sabendo-se parte desse mesmo mundo (uma parte quase desprezivelmente pequena, aliás), mas parte mesmo, sabendo-se, portanto, filhos marginais do Cosmos, como diz Morin (a vida na Terra surgiu marginalmente no Universo e os seres humanos surgiram marginalmente na história da vida). As partículas elementares que constituem tudo o que há no Cosmos, ao menos em sua parte conhecida (toda a matéria e toda a energia, as quais são intercambiáveis, como ensinou Einstein em sua célebre equação), são as mesmas que nos constituem. Nossa professora franze a testa, pensativa. Seríamos nós a possibilidade mesma de o Universo compreender a si mesmo? Lembra as aulas de filosofia: essa formulação não terá cheiros hegelianos? E, por outro lado: isso não é uma coisa meio religiosa, não? Simpática à ideia (não se trata, afinal, de religar os saberes?), será com alguma decepção que descobrirá não ser possível – salvo melhor juízo, e um melhor juízo sempre vem – encontrar na obra de Edgar Morin reverberações espirituais, não necessariamente religiosas, derivadas desse complexo de ideias, ao contrário do que ocorre, por exemplo (e permanecendo no mesmo diapasão “religador”), nas de Carl Sagan, Marcelo Gleiser e do próprio Einstein (ainda que, para o caso de Einstein, necessitemos talvez da mediação de um Max Jam-



mer). De qualquer modo, com Morin, ela veria que das ciências da natureza passaríamos às ciências da vida e às humanidades, e de volta.

A reposição dos seres humanos no centro de um universo que contempla o mais macro e o mais micro não nos deve, entretanto, deixar enganar: não se trata do homem como medida de todas as coisas de Protágoras e nem do antropocentrismo de corte renascentista-iluminista (em seu elogio à ciência, Marcelo Gleiser fala do homem como medidor de todas as coisas...). Trata-se, mesmo, do contrário: o saber-se parte de um Universo, de um planeta, de um passado compartilhado, de uma sociedade presente e futura, implica precisamente um “descentramento” dos seres humanos, um passo para o lado, um deslocamento – um cosmocentrismo? – que promoverá uma visão de si mesmo, bem como do mundo e das coisas do mundo, em uma perspectiva mais adequada por que relativizada.

### Reaparecimento?

Desde sua leitura de Morin, nossa professora passa a conceber suas aulas em função do ensinar-aprender essas diversas e necessariamente articuladas *pertencas*, procedimento ao qual subjaz a ideia-força de que àquelas instâncias não apenas todos pertencemos como também fundamentalmente pertencemos *juntos*: trata-se, portanto, do... reaparecimento? da própria ideia (moderna, *sólida*, iluminista em termos de seu paradigma por assim dizer “de base”) de humanidade. A educação – estando os saberes religados ou em situação de religação *in progress* – vista e entendida como os seres humanos fazendo-se a si mesmos (alguém ainda lembra de Gordon Childe?) no que e com o que têm de, precisamente, humanos.

**IHU On-Line – O que é o conceito de terra pátria de Morin? Esse é um contraponto ao sonho alucinado de conquista do Universo e dominação da natureza formulado por Bacon, Descartes, Buffon e Marx? Por quê?**

**Gerson Egas Severo** – Prossigamos com o esboço do desenho do que se passa na cabeça de nossa professora leitora de Edgar Morin. A relação de seu autor favorito com

as heranças do Renascimento e do Iluminismo é certamente complexa. Ele aceita a ideia de que a noção de humanismo oriunda daquelas raízes da modernidade é, hoje, problemática – para dizer o mínimo –, uma vez que implicava aceitar-se a infalibilidade da razão e da ciência, as quais nos conduziram, em pista azeitada, sempre para a frente e para cima. Compreende também, no entanto, que é preciso encontrar um caminho do meio entre o discurso dos que entendem a ciência como algo essencialmente positivo, devendo seus aspectos negativos ser entendidos como provisórios e residuais (a ciência vista como uma fada benfazeja, nas palavras de Attico Chassot), e o dos que veem a ciência como algo de todo negativo: uma fonte de poder, sujeição e opressão das massas “ignorantes” (a ciência tida como um ogro maligno, ainda nas palavras de Chassot). Com Morin, nossa professora sabe que precisamos da ciência – mas precisamos, também, “de uma atitude crítica e até mesmo autocrítica no interior da ciência” (*A minha esquerda*, p. 1330). Uma ciência que esteja em função de um projeto (aos leitores mais jovens, lembro que um dia existiu esta palavra: projeto). Ela apanha seu volume todo sublinhado (não gosta de fazer apontamentos diretamente nos livros) de *Terra-Pátria* e lê, na página 177, que “precisamos aprender a *ser-ai* (*Dasein*), no planeta. Aprender a ser é aprender a viver, a partilhar, a comunicar, a comungar; é isso que se aprendia nas e pelas culturas fechadas. Precisamos doravante aprender a ser, viver, partilhar, comunicar e comungar enquanto humanos do planeta Terra. Não mais apenas a ser de uma cultura, mas a ser terrestres. (...) Um planeta por pátria? Sim, tal é nosso enraizamento no cosmos”. Que tal? Agora, convenhamos: Bacon, Descartes, Buffon e Marx – ah!, fundamentalmente Marx – foram homens de seu tempo, não é mesmo? Então, contraponto sim: mas um contraponto rigorosamente histórico.

**IHU On-Line – Sob quais aspectos se aproximam as ideias de Morin e as oito grandes humilhações formuladas por Carl Sagan? O que são essas oito grandes humilhações?**

**Gerson Egas Severo** – Em uma espécie de ideia alternativa à de Freud ao elaborar os célebres três cortes narcísicos (Copérnico, Darwin e a própria psicanálise) pelos quais teria passado a humanidade, Carl Sagan, em *Pálido ponto azul* (p. 52 a 58), pensando exatamente na necessidade de os seres humanos encontrarem uma justa posição, uma posição “desprovincializada”, relativizada, no esquema mais geral das coisas, e assim andarem melhor, respirarem mais fundo e enxergarem mais longe, elabora o que chama “as oito grandes humilhações”, humilhações impostas pela ciência ao deitar por terra os seguintes e sucessivos enganos (note-se que a primeira e a quinta correspondem ao primeiro e ao segundo “cortes” de Freud): “(1) a Terra está no centro do Universo; (2) mesmo que a Terra não esteja no centro do Universo, o Sol está. O Sol é o nosso Sol. Assim, a Terra está aproximadamente no centro do Universo; (3) bem, então, ao menos, nossa Galáxia está no centro do Universo; (4) bem, mesmo que existam centenas de bilhões de galáxias, com centenas de bilhões de estrelas cada, nenhuma outra estrela tem planetas; (5) bem, nossa posição no espaço não demonstra nosso papel especial, mas nossa posição no tempo, sim: estamos no Universo desde o Início. Recebemos responsabilidades especiais do Criador; (6) bem, se não temos nada especial quanto a nossa posição ou nossa época, vejamos nosso movimento (aqui, Sagan destaca a Teoria da Relatividade Especial, de Albert Einstein: trata-se da ideia de que não há, no Universo, um sistema de referências privilegiado, e mesmo um tempo presente universal); (7 – talvez a mais polêmica “humilhação”) bem, ainda que sejamos intimamente relacionados com alguns dos outros animais, somos diferentes – em grau e em espécie – no que realmente importa: raciocínio, autoconsciência, manufatura de ferramentas, ética, altruísmo, religião, linguagem, nobreza de caráter; (8) Ok, talvez não sejamos grande coisa, talvez tenhamos um parentesco humilhante com os macacos, mas pelo menos somos o que de melhor existe. À parte Deus e os Anjos, somos os únicos seres inteligentes no Universo”.

É interessante incluir, nessa perspectiva, o princípio temporal copernicano apresentado por Adams e Laughlin (*Uma biografia do Universo*, p. 31): “Uma vez que o Universo atual é muito conveniente para a vida, tal como a conhecemos – temos estrelas para fornecer energia e planetas em que viver –, temos uma tendência natural a pensar na época atual como sendo privilegiada de algum modo. Resistindo a essa tendência, adotamos a ideia de um princípio temporal copernicano, que diz, muito simplesmente, que a época cosmológica atual não tem um lugar especial no tempo. Em outras palavras, coisas interessantes continuarão a acontecer à medida que o Universo evoluir e se alterar”.

### Filhos marginais do Cosmos

Não será essa, pensa nossa professora, a ideia de “filhos marginais do Cosmos”, de Morin, levada às últimas consequências? Ela volta a seu exemplar de *Terra-Pátria*, e o abre na página 176. Morin e Sagan fazem sentido. “Dominar a natureza? O homem é ainda incapaz de controlar sua própria natureza, cuja loucura o impele a dominar a natureza perdendo o domínio de si mesmo. Dominar o mundo? Mas ele é apenas um micróbio no gigantesco e enigmático cosmos. Dominar a vida? Mas mesmo se pudesse um dia fabricar uma bactéria, seria como copista que reproduz uma organização que jamais foi capaz de imaginar”. Além de tudo isso, reflete nossa professora ao lembrar de um artigo lido alhures, com as pesquisas atuais em cosmologia, astronomia e astrofísica a respeito da matéria e da energia escuras, tem-se dito que somente cerca de 5% do Universo é composto pelas partículas elementares que conhecemos – quarks, elétrons etc. Quer dizer: até as “peças de Lego” de que somos feitos são marginais na evolução cósmica... Agora: dotados de inteligência e memória, são precisamente esses filhos marginais do Cosmos a única espécie viva (por enquanto e até prova em contrário!), apesar do lembrete de Sagan na oitava “humilhação”, capaz de pôr tudo isso em perspectiva, organizar todo esse conhecimento, conferir-lhe sentido e ainda projetar o futuro, saindo lisos da rede de crises que é a marca do tempo que nos

coube viver. Do caos ao cosmos (como escreveu Mário Quintana, “deixa rugir o caos atônito”). Saberemos continuar a fazê-lo? Afinal, convém lembrar que conhecimento, hoje mais do que nunca, é igual a poder. E, como observou o espetacular Homem-Aranha, poder e responsabilidade têm de ser entendidos como as duas faces de uma única e mesmíssima moeda.

### IHU On-Line – Por que Morin afirma que é imprescindível que sejam religadas as culturas humanística e científica?

**Gerson Egas Severo** – Essa é a religação-mãe, não é? Aquela de que falou C. P. Snow em sua clássica comunicação – e posterior ensaio – de 1959, “As duas culturas”. Trata-se de uma expressão da necessidade (para Morin hoje absolutamente incontornável) de se religar as “culturas” científica e humanística, esses dois continentes que um dia formaram uma única massa de terra, uma por assim dizer pangea cultural, e que hoje se encontram não apenas separados mas em uma situação de afastamento progressivo e acelerado. Para fazer um exercício semelhante ao que fez Snow, vá até o Programa de Pós-Graduação em Letras de sua universidade e peça aos docentes que conceituem a segunda lei da termodinâmica. Eles não o poderão fazer, é claro (nem conceituar, nem coisa nenhuma), e – é lícito pensar – alguns não o farão com um certo orgulho. No entanto, você estaria perguntando algo que é o equivalente científico perfeito de indagar se já leram Machado de Assis... E não adianta dizer que a experiência contrária também seria verdadeira (ir até o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Terra, e tal, sei lá), porque não é bem assim: há uma assimetria (pequena, é verdade, mas há) na burrice cruzada. “Triste, triste”, pensa nossa professora imaginária.

### IHU On-Line – O que Morin quer dizer com epistemologia da ingenuidade? E com mentalidade hiperdisciplinar?

**Gerson Egas Severo** – A simpática professora conjectural que estamos acompanhando, disposta a arrostar o desafio da religação dos saberes, além de mil e uma dificuldades – mil e uma mesmo, não é modo de dizer –, deverá

resistir à hegemonia daquilo que Edgar Morin chama “mentalidade hiperdisciplinar”, a mentalidade exagerada do especialista, ou seja, a mentalidade de proprietário que proíbe (e pune!) toda e qualquer incursão estrangeira em seu território de saber. E, como se não bastasse, ela deve também vencer eventuais constrangimentos internos que a levariam, talvez, a explorar com cuidado excessivo as possibilidades do olhar extradisciplinar – o oposto exato da mentalidade hiperdisciplinar – e, no limite, a evitar, envergonhada, “ocupações de terra” e migrações interdisciplinares. Ela, porém, não desiste da empreitada. Morin a surpreende ao propugnar (não sem uma boa dose de saudável ironia) o que denominaríamos epistemologia da ingenuidade, ou ainda do amadorismo: a ideia de frequentemente, na história da ciência, acontecer de “um olhar ingênuo de amador, alheio à disciplina, e mesmo a qualquer disciplina, resolver um problema cuja solução era invisível dentro da disciplina. “O olhar ingênuo – que não conhece, é óbvio, os obstáculos que a teoria existente levanta contra a elaboração de uma nova visão – pode, em geral erradamente, mas às vezes com acerto, permitir-se essa visão”. Os exemplos dados são Darwin e Wegener, e um apoio considerável é buscado em Proust e Labeyrie. Legal, hein? Dê uma olhada nas páginas 106 e 107 de *A cabeça bem feita*.

### IHU On-Line – Por que o tempo é o tema religador dos saberes por excelência?

**Gerson Egas Severo** – Essa foi uma ideiazinha que me ocorreu quando, a partir do já longínquo ano de 2004, no ensino médio, perdi a paciência e decidi formular, em minhas aulas de História e Filosofia, uma espécie de “religação dos saberes aplicada”. Percebi que o tempo é um assunto que, com o perdão da palavra pedagogicamente desgastada, “atravessa” todas as disciplinas da grade curricular tradicional. A pergunta “O que é o tempo?” poderia ter possíveis respostas a partir da Filosofia, da História, da Sociologia, da Literatura, da Psicologia, da Biologia, da Física – tanto a clássica, newtoniana, como a moderna, relativística e quântica –, da Química, da História das Religiões, e ser represen-



tada inclusive nas aulas de Artes. Tive a experiência de ver um aluno tentar desenhar a “ideia de tempo” de Platão... Inicialmente, tentei articular um grupo de professores em torno dessa “desobediência civil” – até mesmo politicamente, para não desobedecer sozinho à supervisão da escola –, mas não deu certo. Então, não tive alternativa: explodi o programa das disciplinas de História e Filosofia e procurei trabalhar a partir de novas bases epistemológicas (as da complexidade, envolvidas na religação dos saberes), pedagógicas (teoria da aprendizagem significativa, mapas conceituais – obrigado, Baldissera –, e tal), e também em uma nova perspectiva, como se vê, em termos de conteúdo.

**IHU On-Line – Em que aspectos o conceito de tempo foi discutido como estratégia pedagógica da religação dos saberes em sua experiência docente?**

**Gerson Egas Severo** – Relatei parte substancial dessa experiência em um artigo chamado *Sub Specie Aeternitatis: O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes*. Inspirado em um livro admirável dos físicos Peter Coveney e Roger Highfield, intitulado *A flecha do tempo*, dividi o assunto tempo em três dicotomias organizadoras: o tempo é imaginário ou real? Circular, cíclico, ou linear? Absoluto ou relativo? Desse modo, pude convocar muitíssimos temas para a brincadeira (a maioria deles pouco ou mesmo nunca trabalhada na escola básica): cosmogonia babilônica e cultura antiga, mitologia grega, a cosmologia dos pré-socráticos, Platão e Aristóteles, Índia e hinduísmo, Buda e o budismo, China e Japão, cultura maia, os livros Gênesis e Apocalipse, Santo Agostinho e o célebre capítulo sétimo de sua obra *Confissões*, Nietzsche, a revolução científica do século XVII, Copérnico, Kepler, Galileu, Newton, Adam Smith e os primeiros formulares do liberalismo, Darwin, Marx e a crítica ao capitalismo, Einstein, Charles Chaplin e sua esteira taylorista, a teoria do big bang, cada um deles deflagradores de ramificações virtualmente infinitas – todas amarradas pelo “tempo”. Até Paul Virilio apareceu por lá, com suas ideias de aceleração do tempo social... Foi

assim, mas imagino que pode ser de outros modos, e não necessariamente, é claro, desde o conceito de tempo.

**IHU On-Line – Qual é o grande desafio de se estudar Morin e aplicar suas ideias no meio acadêmico, notadamente carente de atitude transdisciplinar?**

**Gerson Egas Severo** – O desafio é o de cultivar vida intelectual realmente orgânica nesta fogueira das vaidades (uma coisa interessante na vida dos clichês é que alguns deles, por vezes, permanecem classicamente válidos, no sentido de Italo Calvino), neste circo, neste teatro sem trama que é a Universidade – e então avaliar livremente Edgar Morin e sua obra, assim como qualquer outro livro, autor ou ideia. Convencer este povo de que alimentar o Lattes com artigos-sempre-o-mesmo e comunicações requentadas, assim como atender às exigências da Capes, por exemplo, com a sujeição humilhante com que o fazemos não é exatamente, digamos, o objetivo final da existência. Não é possível que entreguemos nossa dignidade intelectual assim tão facilmente: um dia poderemos precisar dela, quem sabe? Nossa professora hipotética lembra, neste instante, de uma passagem cristalina de *A grande história da evolução* (p. 432) em que Richard Dawkins fala da larva da ascídia, que, “ao metamorfosear-se, desintegra seus tecidos larvais, recicla-os e os transforma no corpo adulto. Isso inclui desintegrar o gânglio da cabeça, útil enquanto a criatura nadava livremente no plâncton. (...) Mais de uma vez vi referências à ascídia larval que, chegada a hora, se fixa na vida sedentária e come seu próprio cérebro, como um professor universitário depois de ser efetivado no corpo docente”. Então, o que ocorre é que ela prefere ficar na escola básica, no front onde a verdadeira guerra está sendo travada, e ler em voz alta “Iniciando meus estudos”, o poema de Walt Whitman, todos os dias pela manhã, como uma prece: “Iniciando meus estudos o primeiro passo me agradou tanto / O mero fato da consciência, estas formas, o poder do movimento / O mínimo animal ou inseto, o sentidos, o olhar, o amor / O primeiro passo eu digo me maravilhou e me agradou tanto / Que quase não

quis prosseguir, nem desejei ir mais longe / Só estar parado, admirando o tempo todo esse início, para cantá-lo em canções de êxtase”.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Gerson Egas Severo** – Antes da conclusão de seu romance *O sangue do mundo*, Catherine Clément põe nas mãos de Théo, seu personagem principal, o livro de Knud Rasmussen, o explorador dinamarquês criado como um inuíte, “Da Groenlândia ao Pacífico, dois anos de intimidade com tribos de esquimós desconhecidos”, em uma edição de 1929. Théo havia feito com sua tia Marthe uma viagem para conhecer as dores ecológicas do mundo, e agora se depara, no texto, com duas fórmulas mágicas enunciadas para preservar o equilíbrio da cultura inuíte e da natureza. Primeiro invoca-se Qeqertuanac, a criadora da invocação. Depois, pronuncia-se a primeira fórmula para atrair os animais de caça: “Animal marinho, entregue-se ao amanhecer. Animal da estepe, entregue-se ao amanhecer”. E, então, vem a segunda fórmula, aquela que Théo, médico, adotará como filosofia de vida, a fórmula para estancar hemorragias: “Aqui está o sangue da mãe do pequeno pardal. Estanque-o. Aqui está o sangue que correu de um pedaço de madeira. Estanque-o”. Bem, aí está: é preciso estancar o sangue do mundo, da Terra-Pátria. E há um sangue para estancar, também, no mundo da educação. Não será fortuita a semelhança, para além da metáfora, com o que diz Edgar Morin em *A minha esquerda* (p. 174): “Há um atraso da consciência ligado à enfermidade de nosso modo de conhecer”.

## Leia mais...

**Gerson Egas Severo** é autor da edição 171 dos **Cadernos IHU ideias**, intitulada *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes*, disponível em <http://bit.ly/GD6sTY>

# A incompatibilidade entre transdisciplinaridade e pensamento único

Unir conhecimentos, ciências exatas e humanas é o objetivo da transdisciplinaridade hoje, afirma Basarab Nicolescu. Saberes entrelaçados são esperança de “uma vida mais humana”, além de reencontrarmos o sentido em nosso mundo

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO: LUÍS MARCOS SANDER

Um pensador maior, que “propõe o questionamento e a incerteza como prioridade em relação às respostas sempre falsas (quando categóricas)”. Assim o físico romeno Basarab Nicolescu define Edgar Morin e a importância de seu pensamento em nossos dias. Ele acentua que, em função de sua metodologia, a transdisciplinaridade é incompatível com o pensamento totalitário e único. “Os diferentes níveis de realidade são incompatíveis com a redução a um só nível de realidade. Além disso, a lógica do terceiro incluído é incompatível com a verdade absoluta. A função da transdisciplinaridade na sociedade contemporânea é de unificar os conhecimentos, as ciências exatas e as ciências humanas”. O entrelaçamento de saberes é uma “esperança de uma vida mais humana,

a esperança de reencontrar um sentido em nosso mundo e assim reencontrar o nosso mundo”. As afirmações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Basarab Nicolescu é especialista na teoria das partículas elementares, autor de diversos livros e centenas de artigos publicados em revistas especializadas e livros científicos coletivos na Europa, nos Estados Unidos, no Japão e no Brasil. É professor de física teórica da Universidade Pierre e Marie Curie, em Paris, onde foi fundador do Laboratório de Física Teórica e de Altas Energias. É também presidente do Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares – CIRET, fundado na França em 1987.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Uma revitalização radical de cada olhar, sem cair no relativismo, é um dos pilares da transdisciplinaridade. Em que aspectos o diálogo entre os saberes incentiva uma visão mais abrangente sobre a existência, as diversas formas de vida e a legitimidade ontológica?**

**Basarab Nicolescu** – No domínio do diálogo entre as culturas e as religiões.

**IHU On-Line – Em que medida a transdisciplinaridade é um contraponto ao pensamento totalitário e único, e qual é sua função numa sociedade na qual a especialização técnica resulta em fragmentação do conhecimento e em “miopia” da ação?**

**Basarab Nicolescu** – A transdisciplinaridade, por sua metodologia, é

incompatível com o pensamento totalitário e único. Os diferentes níveis de realidade são incompatíveis com a redução a um só nível de realidade. Além disso, a lógica do terceiro incluído é incompatível com a verdade absoluta. A função da transdisciplinaridade na sociedade contemporânea é a de unificar os conhecimentos, as ciências exatas e as ciências humanas.

**IHU On-Line – Qual é o nexos que une a transdisciplinaridade proposta por Morin à Teoria Geral dos Sistemas, de Bertalanffy?**

**Basarab Nicolescu** – O pensamento simultâneo da unidade e da diversidade representa este nexos.

**IHU On-Line – Em que perspectiva a tradição põe em xeque a concep-**

**ção antropocêntrica e etnocêntrica das sociedades? Você percebeu avanços em termos de mudança dessas cenas?**

**Basarab Nicolescu** – A transdisciplinaridade implica o sagrado. O *homo religiosus* é central na transdisciplinaridade. Mas os avanços são muito lentos.

**IHU On-Line – Morin obteve um reconhecimento público por seu pensamento. Qual é sua importância para o nosso tempo?**

**Basarab Nicolescu** – Um pensador maior, que propõe o questionamento e a incerteza como prioridade em relação às respostas sempre falsas (quando categóricas).

Tema  
de  
Capa

**Destques  
da Semana**

IHU em  
Revista

## Livro da Semana

**ALISON, James. *O pecado original à luz da ressurreição* (São Paulo: É Realizações, 2011)**

# “O perdão antecede o pecado”. A superação de uma visão moralista e chantagista

A narrativa de “chantagem emocional” é predominante quando pensamos no pecado original, acentua o teólogo James Alison. Contudo, a doutrina central da fé diz que somos perdoados antes mesmo de sermos criados

POR MÁRCIA JUNGES

Pensar na doutrina do pecado original “sem tomar parte da visão moralista e chantagista do Evangelho”. Assim o teólogo James Alison nos aconselha a refletirmos a respeito de um dos temas do Cristianismo. Para ele, é preciso compreender a doutrina do pecado original numa visão retrospectiva a partir da ressurreição. “Nesse sentido, a noção de uma visão retrospectiva é muito importante, pois ela nos exime de considerar tudo de maneira moralista, como se Jesus tivesse vindo para pagar uma dívida. Ao invés disso, Ele nos traz uma visão mais primigênia do Novo Testamento, que é a irrupção em nosso meio da plenitude da criação, o que São Paulo chama de nova criação”, disse na entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**.

Em seu ponto de vista, a doutrina do pecado original é “a instalação da possibilidade de uma vivência autocrítica”. E completa: “A doutrina do pecado original é secundária à presença de Jesus Cristo. Porque se aquilo que Jesus Cristo nos traz é a possibilidade de viver como se a morte não fosse, é precisamente só a partir dele que tem qualquer sentido falar de um passado quando as pessoas viviam presas ao pecado original”. Alison enfatiza que “o perdão antecede o pecado”, e que “só

ao aprendermos e recebermos o perdão que chegamos a ser capazes de nos arrependermos, e por isso de ascender à criação”.

James Alison é teólogo católico, sacerdote e escritor. Com estudos em Oxford, é doutor pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, de Belo Horizonte. Atualmente é Fellow, da Fundação Imitatio, instituição que apoia a divulgação da teoria mimética. Há mais de 15 anos é um dos raros padres e teólogos católicos assumidamente gays. Seus sete livros já foram traduzidos para o espanhol, italiano, francês, holandês e russo. Em português podem ser lidos *Uma fé além do ressentimento: fragmentos católicos numa chave gay* (São Paulo: É Realizações, 2010) e *O pecado original à luz da ressurreição* (São Paulo: É Realizações, 2011). Seu trabalho mais recente é *A vítima que perdoa – uma introdução para a fé cristã para adultos em doze sessões* ([www.forgivingvictim.com](http://www.forgivingvictim.com)). James Alison reside em São Paulo, onde está iniciando uma pastoral católica gay e viaja pelo mundo dando conferências, palestras e retiros. Textos seus podem ser encontrados no site [www.jamesalison.co.uk](http://www.jamesalison.co.uk). Mais detalhes sobre a Fundação Imitatio encontram-se disponíveis no link endereço [www.imitatio.org](http://www.imitatio.org).

Confira a entrevista.



**IHU On-Line – Em entrevista à IHU On-Line sobre Girard, você menciona que a doutrina do pecado original é a visão retrospectiva a partir da ressurreição. Poderia dar-nos mais detalhes sobre o que isso significa?**

**James Alison** – As pessoas tendem a imaginar a visão cristã como se fosse uma narração de criação seguida de queda, salvação e, ao final desse processo, o que deveríamos fazer é viver uma vida moral. Tudo acontece entre bastidores e deixamos com a necessidade de bom comportamento. Isso não é esperançoso e não há nada de graça no sentido teológico. Esta é simplesmente uma maneira de controlar as pessoas e obriga-las a comportarem-se segundo regras que, seriam, segundo essa visão, ditadas por Deus há muito tempo, e este próprio pagou o preço pelas “travessuras” das pessoas. Agora que Ele pagou o preço, como uma espécie de chantagem emocional, devemos nos comportar. As pessoas tendem a pensar isso. Mas isso não foi originalmente a compreensão do Evangelho.

É importante resgatar a doutrina do pecado original sem tomar parte da visão moralista e chantagista do Evangelho. Isso, desde os primórdios, percebe-se em São Paulo, o Apóstolo, uma vez que ele considera o primeiro Adão somente à luz de Cristo. Ele considera Adão cronologicamente primeiro somente como aquele que prefigurava o Adão definitivo, que é Cristo. Para Paulo, a criação mesma aconteceu em nosso meio e utiliza a palavra Adão apenas para se referir àquilo que é universal, aquilo que Jesus estava trazendo. Então, São Paulo não está preocupado com que as pessoas façam estudos paleontológicos para saber quem era “o tal de Adão” e o que foi que ele fez. Para São Paulo, o assunto de quem era e o que ele fez é totalmente secundário, se é que é de qualquer importância, porque no

“Para Paulo, a criação mesma aconteceu em nosso meio e utiliza a palavra Adão apenas para se referir àquilo que é universal, aquilo que Jesus estava trazendo”

mundo Antigo não se pensava daquele jeito.

### **Vivência retrospectiva**

A questão interessante para ele é aquilo que fez Jesus ao inaugurar a plenitude da criação e, evidentemente, mostra que aquilo que nós estávamos vivendo até lá era, de alguma maneira, uma vivência ainda fútil, não chegada à sua plenitude, e que isso diz respeito a toda a humanidade, desde que começou. Para se referir a toda humanidade desde que começou, utiliza a palavra Adão. O central na visão é entender que já chegaram os inícios da plenitude da criação, que é aquilo que traz Jesus. Então, a vivência fútil é olhar para trás, é como se dissessem “e pensar que nós achávamos isso normal... Agora vemos que aquilo era um estado de ser, uma condição muito menor daquilo para o que deveríamos aspirar”. Então, podemos começar a viver como se a morte não nos dominasse. A partir disso, podemos ousar a criar coisas sem medo da morte, porque ela não tem direito de dominar nossa vida. Isso é o que foi trazido por Jesus mostrando a abundância de vida de Deus, que não tem nada a ver com a morte. Para isso que fomos criados.

Nesse sentido, a noção de uma visão retrospectiva é muito importante, pois ela nos exime de considerar tudo de maneira moralista, como se Jesus tivesse vindo para pagar uma dívida. Ao invés disso, Ele nos traz uma visão mais primigênia do Novo Testamento, que é a irrupção em nosso meio da plenitude da criação, o que São Paulo chama de nova criação.

**IHU On-Line – Qual é o sentido e a validade da doutrina do pecado original em nossos dias?**

**James Alison** – Esta é uma doutrina muito sutil. Há duas maneiras de se esquivar daquilo que a doutrina nos mostra e sugere. A primeira é considerar que somos seres, por natureza, violentos, assassinos e que só chegamos a sermos humanos devido a nossa maior capacidade de matar do que os outros bichos. Há maneiras de entender a paleontologia humana que demonstra isso. Qual é diferença entre nós e nossos seres mais próximos, como os símios? É que somos mais capazes de matar. É lamentável dizê-lo, mas é verdade. Essas são questões que os paleontólogos vão estudando na medida em que descobrem mais ossos e evidências arqueológicas. A noção de que somos, à diferença de outros animais, melhores “matadores”, não é totalmente desprezível. Essa ideia serve para a pessoa que quer evidências de nossa natureza violenta.

O segundo ponto de vista é que os seres humanos são basicamente bons e que nos agrupamos por acordos razoáveis e, basicamente, somos amáveis, e só por incidências fora de nós, de clima, invasão, etc, é que nos tornamos violentos e perigosos. Assim, temos os pontos de vista do ser humano violento por natureza, e o ser humano como essencialmente bom. O problema é que nenhum dos pontos de vista parece corresponder à realidade. É aqui onde a doutrina do pecado original é interessante, pois é

sutil, sugerindo que o ser humano não é intrinsecamente violento, mesmo que se dê o caso de que desde nossos primórdios assim tenhamos sido. Em princípio, somente, somos capazes de aprender a conviver de maneira não violenta em que construímos nossas mútuas edificações. Porém, em todos nossos casos, isso não é uma coisa que nos vem facilmente. Começamos “pré-bagunçados”, mas isso não é a mesma coisa que sermos intrinsecamente violentos. Se o fôssemos, só seríamos isso. Se somos intrinsecamente bons, então a “culpa” é sempre dos outros. O difícil, para nós, é começando como “pré bagunçados” aprendermos que sermos bons passa sempre pela auto-crítica, o que é muito difícil de se fazer. Então, a doutrina do pecado original é, ainda, a instalação da possibilidade de uma vivência autocrítica. Normalmente somos bastante binários no pensamento, então sutilezas como essa são mais difíceis de pensar.

**IHU On-Line – Por que a partir do pecado original Adão e Eva, e portanto todas as pessoas posteriormente, romperam sua relação com Deus? Como compreender esse paradoxo se as pessoas se extinguiriam caso não tivesse pecado?**

**James Alison** – Você volta ao âmbito da questão. Somos intrinsecamente ou acidentalmente violentos? Retornemos ao início da entrevista. Falamos, nesse caso, de uma visão unicamente retrospectiva, e por definição não podemos ter nenhum acesso imediato àquilo que foi o primeiro ato humano. Somos o produto desse ato. Assim, só podemos pensar a partir de um ato de compreensão contemporânea que iremos descrever aquilo que nos fez ser aquilo que somos. Não temos nenhuma capacidade de nos colocarmos fora de nós mesmos. Como se houvesse uma câmara de circuito fechado e os macacos, os pré-humanos, tivessem sido pegos

“no ato”. Mas isso é impossível, porque somos o fruto desse processo de hominização, e só a partir de dentro da capacidade moderna de olhar para trás é que podemos fazê-lo.

Quando se fala do ato primordial que teria sido uma separação de Deus, isso é muito complicado. Aquela maneira de pensar imagina a possibilidade de uma história linear na qual todas as pessoas eram humanas e já era possível pecar e havia uma possibilidade de olhar “de fora”. Mas não é o caso. Para nós, é difícil imaginar o que seria um cenário original no qual como parte do processo de hominização nossos antepassados alcançaram a humanidade. No momento em que alcançaram a humanidade, o fizeram de forma “torta”, porque é disso que se trata: de manter ao mesmo tempo a intrínseca bondade daquilo que nos faz seres humanos, e a constante presença em nosso meio da violência como coisa nossa.

Penso que entre as possíveis maneiras de manter juntas essas duas coisas, o pensamento de Girard nos dá recursos para uma interpretação interessante quanto à questão do desejo, pois quando falamos de seres humanos se trata da possibilidade do desejo.

**IHU On-Line – “Não somos seres fadados à morte, mas à vida”, você afirmou nessa entrevista sobre Girard. Nesse sentido, como a hipótese do desejo mimético de Girard nos ajuda a compreender e explicar esse dogma?**

**James Alison** – Estamos falando daquilo que nos faz seres humanos e diferentes dos nossos primos mais próximos entre os outros símios e entre os outros pré-humanos, pois pelo visto havia vários tipos de pré-humanos, que não eram os homo sapiens, e que nunca chegaram a ser tão eficazes como nós na sobrevivência. Como estamos falando de homínidos diver-

sos, que não somente o sapiens, aquilo que parece ser interessante é o que produziu e permitiu que ao longo de milênios a capacidade imitativa deste tipo de macaco crescesse de forma a permitir que aquilo que fosse instinto nos outros chegasse a ser mais do que instinto, e passasse a ser desejo, ou seja, quando começa a haver uma vivência coletiva, uma inteligência coletiva que agita os membros do grupo a partir de um centro que eles podem identificar.

Trata-se do começo de uma cultura propriamente humana, e isso é um momento que todo paleontólogo ou arqueólogo quer descrever num processo de algum modo. Meu assunto, contudo, é o desenvolvimento do desejo, da capacidade simbólica e da cultura da violência, porque é a partir do momento em que a morte tem sentido que as pessoas começam a sepultar.

Só quero indicar que aquilo que nos oferece Girard é um modelo para entender o relacionamento do desejo, a chegada da cultura e da violência. É um modelo que entende que se trata não só de um ato específico de um momento X, que foi um pouco aquilo que pensou Freud na explicação que deu para a hominização. Contudo, é algo bem mais extenso no tempo que chegou à capacidade dos seres humanos se unirem em contraste com o outro tido como ruim. Trata-se do mecanismo vitimário, do bode expiatório. Essa é a hipótese girardiana, que vejo como muito rica porque nos permite acompanhar os estudos dos paleontólogos e arqueólogos para entender melhor o que teria sido o processo pelo qual o homo sapiens emergiu.

**IHU On-Line – Qual é a importância de Jesus Cristo e do batismo para a Igreja Católica como figuras que eliminam o pecado original?**

**James Alison** – A doutrina do pecado original é secundária à presença

de Jesus Cristo. Se não houvesse a presença de Jesus Cristo não haveria a presença da doutrina do pecado original. Porque se aquilo que Jesus Cristo nos traz é a possibilidade de viver como se a morte não fosse, é precisamente só a partir dele que tem qualquer sentido falar de um passado quando as pessoas viviam presas ao pecado original. Então, qual é o sentido do batismo? É a introdução desde já neste começo de vivência da vida eterna a partir de agora. E precisamente o rito consiste em certo passar de antemão por uma espécie de pré-morte. Até o Apóstolo Paulo se refere ao batismo como “aqueles que foram batizados na morte de Cristo”. A noção é antecipar a morte sendo batizado para poder viver dali para frente como se a morte não fosse. Você começa a viver a vida eterna a partir de agora. Esse é o sentido do batismo. Todo sentido da vida da igreja, da liturgia depende disso: da presença sacramental dos sinais da eternidade em nosso meio.

**IHU On-Line – Em que aspectos essa doutrina não é o “complô cínico de um clero ávido de poder, nem o absurdo de um pensamento balbuciante”?**

**James Alison** – Realmente há pessoas que usam o pecado original como forma de justificar qualquer maldade. Por um lado, dizer para as

pessoas que elas não podem ser boas porque o pecado original sempre irá atrapalha-las é algo errado. Se têm pessoas que o fazem dessa forma, não se trata de doutrina cristã. A doutrina do pecado original tem tudo a ver com a presença do perdão como já presente em nosso meio. O perdão antecede o pecado. Tipicamente pensamos na narrativa da chantagem emocional. Por exemplo: alguém se comporta mal e por isso precisa ser perdoado. Para ser perdoado é preciso pedi-lo, e para ser atendido é necessário estar muito arrependido. O mau uso do pecado original é um pretexto para que alguém fique insistindo em aterrorizar os outros pelos pecados que fez, sugerindo que se a pessoa consegue demonstrar arrependimento suficiente pelos pecados que cometeu será perdoada.

Esse é um modelo atroz. Qualquer pai ou mãe que valham a pena sabem que nenhum filho humano deveria ser tratado com uma mentalidade assim. Isso é pura chantagem. Conseguimos ser melhores que isso.

O interessante da doutrina é que ela sugere o contrário: que o perdão chegou antes que conhecêssemos o tamanho do nosso problema, e que só a partir do dom é que nós nos conhecemos perdoados, amados, recebidos tal e qual somos que somos capazes de sermos desatados e de olhar para

trás. O perdão antecede a nossa criação, o que é contra intuitivo.

Curiosamente, a doutrina central da fé é que somos perdoados antes de sermos criados, e que só ao aprendermos e recebermos o perdão que chegamos a ser capazes de nos arrepender, e por isso de ascender à criação. Porque Aquele que nos criou não quer nos humilhar, mas abrir-nos para mais. O problema com o pecado é a diminuição do nosso ser. E quem nos ama quer que sejamos mais, e que não fiquemos fechados em nós mesmos. O perdão não provem daquele que está de fora de nós olhando e falando com olhar orgulhoso. Ao contrário, provem dAquele que nos olha com igualdade de coração e quer apaixonadamente que cheguemos a ser bem mais.

## Leia mais...

**James Alison** já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira:

- *O amor homossexual. Um olhar teológico-pastoral.* Revista **IHU On-Line** 253, de 07-04-2008, disponível em <http://bit.ly/fNXN10>
- *Uma fé para além do ressentimento.* Revista **IHU On-Line** 393, de 21-05-2012, disponível em <http://bit.ly/JmHmZu>

**LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS  
NO SITE DO IHU  
WWW.IHU.UNISINOS.BR**

## Teologia Pública

# Teólogos enclausurados na academia. Um desafio

A teologia tem que ser profética, porque deve se realizar não como exposição de doutrinas e de disciplinas, mas sim como leitura dos sinais dos tempos, uma leitura que só pode ser feita a partir da encarnação solidária a partir dos debaixo, afirma Pedro Trigo

POR GRAZIELA WOLFART, THAMIRIS MAGALHÃES E LUIS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE MOISÉS SBARDELOTTO

“**N**ão podemos ignorar como nos afeta o totalitarismo de mercado, hoje dominante, mas também não podemos nos restringir a maldizer o fetiche”, declara o teólogo Pedro Trigo, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para ele, temos que partir da atuação vitoriosa do Espírito do Crucificado Ressuscitado, “porque só tem sentido falar e propor a partir dessa liberdade libertada que se manifesta em um modo alternativo de viver e se traduz na responsabilidade concreta pelos outros, estando lado a lado com eles e priorizando os que estão embaixo”. E acrescenta: “A assunção dos bens civilizatórios da última revolução tecnológica pode potencializar essa atitude”.

Questionado sobre se a teologia vive hoje um processo de “enclausuramento” ou uma tendência academicista, o teólogo explica que o enraizamento da teologia nas universidades tem tido grandes vantagens, sobretudo a exi-

gência de rigor metodológico, mas tem tido dois graves inconvenientes: “O mais óbvio, a tendência à formalização, aumentada pela orientação das universidades à excelência acadêmica, entendida neste caso como o cumprimento de padrões formais, já que os qualificadores, burocratas secularizados em geral, não são capazes de julgar conteúdos. Mas o mais grave é que os teólogos vão se enclausurando na academia, e se perde a referência básica ao povo de Deus e, principalmente, aos pobres com espírito, que são a principal fonte da práxis e da consciência cristãs”.

Jesuíta de origem espanhola e naturalizado venezuelano, Pedro Trigo é professor de Teologia na Faculdade de Teologia da Universidad Católica Andrés Bello, em Caracas, e pesquisador do Centro Gumilla para estudos sociopolíticos da Companhia de Jesus na Venezuela, onde foi diretor por várias vezes.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Como o senhor analisa a teologia latino-americana, tendo presente a complexidade da atual realidade do mundo?**

**Pedro Trigo** – Acredito que a teologia não deve ser fundamentalmente ideológica, no sentido de discussão de ideias, mas sim concreta, isto é, deve se ater a problemas sólidos, sem se restringir à sua particularidade, porém chegando ao nível da realidade.

Não podemos ignorar como nos afeta o totalitarismo de mercado, hoje dominante, mas também não podemos nos restringir a maldizer o fetiche. Temos que partir da atuação vitoriosa do Espírito do Crucificado Ressuscitado, porque só tem sentido falar e propor a partir dessa liberdade libertada que se manifesta em um modo alternativo de viver e se traduz na responsabilidade concreta pelos outros, estando lado a

lado com eles e priorizando os que estão embaixo. A assunção dos bens civilizatórios da última revolução tecnológica pode potencializar essa atitude.

**IHU On-Line – O que significa fazer teologia latino-americana no atual contexto da Igreja?**

**Pedro Trigo** – Concebo a teologia latino-americana como uma função e missão da Igreja, mas entendendo a



Igreja como povo de Deus articulado, com diversas vocações, que se realiza ao nos levarmos mutuamente na fé, no amor fraterno e na vida concreta a um nível anterior ao da diversificação de funções, e que, desse modo, se converte em sacramento da união da humanidade como família de povos, dinamismo que o Espírito impulsiona em todos os seres humanos. Ampliar os problemas da instituição eclesial é um modo de clericalismo. Como dizia o catecismo que estudei quando criança, somos cristãos pela graça de Deus. Animados ou não, aqueles que, como nós, se consideram cristãos têm que seguir o mesmo caminho compartilhado e solidário.

**IHU On-Line – A partir da realidade latino-americana, qual o sentido de se pensar e fazer uma teologia profética e evangélica?**

**Pedro Trigo** – A teologia tem que ser profética, porque deve se realizar não como exposição de doutrinas e de disciplinas, mas sim como leitura dos sinais dos tempos, uma leitura que só pode ser feita a partir da encarnação solidária a partir dos debaixo. A encarnação no mundo em que nos cabe viver expressa o pathos (a entrega apaixonada) e o ethos (a exigência) do Concílio<sup>1</sup>. A solidariedade a partir

“Acredito que a teologia não deve ser fundamentalmente ideológica, no sentido de discussão de ideias, mas sim concreta”

de dentro exclui a adaptação ao estabelecido, porque configura uma situação de pecado e exige um constante discernimento. Como a nossa época é diferente da de Medellín<sup>2</sup>, é imprescindível realizar um discernimento equivalente ao que foi realizado pela Igreja latino-americana neste local. Mas, assim como naquela época, não basta a denúncia. Não temos autoridade cristã se carecemos de propostas positivas, nas quais se possa caminhar com plenitude humana, verdadeiras alternativas, principalmente no plano antropológico concreto.

**IHU On-Line – A teologia vive hoje um processo de “enclausuramento” ou uma tendência acadêmica? Por quê?**

**Pedro Trigo** – O enraizamento da teologia nas universidades tem tido grandes vantagens, sobretudo a exigência de rigor metodológico, mas tem tido dois graves inconvenientes: o mais óbvio, a tendência à formaliza-

ção, aumentada pela orientação das universidades à excelência acadêmica, entendida neste caso como o cumprimento de padrões formais, já que os qualificadores, burocratas secularizados em geral, não são capazes de julgar conteúdos. Mas o mais grave é que os teólogos vão se enclausurando na academia, e se perde a referência básica ao povo de Deus e, principalmente, aos pobres com espírito, que são a principal fonte da práxis e da consciência cristãs. Não estou dizendo que não existe contato, mas talvez mais como trabalho de extensão ou “para contentar a sua alma devota” do que como alimento fontal da experiência cristã, como ato primeiro do qual a teologia é ato segundo. Por isso a repercussão muito escassa que ela tem na marcha do nosso cristianismo.

**IHU On-Line – Por que teologias fundamentalistas e doutrinárias estão em auge ou ganhando espaço particularmente no continente latino-americano?**

**Pedro Trigo** – Porque boa parte da instituição eclesial aposta nessas pastorais, que são, obviamente, mais baratas, já que se enclausuram em uma parcela da realidade, como se o cristianismo pudesse se confinar nela e não tivesse que ser exercido em todos os níveis da vida histórica. Por essa mesma razão, muitos se dispõem a aceitá-las. A proposta de se encarnar na realidade a partir de baixo para nos salvar nela, ajudando a que ela se humanize a partir do paradigma de Jesus de Nazaré, envolve toda a pessoa e todos os âmbitos da realidade. Como se diz na Venezuela: “quem se mete a redentor sai crucificado”. É custoso seguir a Jesus de Nazaré, mesmo que se faça com toda a discrição e prudência. Em segundo lugar, também seria preciso reconhecer que uma parte considerável da pastoral iluminada, seja do iluminismo liberal ou do socialista, se centrou muito na promoção ou na conscientização e organização popular, em detrimento dos aspectos religiosos, e cultivou quase que exclusivamente o pensar e o agir corretamente, deixando de lado todo o simbólico, desconhecendo que o ser humano é um animal simbólico.

**IHU On-Line – O senhor defende a ideia de que é preciso discernir**

<sup>1</sup> **Concílio Vaticano II:** convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, no ano de 2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas. Confirma, também, a edição 157 da IHU On-Line, de 26-09-2005, intitulada Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? *Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU, <http://migre.me/KtJn>. Ainda sobre o tema, a IHU On-Line produziu a edição 297, Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II, de 15-6-2009, disponível no link <http://migre.me/KtJE>. Em breve,

será publicada uma edição especial em comemoração aos 50 anos do Vaticano II (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> **Documento de Medellín:** Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II e da encíclica *Populorum Progressio*, realizada, na cidade de Medellín, Colômbia, a II Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano que dá origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de Medellín. Nele se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. A conferência foi aberta pessoalmente pelo papa Paulo VI. Era a primeira vez que um papa visitava a América Latina. (Nota da IHU On-Line).

entre a religião neolítica e o cristianismo. Pode explicitar essa ideia? Em que sentido nossa época seria a superação do modelo neolítico?

**Pedro Trigo** – A religião neolítica, também a dos maias, astecas e incas na Ameríndia, se caracteriza por templos, sacerdotes e sacrifícios, e é uma religião política, no sentido mais amplo dessa palavra. Como é evidente, nos Evangelhos, Jesus desconhece o templo e, conseqüentemente, o sacrifício em sua proposta do Reino, e o seu messianismo não é político. Por isso o quarto evangelho pode colocar na boca de Jesus que chegou a hora em que não se adorará a Deus em nenhum templo. Por isso, Mateus coloca na boca de Jesus, por duas vezes, para explicar o seu proceder, a expressão de Oseias: “Eu quero misericórdia, e não sacrifícios”. Conseqüentemente, no Novo Testamento, os sacerdotes são os pagãos ou os judeus; não há sacerdotes nas comunidades, mas sim apóstolos, evangelistas, doutores, episcopos, presbíteros, diáconos... No entanto, no longo prazo, a pressão da religião neolítica é tão forte que a Ceia do Senhor passa a fazer, às vezes, do ato do culto que garante a presença protetora de Deus ao império e, posteriormente, às nações europeias. A mudança atual de época é precisamente o fim do neolítico. O cristianismo não tem nada a perder, porque, no seu núcleo constituinte, ele é heterogêneo a esse esquema. Nesse sentido, o fim da religião que se proclama é unicamente o da religião neolítica. Seria catastrófico que, por falta de discernimento, a instituição eclesial se identificasse com esse revestimento e se aprofundasse com ele.

**IHU On-Line – O senhor coloca como um dos principais desafios da atualidade, para o teólogo latino-americano, o discernimento da terceira época. O que seria essa “terceira época” e o que tem a ver com a teologia?**

**Pedro Trigo** – A primeira época da nossa região é, obviamente, a ameríndia; a segunda, a dos ibéricos, peninsulares e americanos, que se tornaram com o tempo, por causa das migrações, em ocidentais americanos. No primeiro período, os daqui e os de lá compartilharam o poder. No

## “Os teólogos vão se enclausurando na academia, e se perde a referência básica ao povo de Deus”

segundo, os americanos se emanciparam dos peninsulares. No terceiro, os ocidentais americanos admitiram no poder os das demais etnias, mas com a condição de que deixassem as suas culturas e passassem à ocidental: é o processo da modernização. Esse processo se estancou quando os ocidentais no poder preferiram acabar com a democracia ou esvaziá-la antes de permitir que mudasse a correlação de forças. Agora, muitos de etnia não ocidental se esforçam para adquirir os bens civilizatórios do Ocidente mundializado, mas não para deixar as suas culturas, mas sim para mantê-las com excelência. O discernimento mais elementar dos sinais dos tempos nos faz ver que, nesse movimento dos nossos povos, está presente o impulso do Espírito do Crucificado Ressuscitado. Portanto, resistir a ele é resistir a Deus.

O problema para o nosso cristianismo é que a instituição eclesial é ocidental americana e, por isso, não vive na transcendência e vê como uma ameaça a ela o que na realidade (no plano de Deus) é a sua salvação. A plêiade de bispos em torno de Medellín e de Puebla<sup>3</sup> se aliou, sim, com os povos como pura vivência evangélica, e os povos captaram isso com alegria e esperança. Hoje, isso não aparece tão claro ou, dependendo das regiões, aparece o contrário. Por isso a dificuldade de tirar a consequência cristã dessa época, que não é outra que a de

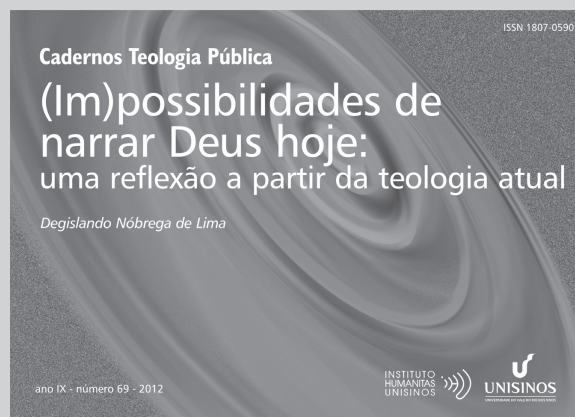
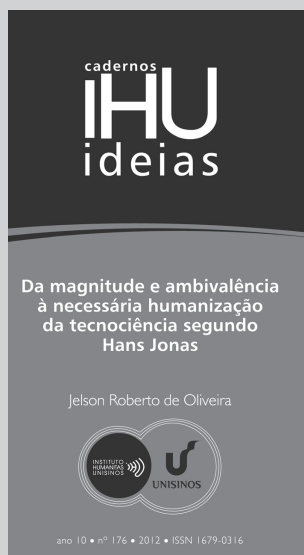
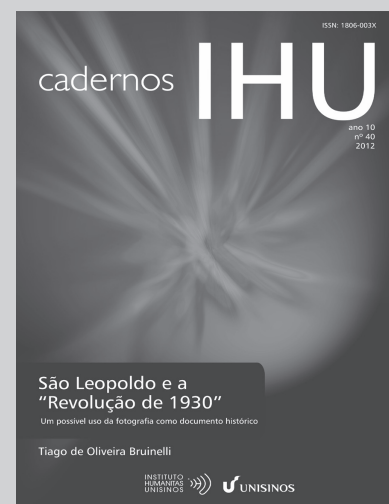
inculturar o cristianismo em cada uma das culturas populares, de modo que desses cristãos excelentes saiam padres e bispos de cada cultura: indígena, camponesa, afro-latino-americana e suburbana. Um indício de que estamos nos negando a ouvir esses sinais dos tempos é a quantidade de pessoas que estão passando para outras confissões cristãs.

**IHU On-Line – A partir dos atuais desafios que concernem a teologia, que sinais de esperança afloram desde a realidade latino-americana?**

**Pedro Trigo** – Essa é a pergunta mais importante, já que ver só o mau e não ter olhos para ver onde o Espírito atua vitoriosamente é não ver com olhos de fé. Onde vejo mais inequivocamente o Espírito atuar vitoriosamente é nos que vivem quando não há elementos para se viver, quando a vida não tem mais objetivo do que viver, porque não se pode dar a vida por óbvia. Quando essas pessoas (as que eu conheço são, acima de tudo, as dos bairros, das favelas, como vocês dizem), que passam fome, doenças de pobres, que não têm trabalho estável qualificado, que vivem desprotegidas e desprezadas, que não se deixam morrer nem se degradam para satisfazer seus instintos mais elementares, nem se convertem em feras que arrebataam à força até atropelar os que estão na frente; quando essas pessoas, no meio de tudo isso, vivem e se esforçam para viver humanamente e até dão da sua pobreza e celebram festas, é que elas vivem obedecendo ao impulso do Espírito, Senhor e doador da vida, como diz o Credo. Enquanto houver esses irmãos nossos, haverá esperança. Mas eles não aparecem nos mass media. Só é possível receber a sua influência aproximando-se deles. Poder ser amigos deles e até formar comunidade com eles é o maior presente que Deus pode dar a alguém. Também há esperança naqueles que se solidarizam até o ponto de que a sua solidariedade os configura. Pode-se começar pelo voluntariado, que pode ser apenas um estágio; mas que também pode abrir caminho na vida de alguém até configurá-la. Essas pessoas têm alegria porque descobriram um tesouro. É claro que tudo isso tem um preço. Mas já se sabe: a alegria cristã é pascal.

<sup>3</sup> A Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Puebla, no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Foi convocada pelo Papa Paulo VI, confirmada por João Paulo I e inaugurada pelo Papa João Paulo II. O tema desta conferência foi “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”. (Nota da IHU On-Line)

# CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

[WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)



## Valério Brittos, missionário da ética e da solidariedade

POR DÊNIS DE MORAES\*

Outros colegas já escreveram sobre a significativa contribuição do saudoso Valério Cruz Brittos<sup>1</sup>, símbolo da consciência ética e cidadã, aos estudos de economia política da comunicação. Junto-me a eles, sublinhando a irreparável lacuna aberta pela sua prematura passagem à dimensão dos justos, em 27 de julho último. Gostaria de dar um breve depoimento sobre outro Valério. O missionário que cumpriu na Terra o papel diferenciado de tentar fortalecer o humanismo, tanto através do trabalho intelectual persistente e agregador como da capacidade singular de dar afeto e solidariedade aos outros. Qualidades raras em um tempo de mercantilização da vida e das relações humanas.

Já no primeiro contato Valério demonstrou ser movido pela ideia da partilha. No começo da década de 2000, quando ainda cursava doutorado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal da Bahia, ele me enviou e-mail dizendo, em síntese, que havia lido escritos meus e neles identificava pontos de identidade que desejava estreitar.

Após obter o título de doutor e regressar ao Rio Grande do Sul, Valério me convidou para uma banca na pós-graduação da Unisinos. Levou-me para almoçar no bandeirão do campus e depois para jantar em um restaurante de São Leopoldo. Falamos bastante de um dos temas que nos acompanharia ao longo dos anos: a necessidade de combater desvios na vida acadêmica, quando esta se fecha em seus muros e se aparta da realidade social, tornando-se prisioneira do espírito de gueto, de mecanismos de competição estúpida, de narcisismos e de improdutividade intelectual.

Aprofundamos o conhecimento durante o curso de especialização por ele coordenado na Universidade do Contestado, em Concórdia, Santa Catarina. Lá o testemunhei como cicerone inexecedível, disposto a não poupar providências para que fosse exitoso o módulo que ministrei sobre teoria crítica da mídia. Na noite inteira de conversações em uma cantina italiana, revelou-se o Valério de carne e osso, extremamente preocupado com os destinos

\* Professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense; vem colaborando ativamente nas atividades do Grupo Cepos. E-mail: <denisdemoraes@yahoo.com.br>.

1 Confira a notícia Morre Valério Cruz Brittos, publicada pelas Notícias do Dia do IHU em 28-06-2012, em <http://bit.ly/QwuHp4>. (Nota da IHU On-Line)



individuais e coletivos, fiel à religiosidade e ecumênico, impregnado pela leveza dos sentimentos genuínos. Quase sem timidez, contou-me sua história de amor com Tati, iniciada pelas ondas do rádio. Ele, comentarista do programa de debates de uma emissora de Pelotas; ela, ouvinte e logo simpatizante de suas ideias. O cruzamento dos dois no corredor de refeitório da Universidade Católica de Pelotas, onde ele lecionava e ela, bem mais jovem, estudava ou tinha estudado. E depois o casamento.

Tudo se alterou a partir dali. Se nunca deixamos de dialogar sobre a exigência de se revitalizar o pensamento crítico frente à ofensiva ideológica despolitizadora do neoliberalismo, inclusive nas universidades; Concórdia representou o divisor de águas em termos de afinidades eletivas entre nós. As circunstâncias existenciais atravessariam os encontros presenciais e virtuais, a ressaltar a possibilidade de equilíbrio entre conhecimento e vida, de modo a não permitir que a aridez do primeiro sufoque a beleza incontornável da segunda. Ele perguntava-me, frequentemente, sobre minhas relações afetivas e os planos para o futuro imediato. Ainda me recordo de um entardecer de final de verão, em que caminhamos pelo centro de Porto

Alegre como se transitássemos pela terra da promessa à procura de sentidos para as nossas jornadas. O sentido da solidariedade social em uma quadra histórica caracterizada pela reificação e pelo egoísmo. Os sentidos para a atividade ético-política dos intelectuais progressistas, em meio à universalização da barbárie capitalista. Éramos absolutamente convergentes no inconformismo frente às desigualdades e injustiças numa sociedade em que pouquíssimos concentram renda, riqueza e poder, enquanto as imensas maiorias resistem, subalternizadas, sobrevivendo com muito menos do que o suportável.

Nos últimos meses, Valério me escrevia desolado com as amarguras que acumulava em instâncias acadêmicas e deprimido em função das esperanças diminuídas na recuperação do pai idoso e adoentado. Como fiz outras vezes, insisti para que ele deixasse as funções que dignamente exercia para além do magistério e da pesquisa a fim de cortar a proximidade com mesquinhas que o atormentavam. Ele dizia concordar comigo e falava de valores fundamentais a preservar. Como neste e-mail de 21 de maio de 2012: “Como sempre, você tem toda a razão. Isso tudo é um aprendizado. Creio que estou num

momento de reflexão, pensando o que e como fazer. Vamos ver. Só tomo todo o cuidado para a mágoa não tomar conta e não fazer o jogo de nossos oponentes, permanecendo generosos e acreditando em valores como solidariedade e fraternidade, base da sociedade mais justa que todos queremos. Também tenho me aproximado muito do movimento social, dialogando e contribuindo, na medida do possível. Mas a ‘inserção capitalista’ do Brasil é sedutora e o mundo acaba sendo o que vemos”.

Com a saúde debilitada e escavando forças para superar o esgotamento emocional, Valério não desistiu de seguir semeando. De Belém e Teresina a Lisboa e Madri, ele incansavelmente se dispunha a estimular a reflexão consequente no que definia como “périplo de viagens”, organizando ou participando de eventos que contribuíssem para a formação crítica e a democratização da comunicação. Mesmo na derradeira internação hospitalar, em estado grave, explicitava a vontade de continuar trabalhando pelo bem comum. Seu extraordinário exemplo de dedicação, honradez, combatividade, lealdade e lucidez estará sempre presente onde se faça mais urgente a luta dos homens pela emancipação.



# Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 03-09-2012 a 10-09-2012, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

## A desindustrialização precoce: Brasil perdeu o bonde do desenvolvimento?

Entrevista especial com André Nassif, economista  
Confira nas Notícias do Dia de 03-09-2012  
Acesse no link <http://migre.me/aB5cq>

A mudança macroeconômica que está ocorrendo no governo Dilma poderá “reverter o quadro de desindustrialização de modo geral”, mas possivelmente o “Brasil já tenha perdido o ‘bonde’ no sentido de conseguir dominar setores de alta tecnologia”, lamenta o economista André Nassif.

## Poluição: um problema de saúde pública

Entrevista especial com Paulo Saldiva, médico  
Confira nas Notícias do Dia de 04-09-2012  
Acesse no link <http://migre.me/aB5gm>

“Quando as mesmas empresas propõem produtos de padrões ambientais distintos em lugares diferentes, penso que é uma forma de tratar mal as pessoas. É isso que chamo de racismo ambiental: é uma forma de oferecer produtos de menor qualidade tomando partido”, assinala o médico.

## “A cultura gospel é o jeito de ser evangélico”

Entrevista com Magali do Nascimento Cunha, professora na Universidade Metodista de São Paulo  
Confira nas Notícias do Dia de 05-09-2012  
Acesse no link <http://migre.me/aB5lJ>

“Boa parte dos evangélicos pentecostais e neopentecostais são grupos que elaboram propostas religiosas com uma estreita relação com as demandas e as formas de vida do tempo presente”, diz a pesquisadora.

## Hidrelétricas comprometem conservação do Pantanal

Entrevista especial com Débora Calheiros, bióloga  
Confira nas Notícias do Dia de 06-09-2012  
Acesse no link <http://migre.me/aB5le>

“Se quisermos conservar o Pantanal, deveremos solicitar que os órgãos gestores federais e estaduais tomem uma atitude. Infelizmente, só conseguimos algum resultado através da Justiça”, lastima a bióloga.

## “A questão amianto e câncer já está bem estabelecida”

Entrevista especial com Jefferson de Freitas, médico pneumologista do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador da Freguesia do Ó, São Paulo, do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas, Farmacêuticas, Plásticas e Similares de São Paulo, e professor-instrutor do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo  
Confira nas Notícias do Dia de 07-09-2012  
Acesse no link <http://bit.ly/PPr2TL>

A fibra do amianto é cancerígena e não há “limite de tolerância segura para sua utilização”. A “tendência” é de que a produção e a comercialização diminuam gradualmente no Brasil, após a “proibição de sua utilização em Estados importantes como São Paulo”.

## Pacote de concessões não é sustentável

Entrevista com Carlos Eduardo Young, economista, leciona na UFRJ, no Instituto de Economia Industrial Médicas da Santa Casa de São Paulo  
Confira nas Notícias do Dia de 10-09-2012  
Acesse no link <http://bit.ly/QewgsG>

A discussão em torno do pacote de concessões anunciado pela presidente Dilma em meados do mês de agosto deste ano não deve ficar restrita à forma e ao embate privatista. A “questão fundamental” é de outra ordem: “Qual modelo de desenvolvimento está associado a esse pacote?”.

**Tema  
de  
Capa**

**Destques  
da Semana**

**IHU em  
Revista**

# Agenda da Eventos

*Eventos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
programados para a semana de 10-09-2012 a  
17-09-2012*

**Tema: A Doutrina de Choque (Mat Whitecross e Michael Winterbottom, Inglaterra, 2009, 79min.)**

**Evento: Ciclo de Filmes e Debates: Crise do Capitalismo no Cinema**

**Data:** 11 de setembro

**Mais informações:** <http://bit.ly/SNCz6D>

**Tema: O conceito de abundância em Feyerabend**

**Evento: IHU Ideias**

**Data:** 13 de setembro

**Mais informações:** <http://bit.ly/SxBi9h>

**Tema: Módulo 2 – A questão energética no mundo contemporâneo (3 semanas – 15h)**

**Evento: Ciclo de Estudos em Educação a Distância (EAD) – Sociedade Sustentável**

**Data:** 10-09-2012 a 29-09-2012

**Mais informações:** <http://migre.me/aB4XN>

## Evento: IHU ideias

**Data:** 13-09-2012

**Palestra:** O conceito de abundância em Feyerabend

**Palestrante:** Profa. Dra. Anna Carolina Krebs  
Pereira Regner - PPG Filosofia / Unisinos

**Horário:** 17h30min às 19h

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

**Mais informações:** <http://migre.me/aE50K>



# ACESSE AS REDES SOCIAIS DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

## FACEBOOK



## BLOG



## TWITTER



## IHU Repórter

## Sérgio Trombetta

POR GRAZIELA WOLFART E THAMIRIS MAGALHÃES

“Sou uma pessoa sensível, curiosa, inquieta, querendo sempre aprender cada vez mais. Procuro manter os valores que aprendi em casa com meus pais, tentando ser decente nesse mundo onde, às vezes, tudo é tão complicado. Sou tranquilo. Procuro sempre ouvir, dialogar e respeitar os outros. O que me incomoda é a

incoerência e a cobrança aos outros. Gosto de levar a vida com humor, o que nos salva e dá leveza à vida”. Este é o professor Sérgio Trombetta, da Unidade de Ciências Humanas da Unisinos. Saiba mais sobre a trajetória pessoal e profissional deste gaúcho, morador de Igrejinha e pai de Emanuele e Sofia.

**Origens** – Nasci em 1970, em Planalto/RS, uma pequena cidade do norte do estado, com característica agrícola muito forte. Sou o quinto filho de uma família de seis. Minha mãe faleceu há três anos e meu pai continua morando lá. Devido às condições precárias da agricultura, alguns de meus irmãos foram morar na cidade.

**Formação** – Comecei meus estudos na minha cidade natal. Depois continuei a estudar no seminário de cidade de Viamão, onde cursei Filosofia. O Seminário Maior de Viamão formou gerações de religiosos, padres, mas também bons professores leigos. Hoje ele está incorporado à PUCRS. Mais tarde, fiz o mestrado em Filosofia na PUCRS e atualmente estou com o doutorado em andamento, faltando escrever a tese.

**Carreira** – Depois de ter concluído o curso de Filosofia, comecei a carreira no magistério, trabalhando com alunos de ensino fundamental e médio. Eu ensinava Filosofia e História. Era o ano de 1992, nos municípios de Taquara e Igrejinha. Em 1996 comecei a dar aulas nas Faculdades Integradas de Taquara – Faccat e, em agosto de 1998, entrei na Unisinos. Já se vão quase 15 anos de história aqui, trabalhando com disciplinas de Antropologia, Introdução à Filosofia, e hoje concentro minha atuação dentro da Antropologia Filosófica.

**Família** – Sou casado com Janice, que é professora na rede municipal de Igrejinha, cidade onde moramos. Somos pais da Emanuele, de 12 anos, e da Sofia, de 7. Hoje, em meio às novas tecnologias, tentamos ainda educar para o amor aos

livros, à leitura. Temos que desconectar a gurizada das redes sociais, do Facebook, do Twitter, e despertar neles o amor pelos livros e a busca de uma sabedoria que só se encontra na leitura.

**Política** – Em Igrejinha tenho uma atuação política. Sou militante do Partido Socialista Brasileiro – PSB. Nesta eleição estou, de modo corajoso, concorrendo a vereador. Acredito na política feita com princípios, com seriedade.

**Nas horas livres** – Apesar de não ter muito tempo livre, gosto de poder me dedicar à leitura. Também gosto de viajar, apreciar a natureza, pescar, acampar na beira de um rio ou de uma lagoa. Não gosto de televisão. Só me sento diante dela para assistir aos jogos do meu glorioso Grêmio.



**Autores** – Minhas leituras contemplam Paulo Freire, Enrique Dussel, Levinas, Bauman, Edgar Morin, Husserl, Heidegger e Leonardo Boff.

**Filme** – Gosto de ouvir rádio e música. Em relação a filmes sou um fracasso, pois não costumo assistir.

**Religião** – Sou católico frequentador e colaborador em minha comunidade, nas equipes de liturgia. Mesmo saindo do seminário, continuo muito ligado à Igreja. Sou muito adepto à Teologia da Libertação. A Igreja que aponta para o céu não pode esquecer da situação das pessoas que vivem neste mundo.

**Sonho** – A vida é um sonho. Não há existência sem sonho, sem espe-

rança. Um de meus sonhos é ver minhas filhas crescerem, estudando, tendo uma boa educação. Outro sonho, em caráter não privado, é de que tomemos consciência de que é preciso cuidar do meio ambiente e pensar com seriedade na questão da sustentabilidade. Também sonho com um mundo em que todos nos tenhamos acesso à educação e no qual consigamos vencer a violência, para que possamos viver em uma sociedade de paz e fraternidade.

**Unisinos** – Um lugar maravilhoso, onde construo uma história há 15 anos. Isso é parte da minha vida. É uma instituição importante para a região, respeitada perante a sociedade. Admiro a Unisinos, gosto de estar aqui. É uma universidade tra-

dicional, que mantém seus valores, mas que acompanha o espírito do tempo.

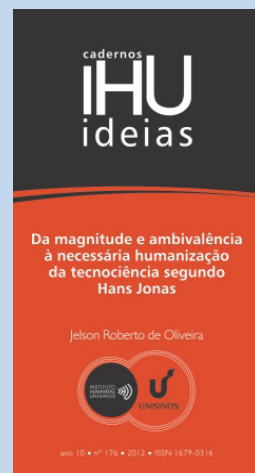
**IHU** – Recebo a revista e posso dizer que é um dos espaços em que os grandes temas pertinentes da sociedade são discutidos. Sou um propagandista do IHU para meus alunos. Não resta dúvida de que o Instituto é uma conquista importante como espaço de discussão permanente dos grandes temas. Para a Unisinos, o IHU é muito importante para o diálogo com a sociedade, inclusive por intermédio das Notícias do Dia, com reprodução de artigos de jornais.

**Uma frase** – “Só o amor é grande”, de Fernando Pessoa.

## Hans Jonas e a humanização da tecnociência

Acaba de ser publicada a 176ª edição dos Cadernos IHU ideias, intitulado “Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas”. O artigo, de autoria de Jelson Roberto de Oliveira, professor no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, analisa o diagnóstico realizado por Hans Jonas a respeito do cenário tecnológico moderno no que tange ao aumento do poder tecnocientífico e sua consequente alteração no sistema de valores, trazendo novas exigências éticas.

A versão completa desta edição estará disponível no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) a partir de 4 de outubro de 2012 para download em formato PDF. Já a versão impressa dos Cadernos IHU ideias pode ser adquirida desde já na Livraria Cultural, no campus da Unisinos ou pelo endereço [livrariaculturalsle@terra.com.br](mailto:livrariaculturalsle@terra.com.br). Informações pelo telefone (51) 3590 4888.



## Peter Phan e José M. Vigil no XIII Simpósio Internacional IHU



O XIII Simpósio Internacional IHU: Igreja, Cultura e Sociedade: A semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica ocorre de 2 a 5 de outubro de 2012.

Na manhã do último dia do evento, acontecem duas palestras: “A semântica do Mistério da Igreja no contexto das gramáticas atuais. Uma perspectiva inter-religiosa”, com o Prof. Dr. Peter C. Phan, da Georgetown University, Washington D.C./EUA; e, mais tarde, às 10:45, o Prof. Dr. José Maria Vigil, do ASETT/AL, falará sobre “O Concílio Vaticano II 50 anos depois: indicações para uma semântica do mistério da Igreja hoje”. Ambas as atividades se realizam no Auditório Central da Unisinos.

Saiba mais em <http://bit.ly/KNSrCD>

## Três concertos de Beethoven

Os amantes da música erudita que participarem do XIII Simpósio Internacional IHU: Igreja, Cultura e Sociedade: A semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica, de 2 a 5 de outubro de 2012, poderão apreciar três concertos de Beethoven assistindo à atividade “Semânticas do Mistério na Música. Audição comentada de três concertos de Beethoven”, no dia 02 de outubro, às 14h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU.

Na ocasião, a Profa. Dra. Yara Caznock, da Unesp/SP, fará a sua explanação a partir do “Concerto para

Violino e Orquestra em Ré Maior, opus 61”; do “Concerto Triplo para Piano, Violino e Violoncelo em Dó Maior, opus 56”; e do “Concerto para Piano e Orquestra nº 5, em Mi bemol Maior, – ‘Imperador’ – opus 73”, de Ludwig van Beethoven.

Mais informações podem ser obtidas em <http://bit.ly/KNSrCD>



[twitter.com/ihu](https://twitter.com/ihu)



[bit.ly/ihufacebook](http://bit.ly/ihufacebook)